

Faculdade Católica de Anápolis

Joaquim Carlos Costa dos Reis

A Liturgia do Concílio Vaticano II no documento da CNBB nº 43 e suas
incidências Pastorais.

Anápolis-GO

2024

Joaquim Carlos Costa dos Reis

A Liturgia do Concilio Vaticano II no documento da CNBB nº 43 e suas incidências Pastorais.

Trabalho de conclusão de curso teológico, elaborado pelo aluno; Joaquim Carlos costa dos Reis, sob a orientação do Professor Pe. Carlito Bernardes.

Anápolis- GO

2024

Meus sinceros agradecimentos aos formadores do Seminário São Gaspar, aos professores, orientadores e colegas, com quem pude conviver e trocar longas e boas experiências.

Dedico a meus pais, Armando Florindo dos Reis e Maria Costa dos Reis, as pessoas mais importantes para mim, pois com a simplicidade, o carinho e a coragem deles pude compreender a beleza da vida.

"Ser sacerdote é realmente orientar todas as coisas ao seu fim último, que é Deus?"

(HORTAL JESÚS)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	08
1. - CONTEXTO HISTÓRIO DA REFORMA CONCILIAR	10
1.1- O Movimento Litúrgico	10
1.2- A Liturgia Pré-conciliar: Mediador Dei	15
1.3- O Concilio Vaticano II	18
2. - A CONTRIBUIÇÃO DO CONCILIO VAT. II PARA A LITURGIA	26
2.1- A Teologia da Liturgia na Const. Sacrosanctum Concilium	26
2.2- A Espiritualidade Litúrgica na Const. Sacrosanctum Concilium	33
2.3- As Celebrações da Eucaristia e da Palavra	38
2.3-1. A Celebrações da Eucaristia	38
2.3-2. A Celebração da Palavra	51
2.4- Os Símbolos na Celebração	61
2.4-1. A Luz	61
2.4-2. As Pessoas	63
2.4-3. As Gotas de Água	65
2.4-4. A Saudação da Paz	66
2.4-5. A partícula de Hóstia no Cálice	68
2.4-6. O Cordeiro	69
2.4-7. O Templo	71
2.4-8. O Altar	72
2.4-9. As Vestes	73
2.4-10.Os Sinos	74
2.4-11.O fogo	76
2.4-12.O Incenso	78
2.5- Os Sacramentos	80
2.5-1. O Sacramento do Batismo	80
2.5-2. O Sacramento da Eucaristia	85
2.5-3. O Sacramento da Crisma	87
2.5-4. O Sacramento do Matrimônio	90
2.5-5. O Sacramento da Ordem	94

2.5-6. A Unção dos Enfermos	97
2.5-7. O Sacramento da Penitência	99
3. A LITURGIA HOJE	103
3.1- A Pastoral Litúrgica	103
3.2- Os Ministérios e Funções	106
3.3- A Palavra de Deus	110
CONCLUSÃO	115
BIBLIOGRAFIA	117

Introdução

Com alegria sempre renovada, apresentaremos a Liturgia do Concílio Vaticano II no Documento da CNBB nº43 com suas incidências pastorais. Com isto queremos revelar que a Liturgia a partir desse Concílio recebeu inovações especiais, principalmente com a cooperação inovadora dos padres conciliares.

A partir desse instante, a Igreja "abre as portas", percebendo que a Liturgia de outrora era muito insuficiente. Foi justamente nesse contexto que a Igreja estudou novas compreensões a respeito de Liturgia e os padres conciliares entenderam que a Liturgia, principalmente no divino Sacrifício da Eucaristia, se exerce a obra de nossa Redenção, contribuindo de modo excelente para que os fiéis a exprimam em suas vidas e aos outros manifestem o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja" (SC2).

Os inovadores conciliares querem, com a graça de Deus em Jesus Cristo, ver acontecendo a Liturgia como um lugar de ação de graças, um momento privilegiado de comunhão, participação e libertação do povo de Deus e ao mesmo tempo abastecimento espiritual, isto é, em que os fiéis contemplem no outro o rosto do próprio Cristo.

Para isso tornar-se mais compreensível, mostraremos os três momentos em três capítulos a nível de percepção referente à Liturgia, ou seja, como ela era trabalhada, vista e quais contribuições deu e dá à Igreja.

Nesse sentido, mostraremos resumidamente como é tratada a Liturgia em cada capítulo desta pesquisa. No primeiro capítulo, ela é exposta mais como objeto de estudo, principalmente nas concepções do Movimento Litúrgico e na *Mediador Dei*. Não que isso seja um "pecado mortal", mas é bom e necessário fazer estudos; isso é indiscutível, porém faltou a concretização destes estudos. Para a Liturgia não bastava a pesquisa, mas além disso um trabalho direto em vista da inovação. Nesse mesmo capítulo se observa uma coisa que foi bastante útil: trata-se da observância da maneira de se celebrar a Liturgia, o que se deve ao Concílio Vaticano II, quando convidava todo o povo de Deus a ser participante ativo e direto dela. No segundo capítulo, mostraremos o que realmente o Concílio Vaticano II trouxe de benefício à

Igreja e, em especial, ao campo da Liturgia, isto referindo-se a variados subtemas como: Teologia, Espiritualidade, Celebrações (Eucarística e da Palavra), Cantos, Símbolos e Sacramentos. Ora, tendo consciência dessa “luz” que o Concílio Vaticano II concedeu à Liturgia, queremos, no terceiro capítulo, expor os reflexos da Liturgia dos padres conciliares e as inovações litúrgicas cotidianas, que tratam das pastorais, ministérios e funções. Finalmente, motivados com esse tema, nosso objetivo principal consiste em melhor entender o significado concreto e verdadeiro de Liturgia proposto pelo Concílio Vaticano II e sua incidência na vida dos fiéis. Portanto, esperamos que essa temática os ajude no desempenho de nossos ministérios e funções, tanto presbiterais quanto laicais.

1. Contexto histórico da reforma conciliar

1.1- O Movimento Litúrgico

Preâmbulo

Eis o grande desafio, que é tratar de uma questão tão ampla, como no caso a Liturgia, mas a questão maior não está nessa palavra que por muitíssimas vezes será repetida nesse capítulo, e sim nas mais variadas concepções que têm os concitadores desse assunto.

Começemos a observar os caminhos altos e baixos do Movimento Litúrgico inserido no “Contexto Histórico da Reforma Conciliar”. Sem dúvida, o Iluminismo contribuiu fortemente para a expansão desse movimento, e é dentro desse conceito que surgem as várias tendências oriundas do Humanismo, tentando formar ideias absurdas sobre este vasto tema que é a Liturgia. Com isso, não queremos menosprezar os esforços feitos pelas famílias e agrupamentos sobre o que estamos tratando.

Para compreendermos melhor todas as batalhas dentro desse aparato crítico, é imprescindível que haja uma atualização em relação ao momento em que se deu o início do movimento litúrgico, momento este em que a Igreja estava praticamente sem rumo no ponto de vista litúrgico. Por outro lado, é valioso ressaltarmos que o interesse em dar um novo impulso à Liturgia surgiu com a redescoberta da própria história, baseando-se “num período tão profundamente criativo, que vai do século IV ao VI e que corresponde ao tempo em que, tanto no Oriente quanto no Ocidente, nascem as grandes “famílias litúrgicas”, isto é, agrupamentos particulares conhecidos como rito alexandrino, antioqueno, romano, galicano etc. Outro período liturgicamente importante é, para o Ocidente, o período franco dos Reis Pepino, Carlos Magno e Acuíno, seguido dos séculos X e XI pelo período franco-germânico, que age sobretudo na região que se estende a partir de Mogúncia até S. Galo¹”.

Para termos uma conclusão do que todos esses agrupamentos acima citados realmente queriam relatar sobre a Liturgia, é preciso termos uma consciência clara e

¹ VVAA. Anámnesis I - A Liturgia momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 13

adequada do grandioso acontecimento que se sintetiza na reforma litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II, por isso é necessário termos conhecimento daquilo que se costumou chamar “novo invento litúrgico”, mostrando os momentos mais significativos e, ao mesmo tempo, salientando as linhas teológicas que continuaram a seu componente essencial.

Antes de taxarmos a visão iluminista dentro do Movimento Litúrgico como retrógrada ou inovadora no campo da Liturgia, procuremos conhecer de perto, no âmbito do Humanismo religioso católico, quatro grupos e suas principais linhas de pensamento sobre Reforma Conciliar. São eles:

- “os partidários de um ceticismo radical que chegava a uma hostilidade manifesta;
- clara acentuação de contraste entre o Cristianismo positivo e a chamada religião natural, mas sem chegar a um rompimento;
- teólogos da mediação, que pretendem sustentar o ofício dogmático, mas explicando os dogmas num plano de religião moral;
- teólogos leigos que, partindo de um conhecimento profundo e honesto dos males da época, esforçavam-se por mudar a situação. Eles defendiam uma reforma no pensamento teológico e na praxe, contudo sem tocar no dogma...”²

Dito isto, fica inteligível que o objetivo primordial do iluminismo na pré-história do Movimento Litúrgico era sobretudo “a tendência para a simplificação..., para o caráter comunitário..., para a compreensão e edificação. A tendência para a simplificação ampliou-se num espaço pastoral contínuo para realizar uma comunidade litúrgica, principalmente na liturgia paroquial. Trata-se principalmente de criar entre os participantes da Liturgia uma assembleia para dar centralização objetiva à celebração litúrgica, por exemplo: evitando rezar o terço durante a Missa; de levarem os fiéis a participarem de maneira objetiva e subjetiva da Liturgia.”³

Portanto, com essa exposição sobre as ideias centrais do iluminismo no início do Movimento Litúrgico, ficou claramente entendido qual era a sua pretensão: tornar a Liturgia uma propriedade particular sua, enquanto objeto de estudo.

² Idem. p. 13

³ Id. pp 14-15

No entanto, não se pode negar que foi a partir do iluminismo, embora com suas ideias distanciadas da concepção verdadeira de Liturgia, que surgiram os verdadeiros precursores do Movimento Litúrgico com uma reação imediata contra o Iluminismo-Romantismo, para dar um novo impulso à Liturgia em pleno século XIX. Por causa do surgimento concreto do Movimento Litúrgico no século XIX, qualificaram esse século como o desprovido de graça, O Romantismo selvagem o tinha como século da restauração historicista, da técnica, da máquina, do liberalismo e do ateísmo.

Foi nessa época que, devido à admiração entusiasta pelas tradições que advinham dos bons e antigos tempos, como podia ser na Idade Média e no Barroco, entrelaçaram-se todas as tendências de reações contrárias a qualquer desejo de reforma, sobretudo se provindo do iluminismo, restauração que, num cansaço destituído de toda criatividade, tenderia apenas para a imitação. Num tempo assim assiste-se a um fato: na celebração litúrgica o povo, mais uma vez e de um modo mais propositado do que nunca, fica rebaixado ao papel de mero espectador, enquanto o sacerdote, também entregue a si mesmo, “lê a sua Missa ou a faz solenemente em função - espetáculo”.⁴

É um período de altas tensões, dos prós e dos contras, que leva a ver a Liturgia com um novo rosto. Sem dúvida, um momento como esse podemos denominar como momento “chave” na História da Liturgia, porque é quando, frente às coisas absurdas e contraditórias, o Movimento Litúrgico procura dar novos passos para que se chegasse a um conceito digno para a Liturgia. Por exemplo: “quando já a ideia de Igreja do século XIX, que era de uma igreja social, organizadora e pedagógica, tinha esgotado a própria vitalidade, foi precisamente o Movimento Litúrgico que contribuiu de modo decisivo e profundo na criação de uma ideia nova de igreja. E isto realizou-se no sentido de que os homens, libertados das estruturas fictícias das concessões passadas, o Movimento Litúrgico apresentaria não um rosto novo de Igreja, mas a revelação de um rosto que há muito tempo encontrava-se sob a sombra dos equívocos. Com efeito, procura aproximá-la o mais possível daquilo que ela era na sua mais profunda natureza, isto é, do ser

⁴ Ibid. p.18

sacramental e das suas celebrações litúrgicas, enquanto se ensinava que a Igreja é o Corpo Místico de Cristo ou este Mistério que se prolonga na sua existência humana”.⁵

Portanto, esta nova ideia de Igreja criada pelo Movimento Litúrgico começa a dar também um novo sentido de Igreja, por isso ela é bem-vista aos olhos do

Papa São Pio X, preparando a partir daí um material da vida eclesial e especialmente litúrgica, até o progressivo estender-se dessas ideias a ambientes cada vez mais amplos. Com esses três pontos de vista positivos com relação à Liturgia da Igreja, percebemos que nem sempre essas discussões eram concluídas no seio da Igreja em “Santa Harmonia”. Sempre havia os contra a reforma, enquanto existiam também os que queriam vê-la dando novos passos, tomando novos caminhos para melhor revelar o verdadeiro rosto de Deus Uno e Trino. Portanto, podemos ver os pontos de vista antagônicos, no que se refere à Liturgia: uma visão retrógrada e outra inovadora.

Os autores de grande influência sobre a Liturgia são Dom Guéranger, Belga L. Bealduim e o beneditino alemão Odo Casel que fizeram bons comentários sobre isso:

b) Para Beauduin, a Igreja é “antes de tudo elemento especificador: são Liturgia todos os atos de culto que a Igreja reconhece como próprios, como notas da própria natureza da Igreja, enquanto é social, hierárquica, universal, continuação de Cristo, santificadora ministerialmente e composta por homens. O sujeito único e universal do culto da Igreja é o Cristo Ressuscitado e glorioso, que está à direita de Deus Pai. É Ele quem exerce nosso culto... único mediador entre Deus e a humanidade, Pontífice eterno da Nova Aliança, Pontífice único que realiza aqui na terra toda a nossa Liturgia”;

c) Para Odo Casel a “Liturgia não é apenas uma intuição que nos veio de Cristo, mas é a continuação ritual (sinal-realidade) — o próprio evento da salvação torna-se presente ativo para os homens de todos os tempos e lugares, e,

⁵ Ibid. p.22

consequentemente, toda a ação litúrgica representa um suceder-se de momentos na história da salvação.

A Liturgia é sempre momento atualizador da mesma revelação, e, portanto, confere a ela um lugar central na Teologia”⁶

Desses três pensamentos citados, o que mais se aproxima da renovação litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II é o de Odo Casel, pois é a partir dessa nova visão que o concílio prepara o seu terreno e começa a abrir novos horizontes sobre a Liturgia.

O Movimento Litúrgico, queira ou não, teve um papel importantíssimo na História da Igreja. Ele a levou a perceber que não estava correta a maneira de ela caminhar, e foi a partir de então que se fizeram vários encontros para discutir a questão até o momento mais transparente. No entanto, é verdade também que, se não tivessem acontecido todas essas discussões, não tinha acontecido também o Concílio Vaticano II. Fica nítido portanto que, se houve o Concílio, este não se realizou por acaso, mas para dar respostas a tantas exigências, em especial a algo que andava por linhas muito tortuosas, embora muitas coisas já houvessem ficado claras sobre a Liturgia da Igreja, sobretudo por alguns inovadores procedentes do Movimento Litúrgico.

Observemos então as palavras de sua Santidade o Papa Pio XII, proferidas aos participantes do Congresso de Assis: “O Movimento Litúrgico surge como um sinal de disposições providenciais de Deus para o tempo presente, como uma passagem do Espírito Santo em sua Igreja, para aproximar os homens dos Mistérios da Fé e das riquezas da graça, que decorrem da participação ativa dos fiéis na vida litúrgica”.⁷ Por isso, a Santa Sé promove o Movimento Litúrgico e o protege de erros e deficiências.

Portanto, com essa breve síntese sobre o Movimento Litúrgico, apesar de às vezes um pouco emaranhadas as ideias destes grandes pesquisadores em relação à Igreja e à Liturgia, ficou claro que estes fizeram algo positivo, tanto para a Igreja

⁶ Ibid. pp. 89-91;94 cf. também in VVAA. A Celebração na igreja I – Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola: 1990 p. 127, nº 4 e BETTE, bernard OSB. O movimento litúrgico. São Paulo: Paulinas: 1978, pp. 101-102.

⁷ VVAA. A Celebração na Igreja I - Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990, p. 135; cf. também Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 787

quanto em especial para a Liturgia, o que não podemos deixar de reconhecer. Temos certeza de que essas considerações foram suficientes para podermos tirar algumas de nossas dúvidas com relação ao novo caminho tomado pela Liturgia da Igreja dentro do contexto da Reforma Conciliar. Procuremos, entretanto, nos informar mais um pouco sobre esse mesmo assunto no próximo subcapítulo.

1.2- A Liturgia Pré-conciliar: Mediador Dei

Aqui queremos continuar tratando sobre liturgia, mas agora mostrando seus avanços, impulsos e melhorias tidas por intermédio da Encíclica Mediador Dei do Papa Pio XII, editada e lançada em vinte de fevereiro de mil novecentos e quarenta e sete (20/02/1947). É bom de antemão sabermos que esta encíclica, embora sublinhada das ideias de Beauduin, tinha também suas limitações, que se observam por duas linhas de considerações complementares. “De um lado ela tinha uma síntese doutrinai do problema litúrgico em nível teológico-ecclesial, e, do outro, as evidências vividas até o ponto de aparecer uma segunda intenção. Com efeito, tenta-se afirmar que o reconhecido valor teológico da Liturgia não deve levar a ignorar o fato de que, certas posições doutrinai e práticas introduzidas no assunto litúrgico ou a ela atribuídas polemicamente, são insustentáveis porque são ‘contaminadas de erros que dizem respeito à fé e à doutrina ascética’”⁸

Portanto, Pio XII com suas encíclicas procurou corrigir os caminhos tortos até então surgidos em tomo da Liturgia. O Papa quis dar uma resposta àqueles estudiosos que diziam ser “os renovadores da Liturgia, que eles não passavam de uns eufóricos que gostavam de se manter equivocados”, pois percebiam que erravam mais do que acertavam em suas teorias. Pio XII, como sucessor de São Pedro, observando todos esses movimentos em tomo da Liturgia, “demonstra-se rigidamente inflexível (impassível) frente às mais variadas posições doutrinai, práticas e tendências que iam abrindo novos caminhos, vejamos por exemplo: introdução da língua vulgar na Liturgia; relação entre celebração e concelebração (Missa); missa privada e missa de comunhão; sacerdócio universal; direitos litúrgicos

⁸ VVAA Anámnese I A liturgia, momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, 1987, pp. 95-96

dos fiéis; piedade litúrgica e piedade privada; devoções litúrgicas e devoções privadas; devoções e exercícios de piedade; piedade objetiva e subjetiva e assim por diante. Pretendia a Encíclica colocar-se numa posição de equilíbrio: manter ainda mais intacta a prevalência do valor da Liturgia, mas ao mesmo tempo reafirmar a validade de todas as outras formas religiosas sem fugir da realidade litúrgica”.⁹

Pio XII em sua Encíclica revela a sua insatisfação frente a certos exageros no campo litúrgico e entra em choque com algumas teorias da sociedade de sua época, por isso quer apagar de uma vez por todas os conceitos e teorias contrárias surgidas antes e durante o seu pontificado. Preocupado em dar um novo vestuário à Liturgia, sua Encíclica *Mediador Dei* seguiu diretamente um plano teológico “e o seu primeiro gesto foi o de limpar e enxugar o terreno de qualquer consideração litúrgica que não segue esse plano, e conseqüentemente quem mudasse de rumo seria considerado não verdadeiro junto à Liturgia, que também seria não exata, tanto a noção que reduz apenas a parte externa quanto a interna do culto divino ou cerimonial decorativo dele, quanto aquela segundo a qual a Liturgia verdadeira é mera forma de leis e preceitos com as quais a autoridade hierárquica da Igreja regulava a realização de ritos”.¹⁰

Portanto, Pio XII nessa Encíclica faz questão de colocar um ponto apreciativo quanto ao equilíbrio dos ritos dentro da Liturgia. Quando ele assim age, quer afirmar que a Liturgia deveria ser a celebração concreta da Revelação, não uma fantasia que tratasse de algo externo, estético e “jurídico”. Essas duas concepções, como não poderia deixar de ser, foram contestadas por Pio XII, o que sem dúvida já se esperava dele, pois vivia angustiado com as posições estranhas que representavam a ciência eclesiástica oficial da época no que dizia respeito à Liturgia. Foi a partir desses momentos de insatisfação que vieram os grandes debates sobre a questão litúrgica que Pio XII lançou em sua Encíclica *Mediador Dei*, aprovada por outros bispos que queriam resgatar por definitivo para o seio da Igreja o sentido correto e

⁹ Ibid. p.96; cf. também VVAA. A Celebração na Igreja I. Liturgia e sacramentologia. São Paulo: Loyola, 1990, p. 135

¹⁰ VVAA Anámnese I A Liturgia, momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 96; cf. também VVAA. A Celebração na Igreja I. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990, pp. 134-135

verdadeiro da Liturgia, tendo, portanto, como tema central dessa Encíclica a Sagrada Liturgia.

Por isso não foi tão fácil como se pensava, mas Pio XI, consciente da sua função de Pastor da Igreja, após várias reflexões sobre o que vinha acontecendo, ergue a cabeça e dá um impulso à Liturgia, e é aqui então que ele merece toda referência e aplauso do povo de Deus. A partir desse momento, por exemplo, “a Encíclica apresenta a Liturgia como o meio principal dado à Igreja para continuar o ofício sacerdotal da Igreja de Cristo, e, mais adiante, a Liturgia sem dúvida alguma como o exercício do sacerdócio de Cristo”¹¹, ou seja, o seu próprio sacerdócio em ato. Por isso deduziu-se que a Liturgia é, pois, o culto público que o nosso Redentor, cabeça da Igreja, presta ao Pai Celeste, e que a comunidade dos fiéis presta ao seu fundador e através dela, ao Pai. Mais brevemente: a Liturgia é o culto público total do Corpo Místico de Cristo, cabeça e membros”

No parágrafo anterior compreendemos a situação pela qual estava passando Pio XII por causa de sua sede de mudança. No entanto, deve ficar entendido que não podemos mudar a liturgia se nos limitamos aos conceitos em papéis, senão somente no exercê-la, no celebrá-la com carinho e com o amor de uma mãe para com seu filho. A posição de Pio XII foi fundamental e, com essa nova visão de celebrá-la, a Igreja começa a abrir novos horizontes, começa a desfazer-se de tudo aquilo que ficava longe do sentido concreto da Liturgia. É aqui, portanto, que a Encíclica *Mediator Dei* nos mostra reforçadamente, por exemplo, que “a Liturgia da Igreja não é outra coisa senão a continuação ininterrupta do culto prestado por Cristo durante a sua vida terrena, e exatamente na dupla dimensão de glorificação a Deus e satisfação dos homens. Esse princípio forma o elemento base da natureza teológica da Liturgia e tem seu fundamento, por sua vez, em dois pontos complementares entre si: a natureza cultural da Igreja e a presença de Cristo Mediador e sacerdote na Igreja”¹²

¹¹ Idem, p.97; idem, p.134; cf. também *Dicionário de Liturgia I*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 641; *L'osservatore Romano* n° 48, 29 de novembro de 1997, p. 20

¹² VVAA Anámnese I. *A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 98; cf. também *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 642; *Bíblia Sagrada Ed. Pastoral*. São Paulo: Paulinas 1990, Ef. 1, 4

Com esse esclarecimento assim proposto, o Pontífice quer dizer-nos que é por meio da Liturgia que somos convidados a prestar culto a Cristo e, ao mesmo tempo, a glorificar e agradecer a Deus motivados pelo Espírito Santo. E mais: “é na Liturgia que nos alimentamos em Cristo e nos oferecemos com Ele ao Pai” (cf. M.D.). Portanto, é uma dinamicidade-reciprocidade, que acontece no momento litúrgico: Deus na pessoa de seu Filho Jesus aos cristãos, povo de Deus a caminho da libertação.

Nas apreciações expostas, observamos mais de perto a compreensão com relação à Liturgia pela Encíclica e nela percebemos indutivamente o carinho e respeito do pontífice pela Liturgia. Detectamos também o avanço que a Liturgia obteve com esse documento, através do zelo desse Pastor em trazer novamente um sentido mais claro de Liturgia. Ressaltamos isso porque, após várias pesquisas, percebemos, como citamos anteriormente, mais exageros e erros do que acertos com relação à Liturgia. Ela era praticamente tida como fonte de estudo na mão de alguns teólogos, mas por outro lado a Encíclica também deixou muito a desejar quando se fala no sentido de Liturgia e Igreja, por exemplo: “a Liturgia volta a ser para a Encíclica um fato predominantemente clerical e pertencente à Igreja-corpo apenas enquanto em nome dela é exercida pelos sacerdotes e pelos ministros da Igreja e para os religiosos para isso delegados. Com efeito, afirma-se claramente, por exemplo, que a oferta interior com a qual o povo participa da Missa é algo que “se refere ao culto litúrgico como tal”, mas que não é Liturgia”¹³.

Ao fazermos, portanto, essas apreciações sobre a Encíclica Mediador Dei, ficou compreensível que apesar de todos os esforços e tentativas de Pio XII em dar uma nova visão à Liturgia, também teve ela suas sérias limitações. Para compreendermos então esta descrição sobre Liturgia, é importante levar em conta o contexto em que a Encíclica foi trabalhada e, ao mesmo tempo, observá-la como era no início e durante o período do Movimento Litúrgico.

1.3 – O Concílio Vaticano II

¹³ VVAA. Anámnese I. A liturgia, momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, p. 102

Antes de começarmos a trabalhar a Liturgia no Concílio Ecumênico Vaticano II, é justo recordar que tanto o Movimento Litúrgico quanto a Encíclica *Mediador Dei* de Pio XII, apesar de seus avanços e retrocessos, contribuíram o máximo para a renovação litúrgica, mas indubitavelmente foi a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II que a Liturgia vai tornando mais clara a ação verdadeira da presença de Jesus Cristo atuando e operando na história da salvação.

Quando falamos em Liturgia e ressaltamos que ela recebeu uma atenção mais especial no Concílio Vaticano II, não queremos insinuar que nos dois primeiros subcapítulos ela não tenha obtido momentos de glória, mas a questão primária em que se achava a Igreja estava em razão dos momentos de tensões, pesquisas e mais pesquisas, procurando estudar formas que dessem novo rosto à Liturgia. Todas essas buscas e tentativas feitas pelo Movimento Litúrgico e a Encíclica *Mediador Dei* não surtiram os grandes efeitos esperados pela Igreja em relação à Liturgia, devido não terem transformado seus objetivos em gestos concretos. Por isso, a Igreja — teólogos — em vez de tratar da Liturgia (celebração da Palavra e da Eucaristia), de sua riqueza espiritual e pastoral, levaram em consideração no estudo da reforma litúrgica mais a questão no sentido científico, moral, dogmático e legal-jurídico. Isso refletiu como um antidiálogo com o mundo em desenvolvimento, e ao mesmo instante, como não aceitação das suas limitações. Muitas vezes, a Liturgia era vista não como um momento histórico da salvação, mas como tribunal de julgamento ou teatro.

É nesse contexto, frente a todas essas e outras contradições e tendões que existiam no interior da Igreja, que urge a necessidade de convocar-se um novo concílio, denominado de Concílio Ecumênico Vaticano II. Essa convocação sucedeu-se “em vinte e cinco de janeiro de mil novecentos e cinquenta e nove (25/01/59), quando se concluiu a Semana de Preces pela União dos Cristãos. Foi a partir de então que João XXIII anunciou a sua decisão de convocar um novo concílio. A surpresa foi geral, tanto mais que o clima de Guerra Fria era ainda predominante e se temia que durasse indefinidamente. Anos depois, realiza-se o riquíssimo sonho do Papa João XXIII, dando-se o início do Concílio Ecumênico Vaticano II, em onze de outubro de mil novecentos e sessenta e dois (11/10/62), com a presença de cerca

de dois mil e quinhentos (2500) padres conciliares. A assembleia, basicamente europeia no Vaticano I, surpreendia, dessa vez, por sua maciça internacionalização, e pelo relativo peso das jovens igrejas: trinta e três por cento (33%) das assembleias eram constituídas pela Europa Ocidental; treze por cento (13%) pelos Estados Unidos da América (EUA) e pelo Canadá; vinte e dois por cento (22%) pela América Latina; dez por cento (10%) pela Ásia; dez por cento (10%) pela África Negra; três vírgula cinco por cento (3,5%) pelo Mundo Árabe e dois vírgula cinco por cento (2,5%) pela Oceania”¹⁴.

Nessa mesma convocação, João XXIII lembrava sua dupla responsabilidade de Bispo de Roma e de Pastor da Igreja Universal, demonstrando ter já amadurecido uma resolução em favor de algumas formas antigas de asseveração doutrinária de sábias orientações de disciplina eclesiástica que, na história da Igreja em período de renovação, deram frutos de extraordinária eficácia: “tremendo um pouco de comoção e ao mesmo tempo com humildade, resolução e propósito, o nome e a proposta de um sínodo diocesano para a urbe, e de um concílio geral para a Igreja Universal”.¹⁵

Tratando-se de concílio e até mesmo pelo fato de o desejo deste ter sido manifestado ao término da Semana de Preces Pela União dos Cristãos, vários bispos e padres desmotivados achariam que o Concílio Ecumênico Vaticano II não passaria de um concílio de união, mas foi justamente onde muitos se equivocaram. Portanto, o Papa João XXIII em seu enunciado sobre a convocação de um novo concílio foi incisivo, mostrando aos seus companheiros de caminhada que: “não se trataria de um concílio de união entre as tradições cristãs divididas, como se chegou a falar, mas o evento conciliar deveria marcar uma virada na disposição católica de se envolver no processo ecumênico. A “pastoralidade” do Concílio como superação da dicotomia doutrina - disciplina, favorecendo uma consideração global das exigências da Igreja, no seu interior e nas suas relações com a sociedade, referia-se à efetiva liberdade do Concílio, em que os bispos deveriam ser os verdadeiros

¹⁴ ALBERIGO, Giuseppe. *História dos concílios ecumênicos*. São Paulo. Paulus, 1995, p. 394
Ibid. pp. 397-398; cf. também VVAA. *Nova história da igreja. A igreja na sociedade liberal e no mundo moderno*. Petrópolis; vozes 1976, p. 180; VVAA. *O vaticano II e a Igreja latino-americana*. São Paulo: Paulus 1985, pp 18-19

¹⁵ ALBERIGO, Giuseppe. *História dos concílios ecumênicos*. São Paulo. Paulus, 1995, p. 395

protagonistas, saindo da atualidade passiva que, sobretudo depois das definições de mil oitocentos e setenta (1870), caracterizava o episcopado católico”.¹⁶

O Concílio Ecumênico Vaticano II, antes de tudo, veio com a responsabilidade de fazer acontecer no seio da Igreja a missão, na qual todos os cristãos deveriam conscientizar-se de sua função dentro da Igreja, em seu espaço de atuação. Todos deveriam ter o pleno conhecimento de que o Concílio não havia acontecido por acaso, mas aconteceu no momento certo, ou seja, num período em que a Igreja estava perdendo de vista a sua dimensão principal no mundo, que é, antes de tudo, tornar-se missionária e continuadora do projeto de Deus e do seu Filho Jesus Cristo. “Por isso, no Concílio a Igreja foi chamada a ser a renovação do encontro com a face de Jesus Ressuscitado, ‘Rei glorioso e imortal’; a ser a retomada mais enérgica da resposta do mundo todo, do mundo moderno ao encontro do Senhor”¹⁷,

Com o suceder da grande reunião do Concílio, todos os cristãos passam a ser convidados e convocados a levar a sério as funções que o próprio Jesus lhes confiou, através do testemunho da Igreja, na Santíssima Trindade. E mais, o Concílio tem a árdua missão de concretizar a Aliança entre Jesus e a sua Igreja. Ou seja, “o novo concílio é chamado a ser celebração solene da união de Cristo e da sua Igreja e constituir ocasião para o conhecimento mais amplo e objetivo das possibilidades da Igreja frente à sociedade humana e ao futuro; adotando diante deles uma atitude de acolhimento e não de condenação”.¹⁸

Com o acontecimento do Concílio, o Papa João XXIII convida toda a Igreja a se iluminar e redescobrir sua autoconsciência, para que ela cresça em riqueza espiritual, olhe corajosamente para o futuro mediante oportunas atualizações. É preciso, pois, discernir os sinais dos tempos, superando as insinuações de almas que, embora ardentes de zelo, carecem de senso, de discernimento e de medidas, que só veem nos tempos modernos prevaricações e ruínas que as levam a dizer que a nossa época é pior, comparada com os tempos passados.

O concílio Ecumênico Vaticano II convida também a Igreja a preocupar-se em melhorar não só em nível de hierarquia, doutrinas e dogmas, mas também em

¹⁶ Ibid. pp. 397-398

¹⁷ ALBERIGO, Giuseppe. *História dos concílios ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 398; cf. também VVAA. *O Vaticano II e a Igreja latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 38

¹⁸ ALBERIGO, Giuseppe. *História dos concílios ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 400

âmbito geral e, em especial, em relação à Liturgia Eucarística e à Liturgia da Palavra, que anos depois do Concílio Tridentino estavam monopolizadas nas mãos de alguns teólogos, perdendo de vista o seu valor original e autêntico. E graças à sensibilidade do Papa João XXIII, que era um pastor de posições claras, firmes e dotado de generosidade em seu pontificado, conseguiu manter a abertura ao diálogo e àquilo que era eficaz para todos, como no caso das mudanças que favorecessem uma melhor participação e engajamento sem distinção, em que todos pudessem ser respeitados e se sentissem motivados a colaborar na construção do Reino de Deus.

E nesse sentido que, alimentado pela mística joanina do amor, verdade, caridade e justiça, João XXIII, durante o Concílio Ecumênico Vaticano II, voltava o olhar carinhoso à Liturgia, dando-lhe imensa importância, tendo ele em vista que antes de tudo “a Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força. Pois os trabalhos apostólicos se ordenam a isso: que todos, feitos pela fé e pelo Batismo filhos de Deus, juntos se reúnam, louvem a Deus no meio da Igreja, participem do sacrifício e comam a Ceia do Senhor”.¹⁹

Mesmo diante do acontecimento imprevisto do falecimento do Papa João XXIII no dia três de junho de mil novecentos e sessenta e três (03/06/63), dia de Pentecostes, e apesar de a Igreja sofrer com o perecimento deste grande “pilare” inspirador da inovação litúrgica da Igreja Católica e Apostólica Universal, vale ressaltar que ela não ficou estática, mas, ao contrário, continuou dando passos benéficos, agora com o sucessor de João XXIII, o arcebispo de Milão, o Cardeal João Batista Montini, que, com a nomeação de Papa, passou a ser chamado Papa Paulo VI. Essa nomeação deu-se no conclave entre os dias dezenove e vinte e um de junho de mil novecentos e sessenta e três (19-21/06/63), logo após a morte de seu antecessor João XXIII. No entanto, as diretrizes iniciadas pelo Papa João XXIII foram continuadas pelo seu sucessor, o Papa Paulo VI.

Podemos observar que a preocupação de Paulo VI era tão grande que, logo ao assumir o seu pontificado, fez recordar os quatro objetivos propostos por João XXIII para o Concílio Ecumênico Vaticano II: “(1) a exposição da Teologia da Igreja,

¹⁹ *Compêndio do Vaticano II; Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 265, n° 10

(2) da sua renovação interior, (3) aprovação da unidade dos Cristãos e, (4) enfim, o diálogo com o mundo contemporâneo”.²⁰ Assim como João XXIII quis priorizar a Liturgia no Concílio Vaticano II, Paulo VI não duvidou da importância desta na Igreja e, diante dessa certeza incontestável, contou com a participação de padres na colaboração e elaboração de uma constituição litúrgica tão esperada e desejada, que fosse “capaz de suscitar energias imensas em torno do projeto, de realizar uma participação plena e ativa de todo o povo na Liturgia e por isso na vida da Igreja”.²¹

O pastoreio de João XXIII, levado em frente por Paulo VI, sem dúvida contribuiu para que a constituição litúrgica viesse dar uma visão oposta àquela que se tinha no momento. É importante também percebermos o quanto a ideia sugerida por João XXIII foi louvável para questionar a mentalidade de Igreja que se tinha com relação à Liturgia. Como confirmação disso, vimos que a maioria dos padres conciliares não se opuseram, mas aderiram ao projeto de João XXIII e, juntamente com seu sucessor Paulo VI, solidarizaram-se com ele na aprovação e promulgação da constituição litúrgica, para que viesse a corresponder não apenas aos apelos da Igreja hierárquica, mas a toda a Igreja Povo de Deus, como sua tão almejada participação ativa e plena.

No Concílio Ecumênico Vaticano II, o ideal de Liturgia de João XXIII prosseguido por Paulo VI não foi outra coisa a não ser declarar a verdade de que “na Liturgia a Igreja revela seu mistério íntimo de amor para com Deus. Na Liturgia a Igreja sente-se abraçada e santificada pelo grande Mistério da Unidade. Unidos com Cristo, todos os membros da Igreja sentem uma só coisa entre si. O Santo Sacrifício e os sacramentos são ao mesmo tempo Mistério de Fé e Mistério de Unidade. O centro do Mistério da Unidade e do amor que opera reunindo e santificando”.²²

Tanto em João XXIII como em Paulo VI, ao idealizarem e posteriormente concretizarem a Constituição Litúrgica, o intuito e a preocupação primordial não estavam meramente em elaborar o tratado, mas sim em fazer acontecer a partir dela a fonte de água viva, fonte esta donde todos os que participassem pudessem saciar-

²⁰ ALBERIGO, Giuseppe. *História dos concílios ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 410; cf. também VVAA *O Vaticano II e a Igreja latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 65.

²¹ *Ibid.* p. 416; cf. também HARING, Bernardo. *Vaticano II: o concílio dos irmãos*. Editorial Perpétuo Socorro, 1975, p. 48

²² *Ibid.* p. 48

se dessa água para sempre: “quem beber desta água que eu der, nunca mais terá sede. Pois a quem eu der esta água, tornará uma fonte que jorra para a Vida Eterna”.²³ Portanto, cientes da riqueza infinita que há na Liturgia, onde Cristo se faz presente no seu Corpo e no seu Sangue, é que João XXIII e Paulo VI motivam toda a Igreja a ter uma participação mais ativa na Liturgia, que é onde se celebra a presença e memória de Jesus Cristo operante e atuante na luta, na vida e na história do Povo de Deus.

Diante de tudo isso que foi visto com referência à Liturgia no Concílio Ecumênico Vaticano II, deve ficar claro que a Liturgia se realiza com a disponibilidade à renovação espiritual e a conversão contínua. Isso foi sem dúvida uma grande dádiva, sobretudo para o aumento dum fé viva e atuante, ao mesmo tempo para a fraternidade, solidariedade e a unidade da Igreja. A renovação litúrgica conciliar nos revela que “a devoção litúrgica deve ser a continuação da proximidade experimentável do Verbo Encarnado em Jesus feito Homem, e no mesmo instante experiência de fé, segundo as conhecidas palavras de São Magno: *‘Quod Redemptoris nostri conspicuum, in sacramenta transivit’*. A união eucarística do sacrifício, enquanto possível, deve inserir-se no campo da experiência dos homens”.²⁴

Por isso, com a afirmação do que falamos a respeito de Liturgia do Concílio Ecumênico Vaticano II, é interessante situarmo-nos e observar como ela era tratada antes do Concílio e como está no momento. Para percebermos isso, seria válido fazer essa breve apreciação em relação à variedade de línguas e formas litúrgicas, salvaguardada naturalmente a estrutura fundamental e essencial, que dessa forma pode ressaltar a amorosa consideração e valorização de línguas e culturas diversas, o que será a prova mais válida da catolicidade da Igreja e o melhor testemunho dela. A unidade do Corpo Místico de Cristo é diferente da uniformidade coletivista e ditatorial, precisamente em virtude da sua unidade rica, que reconhece com satisfação a variedade de dons e vocações naturais e sobrenaturais de cada indivíduo e de cada comunidade.

²³ Jo 4,14 in *Bíblia Sagrada*; Ed Pastoral, 1997

²⁴ HARING, Bernardo. *Vaticano II: o concílio dos irmãos*. Editorial Perpétuo Socorro. 1975, p. 53

Ao fecharmos este primeiro capítulo, onde trabalhamos a Liturgia em três subtemas, não queremos aplaudir um e menosprezar outro, pois conseguimos notar em todos as contribuições que deram à renovação litúrgica. O que devemos entender por definitivo é que são diversas as conceituações nesse fim, mas que cada uma delas serviu para se chegar a um consenso mais viável e convincente.

2. A contribuição do concílio ecumênico Vaticano II à Liturgia

2.1 – A teologia da Liturgia na Constituição Sacrosantum Concilium

Neste segundo capítulo procuraremos compreender as contribuições que o Concílio Ecumênico Vaticano II trouxe à Liturgia. Por isso, antes de discorrermos sobre o assunto na questão propriamente dita, é importante saber os pontos que iremos abordar:

- 2.1.1 - A Teologia da Liturgia na Constituição Sacrosantum Concilium;
- 2.1.2 - A espiritualidade litúrgica;
- 2.1.3 - As celebrações da Eucaristia;
- 2.1.4 - As celebrações da Palavra;
- 2.1.5 - Cantos;
- 2.1.6 - Símbolos;
- 2.1.7 - Os sacramentos.

A Teologia da Liturgia na Constituição Sacrosantum Concilium quer nos mostrar que “ela não parte de uma pesquisa 'a priori', mas orientado por uma nova leitura e por uma reflexão da Liturgia em explicação 'pastoral', a tal ponto que seria mais certo se se falasse, a propósito do Concílio, de uma teologia da celebração litúrgica”.²⁵

Diante desta ótica, o Concílio Ecumênico Vaticano II lembra as fases críticas no sentido pejorativo por que passou a Igreja referente à Liturgia nos tempos passados, tornando-a como uma "Liturgia-fato tradicional" e ao mesmo tempo como “Liturgia-valor jurídico”, como citamos anteriormente no capítulo I, e convida a Igreja a motivar-se e a permanecer firme na ideia de se formular uma Liturgia "Viva" ou melhor, fazer dela uma celebração autêntica e eficaz, que produza frutos oriundos da relação Fé e Vida.

A Constituição Sacrosantum Concilium quer levar-nos a uma nova maneira de celebrar. O concílio percebeu a importância e a riqueza infinita que há na

²⁵ VVAA Anamnesis I. *A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 106

celebração litúrgica, priorizando a participação nela não só da hierarquia, mas também de todos os leigos, visto que desde o Concílio Tridentino estavam praticamente fora da Liturgia, tendo ela ficado anos e anos monopolizados nas mãos da hierarquia (teólogos).

Por isso, o Concílio critica as concepções negativas a respeito dos leigos e as sana, partindo de uma visão mais concreta e esperançosa, que agrada a Deus e a sua Igreja na totalidade em que: “a Liturgia tomava o lugar da verdadeira Tradição, isto é, transmissão do Mistério de Jesus Cristo através de um rito que ao mesmo tempo é realização e revelação do mesmo mistério, de modo sempre novo e sempre adaptado ao suceder dos tempos e ao variar dos lugares”.²⁶ Essa viável e tão esperada visão de Liturgia adotada pelo Concílio Vaticano II na Constituição Sacrosanctum Concilium quer nos revelar que a Liturgia é como a ação de Cristo, ou seja, Mistério de Salvação operante na Igreja, contínua, sendo o Mistério de Cristo na forma do mistério cultural para todos os dela queiram participar.

Observemos os momentos altos e baixos da Liturgia. Ora, se a partir do Concílio Tridentino até o Concílio Ecumênico Vaticano II a hierarquia assumia a Liturgia em sua totalidade e os fiéis eram tidos somente como assistentes ou meros espectadores, após o Concílio Vaticano II as ideias foram renovadas. A partir do Vaticano II, tanto a Igreja ministerial quanto a Igreja laical deveriam exercer suas funções específicas, variando de acordo com o ministério que cada cristão desempenha dentro da Liturgia no seio da Igreja. Com o Concílio Vaticano II, os leigos, através do reconhecimento do sacerdócio comum do batismo, passam a se sentir mais valorizados, não só por estarem trabalhando dentro da Igreja, mas por se sentirem respeitados e úteis ao serviço da Messe do Senhor que se confirma e se completa na participação do ministério da Eucaristia. No entanto, já surgiram tantas funções que os leigos já não querem mais assumir.

A Teologia presente na Constituição Sacrosanctum Concilium nos suscitou a compreender que é na Liturgia, sem dúvida, que acontece o momento sagrado da Revelação enquanto história da Salvação, enquanto realização do Mistério de Cristo, motivo de toda a Revelação. Como isso fica inteligível, mais de que nunca, que é a

²⁶ Idem, p. 106

Liturgia a que em último lugar constitui o tempo da Igreja. Portanto, feitas essas observações, podemos afirmar conscientemente que a “Liturgia é tida como o exercício do *múnus* sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada de modo peculiar a cada sinal, realizando a santificação do homem; e é exercício do culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, cabeça e membro. Ou seja, toda celebração como obra de Cristo sacerdote e de seu corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualdade por nenhuma ação da Igreja”²⁷ Por outro lado, Paulo VI e padres conciliares expressam carinhosamente o cuidado de elaborar uma nova teologia da liturgia que fosse voltada à integração do Povo de Deus, teologia esta que mostrasse a Liturgia como momento último da Páscoa de Cristo, que será posto em contato com os homens e, através Dele, “os homens são convidados a participar desse momento que é tão importante como a Celebração da Eucaristia, assim como os Apóstolos na Ceia do Senhor, ou seja, no ato da instituição da Eucaristia”.²⁸

A Liturgia na Constituição *Sacrosanctum Concilium* é bem mais ampla, concreta e mais participativa do que no conceito de Liturgia que se tinha antes do Concílio Vaticano II, Enquanto a Liturgia Tridentina ficava detida entre os quatro pilares do templo, tornando-se monopólio de alguns e fechando as portas à participação laical, o Concílio se contrapõe à maneira de celebrar a Liturgia que se estava desenvolvendo na Igreja de então, por empobrecer demasiadamente o sentido da mesma. Tendo-se em mente que ela é continuação da obra salvífica de Jesus Cristo, é preciso dizer que a presença de Cristo na Liturgia deve ser considerada em relação ao seu mistério, porque Ele é o fato que realiza a Palavra de Salvação de Deus, considerada uma realidade já indestrutível. Portanto, Paulo VI e seus coadjuvantes na Constituição *Sacrosanctum Concilium* nos deixaram bem nítido que “a Liturgia não é só aquela forma de oração comunitária e eclesial em que a leitura da Sagrada Escritura é uma característica particular, mas também uma forma de culto da qual a Sagrada Escritura constitui um elemento essencial. Por

²⁷ *Compêndio Vaticano II, Constituições, decretos e declarações. In Constituição Sacrosanctum Concilium.*

Petrópolis: Vozes, 1989 p. 264, n.º 7; VVAA Anámnese I. *A liturgia, momento histórico da salvação.* São Paulo: Paulinas, 1987, p 112

²⁸ *Bíblia Sagrada.* Mt 26,26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22; Jo 6, 51-58; ICor 11, 23-25

isso, se por um lado a Sagrada Escritura é o anúncio perene do projeto divino de salvação, a Liturgia é a sua realização ritual”.²⁹

Na Liturgia, portanto, a Sagrada Escritura tem um papel fundamental: deixa de ser uma palavra morta, para assumir cada vez mais o anúncio-proclamação de um evento de salvação aí presente. Esta dinamicidade e reciprocidade entre Liturgia e Sagrada Escritura leva o homem a glorificar, bendizer e exaltar de júbilo a tão grandiosa bondade de Deus manifestada no seu Filho Jesus Cristo. Essa reciprocidade não acontece somente entre a Sagrada Escritura e a Liturgia, mas também entre Deus e os homens, quando estes adoram e reverenciam ao Senhor, cultuando-o através de sua vida. Por isso, os fiéis devem ficar cientes de que Deus amou imensamente o mundo e que através de Jesus na Liturgia “quer salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todos os homens, havendo outrora falado muitas vezes de muitos modos aos pais pelos profetas, e, quando veio a plenitude dos tempos, enviou Seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, para evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como médico corporal e espiritual. Mediador entre Deus e os homens. Sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa Salvação. Pelo que, em Cristo, ocorreu a perfeita santificação de nossa reconciliação do culto divino”³⁰ De fato, a Constituição Sacrosanctum Concilium quer ajudar a motivar os fiéis a participarem da Liturgia, de uma forma tão alegre quanto consciente, porque nela há a presença de Jesus Cristo, Corpo-Sangue, a “Palavra encarnada” e atuante, motivo de júbilo e alegria a todos os que nele acreditam. Mas na Liturgia, mesmo havendo a presença de Jesus Cristo, só há a transformação da vida dos homens se os mesmos deixarem espaços para Jesus agir neles e, através deles, na comunidade onde atuam. Portanto, Jesus só se torna hóspede na vida e no coração daqueles que se deixam ser habitados por Ele. (Jo 1,1- 18)-

A Teologia da Liturgia Sacrosanctum Concilium quer ver acontecer a integração de fé e vida dos fiéis cristãos motivados pela Liturgia; essa integração exige por parte daqueles que participam do acontecimento litúrgico uma

²⁹ VVAA, *Anámnese I. A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 123

³⁰ *Compêndio Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. In Constituição Sacrosanctum Concilium*. Petrópolis: Vozes, p. 26 nº 5

transformação interior profundamente humana e aberta ao absoluto de Deus. Por isso, é na Liturgia sobretudo que se realizam vários sinais, como por exemplo nos sacramentos do Batismo e Eucaristia oriundos da presença de Jesus Cristo em cada ser humano, fazendo deles outros tantos adoradores. Isto é, pela Liturgia, os homens são penetrados no tempo e na ação santificadora de Jesus Cristo, tornando-se mediante isso e nesse momento “adoradores em verdade no Espírito Santo. Daí que a Liturgia cessa de ser, por extraordinário que pareça, a forma cristã da virtude da religião, para se tornar expressão de fé, isto é, daquela atitude pela qual se aceita a Deus antes de tudo como Salvador, ou melhor, como aquele que num ato de amor eterno tem o desígnio de salvação para os seus. De fato, a Liturgia não é a ação pela qual os homens se juntam a Deus, mas é, antes de tudo, a ação pela qual Deus em Jesus Cristo entra em contato com os homens. No entanto, a religião pode nascer também do temor de Deus; mas a Liturgia é somente uma emanção do amor de Deus pelos homens e pode ser praticada realmente só por quem for motivado pelo amor para com Deus”³¹. Entretanto, a salvação dos homens tornou-se mais concreta e eficaz, devido à “encarnação da Palavra, isto é, devido à humanidade em Jesus Cristo feito homem, semelhando-se a nós, exceto no pecado, para nos salvar e elevar-nos ao Pai”.³²

Sendo a Igreja corresponsável de continuar a obra de Jesus Cristo em um mundo tão dilacerado por discórdia e injustiça, é função dela semear a paz, amor, justiça e fraternidade. Quando mencionamos a palavra Igreja, não nos referimos diretamente àqueles ou àquelas que foram ordenados ou consagrados, ou que fazem parte da hierarquia, mas todos os cristãos batizados. Daí que é por intermédio do “Batismo a nós confiado, que os homens são inseridos no Mistério Pascal de Cristo. Com Ele mortos, com Ele sepultados, com Ele ressuscitados, recebemos o Espírito de adoção de filhos pelo qual clamamos: Abba Pai (Rm 8, 15), e assim nos tornamos adoradores procurados pelo Pai. Da mesma forma, toda vez que comemos a Ceia do Senhor, anunciamos a Sua morte até que venha. Por esse motivo, no próprio dia de Pentecostes, no qual a Igreja apareceu ao mundo, os que receberam a Palavra de Pedro, foram batizados. E perseveraram na doutrina dos

³¹ VVAA, *Anámnese I. A liturgia: momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 128

³² Bíblia Sagrada, Jo 1, 1-18

Apóstolos, na comunhão da fração do Pão e nas orações, louvando a Deus e cativando a simpatia de todos os povos”³³. E deve ser também este, o entusiasmo, a força e a coragem de todos os que participam da Liturgia: mistério de Cristo. Quem, portanto, participar da Liturgia, possa também assumir com atitude e compromisso de verdadeiro cristão, segundo a Boa Nova de Jesus Cristo, testemunhando os ensinamentos do Cristo que vive para sempre.

Ora, a Igreja, sendo a Porta-voz de Jesus Cristo, ou seja, incumbida de propagar a salvação a todos os povos, é ciente de que “a Sagrada Liturgia não esgota toda a ação de Igreja, por isso mesmo, ela anuncia aos não crentes a mensagem da Salvação, para que todos: homens e mulheres conheçam o único e verdadeiro Deus e aquele que enviou Jesus Cristo; com isso, os que ouvirem atentamente a mensagem que salva e liberta, são motivados a converterem-se de seus caminhos errôneos, fazendo penitência. Aos que creem, porém, sempre deve pregar-lhes a fé e a penitência. Deve, no entanto, além disso, dar-lhes Sacramentos, ensinar-lhes a observar tudo o que Cristo mandou, principalmente o compromisso com a caridade, piedade e apostolado”.³⁴ Portanto, agindo dessa forma, os fiéis cristãos estão demonstrando que não são deste mundo, e sim, sal da terra e luz do mundo àqueles que glorificam ao Pai diante dos homens,

A Teologia na Constituição Sacrosanctum Concilium revela aos cristãos a riqueza extraordinária existente na Liturgia. Ela insiste em esclarecer e conscientizar os fiéis sobre a importância da celebração litúrgica renovada na vida da Igreja e na caminhada do povo. Ao mesmo tempo reforça declarando que a Liturgia é a primeira e indispensável fonte da qual os fiéis devem saciar-se e que deve inspirar o espírito de verdadeiro cristão. Embora a Liturgia seja um culto da majestade divina, encerram-se nela também grandes ensinamentos ao povo fiel, por isso todos os homens devem ser conhecedores da presença de Deus por ela, onde Jesus anuncia a Boa Nova de Salvação. Nela o povo de Deus ora com cânticos, ora com o coração e agradece por tão grande amor quando recebe do Pai a promessa do Reino. Daí uma retribuição que deveria vir diretamente dos fiéis em forma de trabalhos

³³ *Compêndio Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. In Constituição Sacrosanctum Concilium.* Petrópolis: Vozes, 1989, p. 262 nº 6

³⁴ *Idem*, p. 265 nº 9

pastorais para a colaboração no grande Projeto de Deus que é nos ver todos felizes e arrebanhados. Essa Teologia quer ver acontecer a caminhada da Igreja toda, tanto os pastores quanto os fiéis, trabalhando nessa tão grande messe do Senhor, sem distinção, num sacerdócio comum, pois “Jesus fez de nós um reino, sacerdotes para Deus, seu Pai” (Ap 1, 6) em que cada qual, no seu ministério específico, descobrisse-se como filho e filha de um mesmo Pai, reunidos numa só família.

Por sua vez, a Teologia da Constituição Sacrosanctum Concilium não está preocupada em classificar as partes que mais se destacam na celebração litúrgica, mas sim levar os cristãos a compreenderem que, “saciados pelos sacramentos Pascais, sejam concordes na piedade; que rezem e conservem em suas vidas o que receberam pela fé. A renovação da Aliança do Senhor com os homens na Eucaristia solicita e estimula os fiéis para a caridade imperiosa de Cristo. Da Liturgia, portanto, mas da Eucaristia principalmente, como de uma fonte, deriva-se a graça para nós e com a maior eficácia é obtida aquela santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus, para a qual, como a seu fim, tendem todas as demais obras da Igreja”.³⁵ A Teologia da Liturgia sem dúvida nos mostra a riqueza abundante que possui, não simplesmente ela em si, mas pelo fato de que, devido vir na caminhada de vários sacramentos, cada um expressa a importância da presença de Jesus Cristo ressuscitado à sua maneira. Por outro lado, deve ficar compreendido por todos que, “a Liturgia não é só a primeira depositária da fé, mas é ainda à sua luz que a fé deve ser compreendida. Nela o homem entra em contato com o dado da fé e, na compreensão do Mistério de Jesus Cristo, pode chegar ao conhecimento mais profundo de todas as outras realidades divinas, de que Cristo é o próprio Sacramento”.³⁶

Feitas essas apreciações, entendemos que indubitavelmente a Liturgia é a celebração memorial do Mistério de Cristo, e, como tal, sempre apresentará o significado do que se celebra. Por isso, todas as vezes que os fiéis se reúnem, estão celebrando o memorial vivo de Jesus Cristo que perpassa de geração em geração. Entretanto, conscientizemo-nos de que a Constituição Sacrosanctum Concilium nos

³⁵ *Compêndio Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. In Constituição Sacrosanctum Concilium.* Petrópolis: Vozes, 1989, p. 265

³⁶ *Dicionário de Liturgia.* São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1186

ajudou a perceber que a Liturgia não gira em torno de “leis jurídicas humanas”, mas ao redor da pessoa de Jesus Cristo. Portanto, é cabível ressaltarmos que “a Liturgia, mais do que um lugar teológico, é a epifania da vida da Igreja, devendo projetar-se nas comunidades e no fazer teológico como um novo estilo de viver como cristão praticante de uma teologia renovada.

O mais importante na Teologia da Liturgia é que possamos considerá-la como critério prioritário no conhecimento teológico, no culto e nas formas concretas da existência cristã. Por isso, o método da Teologia da Liturgia compreende três momentos: “em primeiro lugar, determina o conhecimento litúrgico; em segundo, analisa-o teologicamente; e, por fim, apresenta uma síntese do conteúdo a partir do seu significado e do testemunho. O objetivo específico da Teologia da Liturgia é o seu caráter escatológico, cuja função essencial é realizar a plenitude do mistério da Igreja, até tornar-se a epifania do Reino de Deus”.³⁷

Apreciadas essas afirmações a respeito das respectivas contribuições que este subcapítulo trouxe à Liturgia, concluímos que ela, na Constituição Sacrosanctum Concilium deu grande avanço em comparação ao Concílio Tridentino. Agora o que deve ficar claro é que não é pelo fato de o Concílio Ecumênico Vaticano II ter estudado e reestruturado uma nova maneira de celebrar a Liturgia, que vai eliminar todos os exageros, os monopólios nas celebrações; isso depende como toda a Igreja compreende essa renovação litúrgica, lá onde existe a comunidade para ser colocada em prática.

2.2 – A Espiritualidade Litúrgica na Constituição Sacrosanctum Concilium.

Nesse subcapítulo procuremos perceber e entender toda a riqueza que há na Espiritualidade Litúrgica. Quando falamos em “riqueza espiritual”, acreditamos piamente que essa espiritualidade fortalece e anima a Liturgia e todos que se tornam participantes dela. Eis aí, portanto, a imensa importância que devemos depositar na Espiritualidade Litúrgica.

³⁷VVAA *A Celebração na Igreja I. Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990, pp. 239-240

A espiritualidade é o modo de ser cristão de empostar suas atitudes, comportamentos e seu relacionamento com Deus, com os irmãos e com o mundo que o cerca. É o modo de pensar, viver e agir dos cristãos, tendo como referência o projeto de Deus Pai, revelado em Jesus Cristo e continuado presente na força do Espírito Santo, especialmente através da Igreja. É o estilo de vida que marca a maneira de aceitar o dom da filiação, fundamento da fraternidade.

Vida espiritual significa uma vida entendida, orientada e alimentada a partir do Espírito de Deus, isto é, viver e participar da nova vida revelada na Páscoa e no Pentecostes.

A espiritualidade litúrgica é, por sua vez, o mesmo que espiritualidade da Igreja. A Igreja, comunidade de vida inspirada no modelo da comunhão trinitária, é o lugar por excelência em que se vive e se celebra a atuação do Espírito Santo dinamizando a caminhada dos cristãos, os quais, organizados como o povo de Deus peregrino, entre temores e esperanças, vivem a presença do mistério do Senhor caminhando em seu meio, à sua frente. A Liturgia que celebra esse mistério é a fonte primária e indispensável da vida cristã.

Quando mencionamos no subcapítulo anterior que “a Liturgia não esgota toda a ação da Igreja”³⁸, não queremos dizer que a Igreja deve limitar-se apenas à Liturgia, mas deve ir além, porque foi a partir dos Apóstolos que se confiou à Igreja a missão de propagar e continuar a obra da Boa-nova de Jesus Cristo em todos os confins da terra. Por isso, sabendo que a Liturgia não consegue abarcar toda a ação da Igreja, é lícito ressaltar que é ela o sustento de toda a sua caminhada, ou seja, “a Liturgia é o cume para a qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força. Pois os trabalhos apostólicos se ordenam a isso: que todos feitos pela fé e pelo Batismo filhos de Deus, juntos se reúnam, louvem a Deus no meio da Igreja, participem do Sacrifício e comam a Ceia do Senhor”.³⁹ Graças à abundante riqueza espiritual existente na Liturgia, os fiéis que dela participam, alimentados pela Palavra de Deus e dom da Eucaristia, conseguem testemunhar as maravilhas de Deus e as obras de seu Filho Jesus Cristo.

³⁸ *Compêndio vaticano II In Sacrosanctum Concilium*. Petrópolis: vozes 1989, p. 265 nº 9

³⁹ *Idem*, p. 265 nº10; cf também *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas 1992, p. 373

Por outro lado, é lícito recordarmos que há dois aspectos do único no único mistério que celebramos: um denominamos de Liturgia terrena, enquanto o outro chamamos de Liturgia celeste. Uma dá sequência à outra; não chegamos à Liturgia celeste sem antes passarmos pela Liturgia terrena. Feita essa análise, compreendemos que “na Liturgia terrena, antegozando, participamos da Liturgia celeste, que se celebra na Cidade Santa de Jerusalém, para a qual peregrinos nos encaminhamos. Lá Jesus Cristo está sentado à direita da Deus Pai, ministro do santuário e do tabernáculo verdadeiro; com toda a milícia do exército celestial entoamos um hino de glória ao Senhor e, venerando a memória dos santos, esperamos fazer parte da sociedade deles; suspiramos pelo Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até que Ele, nossa vida, se manifeste e nós apareçamos com Ele na glória”.⁴⁰ Por isso, cremos realmente que é da Liturgia que brota o entusiasmo, a motivação e a coragem para caminharmos, e também é dela que adquirimos força através de nossa fé para realizar o vastíssimo plano do Senhor que está sempre presente na sua Igreja, de modo tal que as ações litúrgicas são exercícios concretos do sacerdócio de Nosso Senhor Jesus Cristo, são ações sagradas de modo tão eminente, que constituem simplesmente o “ápice e a fonte” de toda a ação da Igreja, embora sem esgotá-la.

Falando da imensa contribuição que a Espiritualidade litúrgica recebeu da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, é indispensável a sua preciosidade com referência ao destaque que ela deu à Liturgia.

A Espiritualidade Litúrgica revela a Liturgia como princípio e preceito, que quer e deve explicar-se na totalidade de uma vida espiritual, que por sua vez reconduz à ação litúrgica como ao seu vértice e auge, ou seja, a Liturgia é compreendida dentro dessa nova perspectiva como uma fonte de “água viva” (Jo 4, 14), donde todos os que dela participam com a devida abertura ao novo conseguirão abastecer-se para enfrentar a longa e dura caminhada. Quando ressaltamos a devida participação, não nos referimos às pessoas que vão à Igreja-templo apenas como espectadores, ou melhor, como assistentes que vão somente cumprir o preceito ou porque é uma tradição. O Concílio quer nos mostrar que “a

⁴⁰ Ibidem, p. 264, nº 8

Espiritualidade Litúrgica é, portanto, a atitude cristã mais abrangente, com que se reconhece a realidade eminente da Liturgia e nela se vê a fonte e o ápice da vida cristã ao longo da peregrinação rumo ao cumprimento pleno da mesma no reino eterno de Deus”.⁴¹

Assim como todas as associações têm suas diretrizes principais a alcançar, a Espiritualidade Litúrgica, mesmo não sendo uma associação, tem também seus objetivos específicos, por isso é conveniente e indispensável se colocar em pauta o objetivo primeiro da Espiritualidade Litúrgica na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, Entretanto, “a primeira tarefa da Espiritualidade Litúrgica consiste em cumprir de modo devido tal ação sagrada e nela tomar parte de modo consciente, ativo e frutuoso mediante a participação plena. Aí se encontra a primeira e mais importante fonte em que os fiéis podem beber o autêntico espírito cristão. Isso vale tanto para o sacerdote e os que servem o Altar como também para os fiéis”.⁴²

Daí que urge a necessidade primeiramente de os presbíteros alimentarem-se conscientemente da Sagrada Liturgia devido serem os principais incumbidos a representar a pessoa do próprio Jesus Cristo entre os homens. No momento da Sagrada Eucaristia, eles também se sentem motivados e encorajados a participar conscientemente também do momento tão precioso que é a Liturgia. Ela é um momento preciosíssimo, não apenas por ser “ação de Cristo entre os homens”, mas também porque ela foi ontem, hoje e será sempre a atualização do evento salvífico de Nosso Senhor Jesus Cristo presente na sua Igreja. Por outro lado, o Concílio faz questão de referendar com nitidez que “a Espiritualidade Litúrgica tem a sua essência, ela é a atitude abrangente do homem espiritual com que ele constrói, na fé, toda a sua vida humana e espiritual, segundo os mistérios de Jesus Cristo, na participação ativa da Liturgia da Igreja”.⁴³ E mais: a Espiritualidade Litúrgica, portanto, coloca enfaticamente em primeiro lugar a celebração da própria Liturgia e a contemplação, como por exemplo: na meditação piedosa e silenciosa feita depois da Liturgia, é que somos inseridos no mistério de Cristo, na ação salvífica dele em toda

⁴¹ *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 374; 381; cf. também CAMPOS, P.N. *A Igreja do povo de Deus e a liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1966, p. 58

⁴² *Compêndio Vaticano II. Sacrosanctum Concilium*. Petrópolis: Vozes, 1989, pp. 266-268; cf. também *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 374-375

⁴³ *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 381

a sua extensão e profundidade. Por isso, a partir dessas considerações feitas pelos padres conciliares que dizem respeito à Espiritualidade Litúrgica, cremos que “ela é no seu conjunto uma espiritualidade sacramental, isto é, consiste na disponibilidade para celebrar os grandes sacramentos da Igreja de modo vivo, como participação consciente, ativa e plena de fé, em conformidade com a norma de tais sacramentos, para inserir toda a vida nas dimensões incomensuráveis da obra salvífica de Jesus Cristo”.⁴⁴

Não podemos então deixar de salientar que a Espiritualidade Litúrgica deixa inteligível que a vida espiritual é uma vida determinada e nutrida pelo Espírito que Jesus prometeu e derramou no dia de Pentecostes. E o próprio Espírito que, dando testemunho ao nosso espírito de que todos nós, homens e mulheres, somos filhos e filhas de Deus, leva-nos a viver como irmãos e irmãs e a construir um mundo sinal do Reino que Deus quer para a sua família. É a Espiritualidade Litúrgica que fortifica e alimenta a Liturgia, porque coloca Jesus Cristo como seu centro, e é caracterizada como espiritualidade sacramental. Portanto, podemos denominá-la como o “exercício autêntico da vida cristã, como a vida em Cristo, enraizada no sacramento da Iniciação cristã e que se atualiza nas diversas ações litúrgicas, especialmente na participação ativa da Eucaristia, da qual nasce e para qual tende o testemunho na esperança da feliz realização do Reino”.⁴⁵ Podemos dizer que a Espiritualidade Litúrgica na Constituição Sacrosanctum Concilium é repleta de esperança e ao mesmo tempo entusiasmante e incentivadora, porque nos mostra o verdadeiro rosto da Liturgia, apresentado a nós como sinal e presença de Jesus ressuscitado, do instrumento da graça que se desenvolve na celebração da Palavra, da Eucaristia e dos outros sacramentos que nela existem. E ainda, coloca que nem os sacerdotes nem os fiéis estão isentos de beber dessa fonte, a Liturgia, pois todos os batizados são motivados e convidados a beber da água desta fonte que dura para sempre; e uma vez alimentados, felizes caminharão eternamente. Dentro desta mesma linha otimista, o próprio São Paulo nos adverte que “é para a liberdade que nos criou” (G1 5,1). Por isso, é preciso lutar com perseverança para não cairmos sob o jugo da

⁴⁴ Idem. p. 386

⁴⁵ *Animação litúrgica*. Documentos da CNBB, n.º 43. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 58

escravidão. Toda a nossa existência cristã deve ser um combate espiritual pela vida de acordo com o Evangelho, com as armas de Deus.

Só desse modo, baseando-nos na bondade de Deus, é que sem dúvida recebemos a força e certeza de nossa vitória sobre o mal, vitória do amor sobre o mal, vitória do amor de Cristo ao qual ninguém pode resistir. Portanto, “a Espiritualidade Litúrgica é por sua vez o mesmo que espiritualidade da Igreja. A Igreja, comunidade de vida inspirada num modelo da comunhão trinitária, é o lugar por excelência em que se vive e celebra a atuação do Espírito Santo dinamizando a caminhada dos cristãos, os quais, organizados como povo de Deus peregrino, entre temores e esperanças, vivem a certeza da presença do mistério de Jesus Cristo em seu meio, caminhando à sua frente. A Liturgia que celebra este mistério é a fonte primária e indispensável da vida cristã”⁴⁶.

Concluindo este subcapítulo, fica claro aos nossos olhos que a Espiritualidade Litúrgica incentivada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II é a vida segundo o Espírito, ou seja, uma vida cristã, fundamentada no Batismo, na Confirmação e no exercício da participação eucarística e na oração da Igreja, enquadrada dinamicamente no ano litúrgico. Por isso, é toda uma vida edificada sobre os dados objetivos das celebrações litúrgicas dos sacramentos e da oração da Igreja. A Espiritualidade Litúrgica revela a Liturgia como ação de Cristo e memorial pascal, do qual surge e emerge a vida cristã. Portanto, por ser o memorial “Vivo” do mistério pascal, a Espiritualidade Litúrgica coloca o cristão num processo de renovação e incessante desenvolvimento à luz da caminhada da história salvífica. Isto nos ajuda cada vez mais a compreender que a Espiritualidade Litúrgica é o exercício autêntico da vida cristã, como vida em Cristo e na Igreja pela força do Espírito Santo.

2.3 – As Celebrações:

Celebração da Eucaristia e Celebração da Palavra

2.3-1) A Celebração da Eucaristia

⁴⁶ *Linha 4. Dimensão Litúrgica da CNBB, Por um novo impulso à vida litúrgica.* São Paulo: Paulinas. 1988, p. 125 n.º 112

Vamos, nesta temática da Celebração da Eucaristia, mostrar algumas das possíveis contribuições que o Concílio Ecumênico Vaticano II trouxe em relação à Celebração da Eucaristia. No entanto, é importante perceber que no desenvolver deste subcapítulo iremos observar as possíveis diferenças, ou melhor, descobrir que a Celebração da Eucaristia é diferente de todas as outras celebrações, por tratar do acontecimento do mistério de Cristo (pão se torna Corpo e vinho se torna Sangue).

Olhemos, portanto, com carinho para esse tão importante assunto, que trata do fundamental sentido que sustenta a nossa Igreja, merecendo toda a nossa admiração e respeito, porque nele está o centro de nossa vida de cristãos e resistência de todos os que em Deus acreditam pela pessoa de Jesus Cristo na colaboração de sua Igreja.

Antes de entrarmos no assunto em questão, é bom salientar que aqui iremos compreender a celebração da Eucaristia em dois sentidos: celebração da eucaristia como ação de graças e celebração da eucaristia como ceia fraterna ou ceia do Senhor.

Antes de começarmos a desenvolver o subcapítulo da Celebração da Eucaristia como Ação de Graças, procuremos saber a origem da própria palavra “EUCARISTIA”. “A palavra Eucaristia é de origem grega e, por sua vez, uma tradução da palavra hebraica BERAKAH”.⁴⁷ O termo *Berakah*, que é também traduzido como oração, exprime não apenas um agradecimento pelo benefício obtido, mas muito mais que isso. A *Berakah* expressa uma resposta de sinceridade num mesclado de gratidão, louvor, profissão de fé, reconhecimento, adoração diante de Deus, diante do bem recebido, diante do fato. Portanto, o “conceito de *Berakah* hebraica traduz o que a língua grega procura expressar por três palavras distintas: *Euloguen (eulogia)*, que significa louvar, enaltecer. No latim é traduzido por *benedicere*, dizer o bem. *Eucharistein (eucaristia)*, que significa agradecer; no latim: *gratias agere*. *Exomologuein (exomologia ou exomolôgesis)*, que significa confessar a fé, reconhecer; no latim: *confiteri*”⁴⁸.

A Celebração da Eucaristia como ação de Graças leva o homem a ficar em íntima relação com o seu Deus Criador. Nela o homem é, portanto, convidado a

⁴⁷ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. Op. cit., p. 79

⁴⁸ Idem, p. 81

perceber as grandes maravilhas que Deus fez e faz em seu favor, e como resposta os homens, após o reconhecimento da bênção de Deus, fazem a oferta do amor e da justiça, retribuem a Deus através de agradecimentos, através dos quais descobrem que é Deus que nos faz o bem, é dele que recebemos a bênção.

Após ter feito essa breve análise da palavra Eucaristia quanto à origem e seus respectivos significados, fica mais fácil a sua compreensão; e a partir de então podemos enunciar, com o íntimo de nosso ser e com toda a nossa vida, que: “a Celebração da Eucaristia como Ação de Graças é, portanto, uma oração-atitude dirigida a Deus, que nasce de um fato maravilhoso. Diante desse fato atribuído à grandeza e ao poder de Deus, o homem, em três atitudes fundamentais, admira-se e prorrompe em aclamações, narrando o fato maravilhoso. A primeira atitude é o louvor, o enaltecimento de Deus; nela o homem bendiz o Senhor, atribui-lhe o milagre, o fato maravilhoso. A segunda é a profissão de fé; reconhecendo que Deus operou a maravilha, o homem sente-se pequeno, aceita Deus como Senhor, essa atitude inclui também a adoração. A terceira atitude se origina da presença de um fato maravilhoso, enquanto foi um benefício para o homem; é o agradecimento. Diante da maravilha da semente que brota, que cresce e chega a flor e fruto, o homem exclama: milagre! Após a exclamação, vem a reflexão sobre o fato. O homem sente-se devedor e exclama: obrigado!”⁴⁹ Com isso, podemos então dizer que a Celebração da Eucaristia como Ação de Graças quer fazer o homem desfazer-se de tudo o que o escraviza, para reverenciar-se e reconhecer Deus Uno e Trino como autor da bondade infinita e indispensável a todos os que querem gozar da libertação e salvação integral.

A Celebração da Eucaristia como Ação de Graças não tem sua importância apenas pelas atitudes de reconhecimento do homem para com Deus através do louvor, agradecimento, enaltecimento etc., mas também porque a Celebração da Eucaristia constitui uma festa comemorativa de um grande acontecimento: Paixão – Morte - Ressurreição de Jesus Cristo. Esse é o principal acontecimento de toda Celebração da Eucaristia: é Jesus Cristo o “centro”, o causador e motivo de as pessoas aglomerarem-se para louvar e agradecer a Deus por este tão precioso

⁴⁹ Ibidem, pp 81 -82

presente, o seu Filho Jesus Cristo para nos arrebatarmos dos pecados e nos dar a salvação. Celebrar a Eucaristia é ainda receber o amor e a bondade infinita de Deus; é também lembrar os fatos passados: “A Páscoa da Libertação, que é antes de tudo a passagem do Senhor (Ex 12,11), a passagem de Deus na figura do anjo exterminador que passou adiante ao ver o sangue do Cordeiro sobre as vergas das portas das casas habitadas por hebreus. Páscoa, nesta primeira etapa significa ainda a libertação da angústia do povo na situação de morte entre o Mar Vermelho e o exército inimigo. Mas, englobando tudo, páscoa vem designar aquela realidade profunda da passagem do povo de Israel da escravidão para a liberdade, conduzido pela mão poderosa de Deus; páscoa é viver a partir de Deus.

O segundo ponto alto dessa passagem de Deus verificou-se no deserto, junto ao Monte Sinai. O povo devia partir do Egito para sacrificar-se no deserto (Ex 5,3). Lá, aos pés do Sinai, Deus fez uma promessa ao povo: se obedecerdes à minha voz e se guardardes a minha aliança, vós sereis o meu povo particular entre todos os povos. Toda a terra é minha, mas vós me sereis um reino de sacerdotes e uma nação consagrada (Ex 19, 4-6)⁵⁰. Celebrar a Eucaristia, portanto, é fazer a aliança com o Deus da Vida. E muito mais que isso, é exercitar todos os dias de nossa vida o amor a Deus e entre os irmãos.

Pois bem, se verificarmos com a devida consciência e a disponibilidade de aceitação o tão importante ato que é a Eucaristia-Missa, perceberemos que na Celebração da Eucaristia (como Ação de Graças) ocorre a Verdadeira Páscoa, visto que é nela que se sucede e celebra o grande mistério, ou seja, a Nova Páscoa, na Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, em que todos os homens recebem a salvação.

Isso sem dúvida o evangelista Lucas deixou bem nítido, quando em seu evangelho relata a frase sobre a Eucaristia, pronunciada pelo próprio Jesus Cristo, dizendo: “isto é o meu Corpo que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Do mesmo modo tomou o cálice, depois de ceiar, dizendo: este cálice é a nova aliança do meu sangue, que é derramado por vós”.⁵¹

⁵⁰ Ibid. p 83

⁵¹ cf. in. Lc 22,19-20

Observamos claramente que nas palavras de Cristo existem elementos da Páscoa antiga, como: “isto é o meu corpo que é dado por vós”, e assim nos é revelada a comunhão de projetos, reciprocidade entre o Pai e o Filho. Portanto, o símbolo pão- Corpo dado dá-nos o elemento da Páscoa do Cordeiro. Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, a ser imolado para servir de alimento e de sinal da verdadeira passagem de Deus, pela qual se realizou a libertação do gênero humano, em contato direto com Ele através de seu Filho, e esta passagem se faz também em quem renova o rito. Outro fator importante sobre a Eucaristia está nas palavras usadas em relação ao cálice, quando Cristo diz: “este cálice é a Nova Aliança em meu Sangue, que é derramado por vós”, que constituem o sinal vinho-Sangue derramado em que se manifesta o outro aspecto da Páscoa hebraica: “o Sangue da Aliança oferecido e aspergido no sacrifício do Monte Sinai, pelo qual o povo se tornou um reino de sacerdotes”, como citamos anteriormente.

Os padres conciliares, cientes de que são continuadores do mistério de Jesus Cristo e imbuídos pelo espírito de renovação tanto interna quanto externa da Igreja, quiseram fazer da Celebração da Eucaristia ação de graças uma continuação do “memorial da Morte e ressurreição de Cristo, o qual foi confiado à Igreja; doravante seu sacrifício está presente aos homens que continuarão fazendo o que Cristo fez, isto é, a memória ritual da Paixão e Ressurreição. Portanto, o acontecimento já passado perpetua-se através do rito que contém e o torna presente. Daí que, ‘fazei isto em memória de mim’ significa também ‘fazei de vossas vidas uma ação de graças’, sede vós também, a meu exemplo, corpo dado e sangue derramado em favor de vossos irmãos. Sede também vós bênção, Eucaristia para vossos irmãos. Então a vossa Eucaristia será verdadeira”.⁵² Eucaristia é também fazer o outro ter vida em abundância, é fazer o outro participar das coisas boas que tenho (Jo 10,10); celebrar a Eucaristia, é querer fazer concretizar a igualdade entre todos, assim como Jesus; celebrar a Eucaristia é participar do mesmo ideal de Jesus Cristo. Mas, para celebrar a Eucaristia com o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, é preciso que haja a participação de todos: corpo e alma, com o espírito de solidariedade e fraternidade,

⁵² BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. Op. Cit., pp. 88-89

cantando jubilosos, louvando e bendizendo o nome de Jesus Cristo glorioso, o qual nos amou imensamente, dando sua vida para a libertação e salvação de todos.

Após termos analisado a Celebração da Eucaristia como Ação de Graça, detectamos que há uma diferença extraordinária e essencial entre a Eucaristia de Cristo e a dos judeus no Antigo Testamento. A maravilha das maravilhas não são mais as intervenções de Deus na história de Israel, sobretudo na libertação do Egito, mas a própria obra de Cristo, sua Encarnação, sua vida e sobretudo, a sua Paixão, Morte e Ressurreição, a verdadeira Páscoa, a verdadeira libertação da humanidade. Com isso, proclamamos que a Eucaristia é o sacrifício dos cristãos, pois, em cada celebração eucarística, morremos um pouco mais de nós mesmos e ressuscitamos um pouco mais em Jesus Cristo. Compreendemos, portanto, que a Eucaristia-Missa é o sacrifício da Igreja, isto é, de Cristo, de seus membros e de todos nós. Por isso, em cada Eucaristia-Missa renovamos a Aliança à qual o Pai nos chamou pelo Batismo. Essa é a importância e o significado de nossa Celebração Eucarística como Ação de Graças.

Neste momento vamos narrar a Celebração da Eucaristia como Ceia Fraternal ou Ceia do Senhor. No entanto, é bom tentarmos descobrir a diferença desta com relação à Celebração da Eucaristia como Ação de Graças. Enquanto a Celebração da Eucaristia como Ação de Graças se baseia mais na questão de sua dimensão vertical, ou seja, no relacionamento de algo do homem com Deus, na sua dimensão sacrificial, a Celebração da Eucaristia como Ceia Fraternal ou Ceia do Senhor é mais profunda, pois leva-nos a mergulhar mais no sentido do próprio ofertório ou preparação das ofertas para o Sacrifício, em que somos convidados a fazer a oferta de nossa própria vida com todas as nossas limitações, junto com o pão e vinho que serão posteriormente transformados no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Segundo a Constituição do Concílio Vaticano II, “a Celebração da Eucaristia como Ceia Fraternal ou Banquete é o memorial de Sua Morte e Ressurreição, sacramento de piedade, sinal da unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que Cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça, e nos é

comunicado o penhor da futura glória”.⁵³ Portanto, assim como Jesus Cristo fez questão de fazer acontecer no banquete a paz, a partilha e a solidariedade entre seus discípulos, devemos

esforçar-nos para repetir esse mesmo gesto de Jesus. Por isso, participando da Celebração da Eucaristia, estamos nos comprometendo com a mesma causa de Cristo.

Na Celebração da Eucaristia como Ceia Fraternal ou Banquete, temos dois elementos significativos que são o vinho e o pão, e esses são os elementos que mais se destacam em toda a Celebração da Eucaristia, porque é por intermédio deles que Jesus Cristo, através de nossa fé, fez-se alimento para a nossa vida espiritual, no seu Corpo e no seu Sangue. Cristo é nossa comida e bebida apresentada em bandejas e cálices. Devido a esses momentos tão expressivos que há na Celebração da Eucaristia é que “durante a Oração Eucarística repetem-se os gestos de Cristo na Última Ceia. O sacerdote toma o pão e depois o cálice, e Cristo declara ser seu Corpo e Sangue, verdadeiramente comida e bebida (cf. Jo 6), e São Paulo, interpretando o significado do Banquete Eucarístico, distinguindo-o de uma ceia comum, afirma: ‘todas as vezes que comerem deste pão e beberem deste cálice, anunciarão a Morte do Senhor até que Ele venha’” (ICor 11, 26).⁵⁴ Por isso, ao praticarmos o grandioso ato e entendermos a riqueza e sentido do Banquete ou Ceia Fraternal, descobriremos que a Celebração Eucarística é uma festa por excelência, em que celebramos o fato misterioso de Jesus Cristo vivo e atuante em nossa vida.

Ora, se existem elementos de tamanha expressividade dentro da Celebração da Eucaristia como Ceia Fraternal ou Banquete, não os coloquemos no lugar do pão e do vinho, não pela sua essência, mas pelo significado exuberante que eles adquirem.

Vamos, portanto, abordar os níveis de significação existentes no simbolismo do pão e do vinho. Por exemplo: o primeiro significado do pão e do vinho “é o de nossa própria vida e de toda a nossa criação, nossa existência e de nossa vida conservada por Deus. Mas eles significam a nossa vida somente enquanto é criação

⁵³ Idem, p. 99; cf. *também Constituição Sacrosanctum Concilium*, p. 279, n.º 47

⁵⁴ *Ibidem* p. 100

de Deus. Assim, pois, o pão e vinho não significam somente a nossa vida, mas tudo enquanto é dado como vida. Portanto, o pão e vinho são símbolos de tudo o que o homem é”.⁵⁵

O segundo significado “é de grande relevância, devido o pão e vinho não simbolizarem apenas a obra criadora de Deus, mas também expressarem a criação do homem, enquanto Ele continua sua obra. Por isso, o pão e o vinho têm caráter não só no seu ser pão e vinho, mas também no seu tornar-se Corpo e Sangue. Sabemos que o homem, tendo uma semente, desencadeia todo um processo para fazê-la tomar-se pão. Ele planta, cuida, colhe, faz a massa para enfim assar o pão para saborear. Por tudo isso, o pão e o vinho significam a ação, o trabalho, a realização do homem, sua indústria e o seu domínio sobre a natureza, transformando-a. O pão e o vinho abrangem, portanto, não só o homem, mas também o que ele faz e possui através de sua ação criadora, como colaborador da obra de Deus”.⁵⁶

O terceiro significado do pão e do vinho é o mais importante: simbolizam Jesus Cristo na Quinta-feira Santa, na última Ceia. Daí que “o pão e o vinho adquirem uma nova dimensão de significado. Na última Ceia, Jesus relacionou o pão com seu Corpo dado, com sua morte salvadora; e o vinho com o cálice do seu Sangue que é derramado, com seu sangue da nova e eterna Aliança. Jesus Cristo relacionou, portanto, o pão e o vinho com o mistério de sua Paixão, Morte e Ressurreição. Por isso, na celebração da Eucaristia, mais precisamente no pão e no vinho, se exprime a nossa vida, nossa ação naquilo que somos e o que fazemos, relacionado com Cristo, conforme Cristo”.⁵⁷

Daí que, com Jesus no pão e no vinho, nós nos damos inteiramente com todas as nossas qualidades e capacidades, todo nosso trabalho, nossas realizações, toda a nossa vida, vida na maior intensidade possível, a serviço do próximo, isto é, segundo a vontade do Pai em Cristo. Como a vida de Cristo inclui a morte, esta, está também incluída na nossa. No entanto, toda a riqueza de significados vem expressar-se na oração que acompanha a apresentação das ofertas: “Bendito sejas.

⁵⁵ Ibid. p. 102

⁵⁶ Ibid. pp. 102-106

⁵⁷ Ibid. p 103

Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho do homem que agora vos apresentamos, e para nós se vai tornar Pão da vida”; e na apresentação do vinho que se dá nessas palavras: “Bendito sejas, Senhor Deus do universo, pelo vinho que recebemos de vossa bondade, fruto da videira e do trabalho do homem que agora vos apresentamos, e que para nós se vai tomar vinho da Salvação”. É importante também frisarmos que no momento do ofertório, na consagração do pão e do vinho, quando as pessoas representantes da assembleia levam as oferendas ao altar, elas levam a nossa vida, fruto do suor de nosso trabalho, de nossas realizações, unidas a Cristo, Podemos dizer, portanto, que de certa forma, nós nos colocamos com Jesus Cristo sobre o altar para sermos transformados com Ele e por Ele sermos apresentados ao Deus Pai Criador com todas as nossas alegrias e tribulações.

Diante de tudo o que estamos discorrendo sobre a celebração da Eucaristia como Ceia Fraternal ou Banquete, não nos compete afirmar se este tem mais importância do que a Celebração da Eucaristia como Ação de Graças, mesmo porque a Celebração da Eucaristia, enquanto Ceia Fraternal, é o aprimoramento, ou seja, complemento da Eucaristia como Ação de Graças, assim como a Sagrada Eucaristia no Novo Testamento complementa e atualiza o Antigo Testamento, Agora, o que deve ficar claro ao nosso entendimento é que a Celebração da Eucaristia enquanto Ceia Fraternal ou Banquete é mais próxima de nós e, devido a essa proximidade, torna-se mais palpável e, com isso, muitas vezes a consideramos mais eficaz em relação à outra.

Tratando de Celebração da Eucaristia, surge também o Concílio Ecumênico Vaticano II não desvalorizando uma e aplaudindo outra. O que realmente ele queria era afirmar que a Celebração da Eucaristia fosse um momento do verdadeiro encontro das famílias cristãs, ou seja, que a Celebração de Eucaristia, como toda celebração, pudesse sempre ser um tempo especial, que os cristãos tomassem para fazer o memorial da ação de Deus em favor de seu povo: o que Deus fez ontem, faz hoje e fará sempre. A vida antecede a celebração e a ela sucede, porque celebrar é um momento de nossa vida, mas diferente da labuta do cotidiano. “Daí que a existência cristã e a celebração estão intimamente relacionadas, pois a vida precisa de momentos de celebração para ser vivida em Cristo. Portanto, na Eucaristia

Páscoa do Senhor, é onde a vida se articula mais com a celebração; pois a Missa é a que melhor celebra a Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, acontecimento fundante não só da Liturgia, mas de toda a História”.⁵⁸

Para celebrarmos bem a Santa Eucaristia, é incumbência dos ministros da Igreja zelar com total diligência e solicitude para não assistir a esse Mistério de Fé como estranhos ou mudos, mas cuidar para que, bem compenetrados pela cerimônia e pelas orações, participem conscientes, piedosos e ativamente da ação sagrada, sejam instruídos pela Palavra de Deus e saciados pela mesa do Corpo do Senhor, deem graças por isso e aprendam a oferecer-se a si próprios no oferecimento da Hóstia Consagrada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele e, assim tendo a Cristo por Mediador, dia a dia se aperfeiçoem na união com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos. Por isso, a Celebração da Eucaristia renovada pelo Concílio Vaticano II é “ação de Cristo e do Povo de Deus hierarquicamente reunido e organizado em assembleia, onde cada um tem o direito e o dever de participar segundo a diversidade de ministérios, funções e ofícios”.⁵⁹

No entanto, não basta a mera distribuição de tarefas ou simples escolha de cânticos, como muitas vezes ocorre, fazendo o povo ser apenas executor de funções e não verdadeiro agente da ação litúrgica, “É necessário envolver a comunidade de modo mais amplo e mais ativo, por exemplo: na celebração, ensaio dos cânticos e na preparação prévia das leituras bíblicas; na escolha de gestos e ritos expressivos, conforme seus costumes, bem como poder sugerir pistas para municações e introduções, Podem ainda os fiéis colaborar na escolha do rito penitencial, com eventuais questionamentos ou invocações, propondo intenções para a oração dos fiéis e até sugestões para a homilia”.⁶⁰ A homilia tem um espaço especial tanto na Celebração da Eucaristia quanto na Celebração da Palavra; ela simboliza dentro da Celebração uma conversa familiar e, como tal, fica reservada especialmente ao sacerdote e diácono, Entretanto, na ausência do ministro

⁵⁸ *Animação da vida litúrgica no Brasil*. Documentos da CNBB nº 43, São Paulo; Paulinas, 1991, p. 73

⁵⁹ *Idem*, pp. 75-76; cf, também *Compêndio Vaticano II*, Sacrosanctum Concilium, Petrópolis: Vozes, 1989, p. 272, n.º 28

⁶⁰ *Animação da vida litúrgica no Brasil*. Documentos da CNBB n.º 43, São Paulo: Paulinas, 1991, pp. 81- 91-100-104-108-114, n.º 231-262-286-298-307-327

ordenado, podem os leigos assumir essa tarefa na celebração, mas isso de acordo com suas funções na comunidade.

Ao concluirmos este subcapítulo sobre a Celebração da Eucaristia como Ação de Graças e como Ceia Fraternal com as respectivas contribuições que o Vaticano trouxe à Liturgia, queremos mostrar as partes que compõem a Celebração da Eucaristia que, com o acontecimento do Concílio, receberam atenção especial. São elas:

NOVO ESQUEMA RITUAL DA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

I - Ritos iniciais

- * “Canto de Abertura;
- * Sinal da Cruz;
- * Acolhida,
- * Saudação da Paz;
- * Ato Penitencial;
- * Hino de Glória a Deus;
- * Oração do dia; *
- * Amém.

II-Liturgia da Palavra

- * Primeira leitura - Deus fala e o povo responde - Antigo Testamento e Atos dos Apóstolos;
- * Segunda leitura - Epístolas e Apocalipse;
- * Aclamação;
- * Evangelho;
- * Homília - O padre ou diácono representando Jesus Cristo - conversando com a assembleia povo de Deus e mostrando o caminho que os leva à salvação;
- * Creio;
- * Oração do fiéis;
- * Amém.

III - Rito da Passagem

- * Liturgia Eucarística - Celebração da Ceia Pascal:
- Liturgia Eucarística;

- Preparação das ofertas;
- Oração Eucarística;
- Fração do pão;
- Comunhão.

IV - A Oração da Eucaristia - Estrutura da prece Eucarística

- * Diálogo inicial;
- * Prefácio - Santo;
- * Epíclese (invocação do Espírito Santo);
- * Narrativa da instituição - consagração;
- * Anamnese - memorial;
- * Epíclese de comunhão e oblação;
- * Intercessões;
- * Doxologia;
- * Amém.

V - Os Ritos da Comunhão

- * Pai Nosso - (embolismo);
- * Oração pela paz - que a paz do Senhor... gesto da paz;
- * Fração do pão - canto: Cordeiro de Deus;
- * Convite à Comunhão: felizes... apresentação: eis o Cordeiro de Deus...

Senhor, eu não sou digno...;

- * Comunhão (canto);
- * Interiorização;
- * Oração após a Comunhão;
- * Amém;
- * Ritos finais da Missa;
- * A despedida".⁶¹

Podem distinguir-se do seguinte modo os principais elementos que compõem a Oração eucarística:

a) ação de graças (expressa principalmente no prefácio), em que o sacerdote, em nome de todo o povo santo, glorifica a Deus e lhe rende graças por

⁶¹ *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 395

toda a obra da salvação ou por um dos seus aspectos, de acordo com o dia, a festa ou o tempo;

b) a aclamação, pela qual toda a assembleia, unindo-se aos espíritos celestes, canta ou recita o *Sanctus*; essa aclamação, parte da própria Oração eucarística, é proferida por todo o povo com o sacerdote;

c) a epíclese, na qual a Igreja implora por meio de invocações especiais o poder divino, para que os dons oferecidos pelos homens sejam consagrados, isto é, se tornem o Corpo e Sangue de Cristo, e que a hóstia imaculada se tome a salvação daqueles que vão recebê-la em comunhão;

d) a narrativa da instituição e consagração, quando pelas palavras e ações de Cristo se realiza o sacrifício que ele instituiu na última Ceia, ao oferecer o seu Corpo e Sangue sob as espécies de pão e vinho, e entrega-os aos apóstolos como comida e bebida, dando-lhes a ordem de perpetuar esse mistério;

e) a anamnese, pela qual, cumprindo a ordem recebida do Cristo Senhor através dos apóstolos, a Igreja faz a memória do próprio Cristo, lembrando principalmente sua bem-aventurada paixão, a gloriosa ressurreição e a ascensão aos céus;

f) a oblação, pela qual a Igreja, em particular a assembleia atualmente reunida, realizando essa memória, oferece ao Pai, o Espírito Santo, a hóstia imaculada; ela deseja, porém, que os fiéis não apenas ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer-se a si próprios e se aperfeiçoem cada vez mais, pela mediação do Cristo, na união com Deus e com o próximo, para que finalmente Deus seja tudo em todos;

g) as intenções, pelas quais se exprime que a Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja, tanto celeste como terrestre, que a oblação é feita por ela e por todos

os seus membros vivos e defuntos, que foram chamados a participar da redenção e da salvação obtida pelo Corpo e Sangue de Cristo;

h) a doxologia final, que exprime a glorificação de Deus e é confirmada e concluída pela aclamação do povo.

Exige a Oração Eucarística que todos a escutem com reverência e em silêncio, dela participando pelas aclamações previstas no próprio rito,

Esses foram os pontos que achamos conveniente serem tratados com referência à temática da Celebração da Eucaristia, tanto no tratá-la como Ação de Graças quanto Ceia Fraternal ou Banquete. Não trabalhamos a Eucaristia num sentido mais extenso devido neste mesmo subcapítulo termos um tópico exclusivo que irá discorrer sobre ela com mais clareza como Sacramento. No entanto, encerremos essa temática afirmando, após várias referências, que “a Eucaristia é totalizante e finalizante, tanto em relação ao conjunto dos sacramentos, quanto em relação à toda celebração litúrgica da Igreja na sua dimensão mais ampla, que abrange o ciclo do ano litúrgico e o curso semanal e quotidiano ritmado pela Liturgia das horas, como também constelação de momentos orantes e adorantes que giram em torno do sol”.⁶²

Por isso, a Celebração da Eucaristia, sobretudo na oração Eucarística, transforma-se em síntese e modelo de toda oração cristã em todos os seus aspectos, para todas as nossas necessidades, a começar, porém, pelo louvor, que é agradecimento a Deus pelos imensos e incontáveis benefícios realizados em nosso favor quando ainda merecíamos ou quando ainda não o procurávamos, ao que, muito antes de demonstrar o nosso amor a Ele, já nos tinha manifestado o seu amor por primeiro.

2.3-2) A Celebração da Palavra

Queremos de início alertar que aqui não trataremos, tanto em relação à Celebração da Eucaristia quanto em relação à Celebração da Palavra, de priorizar uma ou menosprezar a outra, isso porque elas estão muito interligadas, por exemplo: existem partes da Celebração da Palavra que estão inseridas no ritual da Celebração Eucarística e vice-versa. O que queremos relatar é que tanto na Celebração da Palavra quanto na Celebração Eucarística há a presença da Santíssima Trindade; numa, através da Palavra e, na outra, através da Transubstanciação do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo. Portanto, ambas têm significativa importância.

⁶² Idem

A Celebração da Palavra de Deus é direcionada especialmente às comunidades onde há ausência ou escassez de sacerdotes. No entanto, não se pode fazê-la de qualquer maneira ou mesmo improvisá-la. É preciso preparar com cuidado todo o desenvolver de uma Celebração da Palavra, devido esta ser a voz de Deus que nos chama a nos reunir em assembleia para louvar e bendizer o seu nome. E ainda: “A Celebração da Palavra de Deus é um ato litúrgico reconhecido e incentivado pela Igreja. Sua reflexão torna-se ainda mais significativa se considerarmos o apreço das comunidades pela leitura e meditação da Sagrada Escritura e a prática da Leitura Orante”⁶³

Por isso mesmo, conscientes da importância extraordinária que tem a Celebração da Palavra de Deus, é que mais ou menos setenta por cento (70%) das comunidades católicas no Brasil, reúnem-se os Mistérios da Fé ao redor da Palavra de Deus, graças a Jesus Cristo glorioso e ressuscitado e ao Espírito Santo que continua encorajando-as a fazer acontecer o Pentecostes na caminhada dos comunitários, assim como aconteceu cinquenta dias após a Páscoa de Jesus Cristo entre os apóstolos, quando estavam reunidos (cf At 2, 1-4).

Por isso, vale a pena ressaltarmos que, se existe manifestação de fé por parte dos cristãos leigos, está se dá por primeiro no executar a Celebração da Palavra. Não são criações das décadas mais recentes, mas fazem parte da Tradição da Igreja. Por exemplo: “as comunidades primitivas criaram uma estrutura própria de celebração da Palavra - Ofício Divino”⁶⁴, isso só para confirmar que a Celebração da Palavra tem adquirido ultimamente um espaço fundamental como fruto do Concílio, e ela tem agregado pessoas de várias camadas sociais, que dia após dia, ao alimentarem-se da Palavra de vida, vêm assumindo papéis importantes não só dentro da Liturgia- Celebração, mas também dentro da própria sociedade em que vivemos.

É bom também estarmos conscientes de que a Celebração da Palavra de Deus não é um encontro qualquer, de politicagem ou desportivo, mas “é um acontecimento em que o Pai entra na história, em que o Filho prolonga o Mistério de sua Páscoa e o Espírito atua com sua força. As Celebrações da Palavra de Deus,

⁶³ *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*. CNBB a° 52. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 5

⁶⁴ *Idem* p.6

especialmente aos domingos, fundamentam-se no caráter sacerdotal de cada batizado e batizada: Ele faz para nós um “reino de sacerdotes”, recorda-nos o Apocalipse.

“Ele te unge sacerdote”, repetimos em cada celebração batismal. Isto é, “cada celebração da Palavra de Deus é uma forma de o povo consagrado proclamar as maravilhas daquele que nos chamou das trevas à luz”.⁶⁵ Eis, portanto, a importância e a função de todos aqueles que, ao serem ungidos no Pai, no Filho e no Espírito Santo, adquirem através do Santo Batismo. Ao sermos batizados, devemos nos reunir em volta da Palavra de Deus para nos alimentar na fé e assim prestarmos serviços à nossa Igreja no plano da evangelização, porque “a messe é grande e os operários são poucos”. (Mt 9, 37)

E benefício de nossa parte compreender que, antes mesmo que viéssemos ao mundo, o primeiro convite feito a nós por Deus é que todos, os homens e as mulheres, atingissem a vocação principal do verdadeiro cristão “a santidade”.⁶⁶ Daí que a Celebração da Palavra de Deus é a ponte; é esse o desígnio proposto por Deus para nós através de Jesus Cristo. Não é suficiente apenas fazermos número ou ocuparmos espaço nas Celebrações, mas é preciso que nos comprometamos com a missão a nós confiada desde quando fomos batizados. A Celebração da Palavra de Deus é também muito mais que uma assembleia do povo reunido em fraternidade. Ela é sobretudo “na Liturgia a presença do Mistério de Cristo agindo aqui e agora com sua divina proposta que aguarda nossa resposta concreta e generosa”.⁶⁷ Desse modo, compreendemos que a Palavra de Deus na Celebração é a comunicação do próprio Deus, que nos convoca à celebrar a Aliança que ilumina nossos caminhos e alimenta nossa vida, primeiramente porque Deus mesmo nos revelou o seu plano por meio de acontecimentos cujo sentido foi captado e transmitido, sob inspiração do próprio Deus, através de palavras humanas, que hoje constituem o texto sagrado, objeto e alimento de nossas celebrações.

Agora, mesmo sabendo de todas as nossas limitações, o que nos deixa deslumbrados é o primeiro elemento litúrgico, as pessoas. Sem o ser humano,

⁶⁵ Idem, *ibidem*

⁶⁶ Cf. Ef 1,4

⁶⁷ *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*. Documentos da CNBB n.º 43. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 34

homem e mulher, não haveria manifestação do amor e das maravilhas de Deus. Por isso, estejamos conscientes de que a humanidade é a razão do plano da Salvação e que a maneira mais concreta para demonstrarmos o nosso amor a Deus é colocarmo-nos diante d'Ele pela sua Palavra em assembleia, para manifestarmos os nossos louvores e agradecimentos e, ao mesmo tempo, as nossas petições. Um outro fator importantíssimo na Celebração da Palavra de Deus são os símbolos, mas falaremos sobre estes num subcapítulo que trabalhamos a seguir.

Por isso, saibam os batizados a importância da Celebração da Palavra em suas vidas, pois “nela Jesus Cristo se faz presente, é Ele mesmo que fala quando se leem, na Igreja, as Sagradas Escrituras. Além de sua presença na Eucaristia, eventualmente distribuída, está também na assembleia, pois prometeu estar entre os seus que se reúnem em seu nome”.⁶⁸ A Celebração da Palavra de Deus é, portanto, o alimento dos comunitários que se reúnem em torno da Palavra para enfrentar os obstáculos que os circulam. “Contudo não confundamos nunca estas celebrações com a Eucaristia. Missa é Missa. Celebração da Palavra de Deus, mesmo com a distribuição da comunhão, não deve levar o povo a pensar que se trata do Sacrifício da Missa. É errado, por exemplo, apresentar as oferendas, proclamar a Oração Eucarística, rezar o cordeiro de Deus e dar a bênção própria dos ministros ordenados”.⁶⁹ Entretanto, é importante que os padres repassem, ou seja, promovam encontros de formação aos seus fiéis leigos no que diz respeito à Liturgia para fazer deles sabedores do seu espaço dentro das celebrações.

Outro fator importante na celebração das comunidades é a homilia: “ela explana a Palavra de Deus; ajuda os fiéis a confrontarem sua vida com a Palavra proclamada, para despertar neles a conversão que então se expressará através da profissão de fé e da oração dos fiéis. A homilia, portanto, não quer ser um tratado de Teologia, nem de Moral nem mesmo de Exegese. Também não constitui simplesmente uma catequese. É uma contemplação do Mistério de Jesus, uma ajuda para que os fiéis descubram as riquezas do Mistério de Cristo, proclamado nas leituras, para transformá-las em meio de conversão e objeto de louvor de

⁶⁸ Cf. Mt 18, 20

⁶⁹ *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*. Documentos da CNBB n.º 43. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 39

Deus”.⁷⁰ Desse modo, a Celebração da Palavra dilatada na homilia quer despertar a conversão, despertar os motivos de ação de graças, ou seja, desencadear uma atitude sacrificial que brota, sem dúvida, da vontade de nos confrontarmos com o plano de vida do Pai, a exemplo de Jesus Cristo. Nisso o Concílio Ecumênico Vaticano II é bem claro, quando afirma que “numa celebração da Palavra de Deus temos fundamentalmente os seguintes elementos: reunião do povo em assembleia. Este povo é convocado pela própria Palavra de Deus. A comunidade coloca-se à escuta. Seguem então, os dois elementos principais: Deus fala e o homem responde. Deus fala pelas leituras, pelos salmos, pelo confronto da Palavra com os fatos da vida da comunidade. O homem responde pelo canto, pela oração e pelos propósitos de agir de acordo com a Palavra de Deus. Essa resposta concretiza-se ainda na própria ação da caridade após a reunião cultural”.⁷¹

A Celebração da Palavra de Deus é fortemente caracterizada pelos fatos da vida da comunidade. A história da sua caminhada é iluminada pela Palavra de Deus. Por isso, a comunidade encontra-se dentro dessa história do Povo de Deus em busca da libertação, em busca de uma vida melhor, em busca da Terra Prometida. Os fatos da vida, iluminados pelo Evangelho, conduzem a comunidade a Nosso Senhor Jesus Cristo. Na Celebração da Palavra de Deus, na comunidade, parte-se mais dos fatos da vida do que da exposição sistemática da doutrina e da moral. Mas o grande valor nisso é que os problemas são colocados à luz da fé e da Palavra de Deus. Tudo isso, ou seja, se a Palavra de Deus está obtendo grandes espaços no meio das comunidades, é graças à inovação que o Concílio Ecumênico Vaticano II fez no campo da Liturgia, como podemos ver no esquema de celebração da Palavra, a seguir:

I

“Ritos iniciais: Deus nos reúne em Cristo

- Canto de entrada;
- Procissão de entrada com símbolos: vela, Bíblia, cruz...;
- Motivação;
- Súplica de Perdão;

⁷⁰ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. Op. Cit, p. 117

⁷¹ Idem, p. 130

- Hino de Glória (nos dias festivos);
- Oração inicial;

II

Liturgia da Palavra: Deus nos fala em Cristo, Palavra encarnada

- Acolhida da Bíblia,
- Salmo Responsorial;
- Aclamação ao Evangelho;
- Proclamação do Evangelho;
- Partilha da Palavra;
- Profissão de fé;

III

Momento do Louvor: louvor a Deus

- Oração da comunidade;

IV

Rito da Comunhão: Vamos participar da Comunhão (quando há)

- Pai Nosso;
- Abraço da Paz;
- Distribuição da Eucaristia;
- Ação de graças.

V

Ritos finais: despedida

- Oração final;
- Avisos;
- Canto final;
- Bênção final". ⁷²

Isso foi o que achamos de mais conveniente e convincente exposto pelo Concílio Ecumênico Vaticano II e o Documento da CNBB com referência à Liturgia.

2.3.c) Os cantos nas Celebrações Litúrgicas

⁷² *Orientação para celebração da Palavra de Deus.* Documentos da CNBB nº. 52. São Paulo: Paulinas, 1994, pp. 46-47

Neste subcapítulo vamos mostrar a importância do canto nas celebrações, O canto é um elemento que ocupa um espaço fundamental em todas as celebrações, tanto da Eucaristia quanto da Palavra. Ele tem a função de nos sintonizar e de nos despertar para uma melhor participação nas Santas Celebrações. Foi por isso que o Concílio Ecumênico Vaticano II se preocupou também em realçar, reestruturar e atualizar as formas e maneiras do cantar litúrgico na Igreja. Ele nos ensina que “a Tradição musical da Igreja inteira constitui um tesouro de inestimável valor. Ocupa entre as demais expressões de arte um lugar proeminente, principalmente porque o canto sacro, que se acomoda às palavras, faz parte necessária ou integrante da Liturgia”.⁷³

O canto, como elemento de suma importância nas manifestações litúrgicas, particularmente na Celebração da Eucaristia, tem um lugar especial, por ser nele que o povo tem sua expressão máxima de fé, comemorando a salvação trazida por Cristo. Por esse motivo, “a música sacra será tanto mais santa quanto mais estiver intimamente ligada à ação litúrgica, quer exprimindo mais suavemente a oração, quer favorecendo sua unanimidade, quer, enfim, dando maior solenidade aos ritos sagrados. A Igreja aprova e admite no culto divino todas as formas de verdadeira arte, contanto que estejam dotadas das devidas qualidades. E acrescenta que a finalidade da música sacra é a glória de Deus e a santificação dos fiéis”.⁷⁴

A Igreja nos alerta para a questão de que se canta de acordo com o tempo Litúrgico. É preciso, portanto, que distingamos os tempos litúrgicos para inserir coerentemente os cantos nas celebrações. Para entendermos isso, falaremos do esquema que segue o Ano Litúrgico: “Comemoração dos Mistérios de Cristo (Páscoa), domingos, festa dos santos, celebrações Eucarísticas de diversas circunstâncias como: celebração de sacramentos, comemoração de datas importantes e vivência de acontecimentos que marcam a vida de uma comunidade”.⁷⁵ Conforme esses momentos, adaptamos também o canto. Por isso, o Concílio é bem claro quando reserva o espaço para tratar da reestruturação dos

⁷³ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. Op. cit. p.266

⁷⁴ Idem, p. 266; cf. também *Compêndio Vaticano II. Constituição Sacrosanctum Concilium*, p. 299, nº. 112

⁷⁵ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM *Símbolos litúrgicos*. 12a ed. Petrópolis: Vozes, p. 59

cantos, incumbindo “os bispos e os demais pastores de almas que cuidem com mais diligência de todas as funções sacras realizadas com a comunidade dos fiéis para que possa oferecer a participação que lhe é própria, de acordo com as normas dos artigos vinte e oito e trinta (28,30)”.⁷⁶

Outro fator relevante com referência ao canto é que a ação litúrgica recebe uma forma mais elevada quando os Ofícios divinos são celebrados e neles intervêm ministros sacros e o povo participa ativamente. Por isso, a Igreja, percebendo a riqueza abundante que brota do canto à Liturgia, reconhece o canto gregoriano como próprio da Liturgia romana, entretanto, em igualdade de condições, ocupa o primeiro lugar nas ações litúrgicas. Por outro lado, a Igreja motiva e valoriza os comunitários para que o “canto popular religioso seja inteligentemente incentivado, de modo que os fiéis possam cantar nos pios e nos sagrados exercícios e nas próprias ações litúrgicas, de acordo com as normas e prescrições das rubricas”.⁷⁷ Que o canto acompanhe, porém, melodias que apresentem as características da verdadeira música sacra e possa ser cantado não só pelos grandes coros, mas também esteja ao alcance dos modestos, e que favoreçam uma participação ativa de toda a comunidade.

Ha portanto a necessidade de adaptação do canto, de acordo com a realidade ou cultura de cada comunidade, e o Concílio Ecumênico Vaticano II é bem favorável a isso, pois, mesmo ressaltando o “canto gregoriano em primeiro lugar”, considera que, “havendo em algumas regiões, principalmente nas missões, povos que têm uma tradição musical própria, a qual desempenha importante função em sua vida religiosa e social, a esta música se deem a devida estimacão e o lugar conveniente, tanto para lhes formar o senso religioso, quanto para adaptar o culto à sua mentalidade de acordo com os artigos trinta e nove e quarenta (39,40)”.⁷⁸ Hoje o canto é um dos atuais e principais elementos encarregados de dar o brilho típico de cada período e de cada festa. No entanto, é necessário que compreendamos o ciclo anual, inserido no Ano Litúrgico aperfeiçoado pela Igreja para não tirar o brilho da

⁷⁶ (SC nº 114)

⁷⁷ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã. Formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 267

⁷⁸ *Compêndio Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. In Constituição Sacrosanctum Concilium*, nº. 119, p. 301

festa que se celebra, por isso não se deve cantar qualquer coisa nas Missas ou celebrações: cada tempo litúrgico e cada solenidade comemoram uma determinada faceta do Mistério de Cristo. Assim, o Advento proclama a vinda gloriosa do Senhor e prepara sua vinda no Mistério do Natal. Do Natal até a Epifania, comemoramos a manifestação do Senhor. A Quaresma leva a Igreja a viver mais intensamente a penitência em atitude de conversão, tempo que culmina com a Celebração da Paixão e Morte de Cristo. Na Vigília Pascal irrompe o grito de Aleluia que ressoa durante cinquenta (50) dias de alegria pascal. Ascensão e Pentecostes têm também caráter próprio. E temos, então, os domingos do tempo comum, como celebrações semanais da Páscoa.

Vamos, pois, mostrar a função e a importância do canto nas partes principais da Liturgia, tanto na Celebração da Eucaristia quanto na Celebração da Palavra. Vejamos:

* Canto de entrada - tem como incumbência revelar o mistério celebrado, unindo os corações do povo reunido e incentivando para uma celebração frutuosa, de modo que todos os participantes regressem às suas residências maravilhados pelo momento que passaram juntos. Assim, todo o povo deverá ser envolvido na execução dessa canção.

Por isso, tocar na Missa é um serviço e uma oração. Todo esse canto, bem como a procissão do sacerdote, não deverá ser muito curto ou demasiadamente longo. O canto termina quando o presbítero chega ao altar.

* Canto do Salmo responsorial - tem como objetivo dar resposta à Palavra de Deus anteriormente lida como primeira leitura. Por isso, esse canto deve ser escolhido de acordo com a Palavra de Deus, pois serve como se fosse a continuação da leitura recitada, ou seja, meditação do que Deus falou através da leitura. Esse é o canto mais importante da Liturgia da Palavra, por isso nunca deveria ser excluído.

* Canto de aclamação do Evangelho - tem como objetivo expressar a alegria, admiração, entusiasmo por este momento tão importante na celebração. É o momento em que ouvimos a mensagem que nos traz a salvação. É o próprio Cristo nos falando por intermédio do celebrante ou dirigente. Não é um canto obrigatório,

no entanto, sendo executado, é preciso que haja uma aclamação pessoal e comunitária ao Senhor. É um verdadeiro Viva ao Verbo de Deus.

* Canto de ofertório ou preparação das ofertas - tem o intuito de realçar o sentido das oferendas, que querem significar o objeto da ação de graças e a nossa atitude sacrificial. Quer, portanto, preparar os nossos corações para fazermos uma oferta total de nossa vida, juntamente com o pão e o vinho. Portanto, o grande ofertório da Missa acontece após a consagração, quando já não oferecemos o pão, o vinho, nossa vida ou o nosso trabalho, mas o próprio Cristo e todo o resto transfigurado com Ele e Nele.

* Canto de comunhão - expressa a alegria de participarmos da Ceia do Senhor. E o povo de Deus a caminho da Fonte da Vida — Jesus Cristo — fazendo-se alimento para nos alimentar nesta caminhada terrestre. O alimento de que nos alimentamos é um alimento imperecível. É importante que neste momento, porém, o canto não seja por demais estrepitoso nem ocupe o tempo todo da comunhão, para que os fiéis não se distraiam do essencial, a comunhão e união com o seu Deus e os irmãos, em que a linguagem do silêncio poderia ser neste momento a mais eloquente. Portanto, o canto de comunhão exige a participação de todo o povo. Como fica difícil cantar na fila da comunhão, sugere-se que o canto tenha um refrão curto e fácil, a fim de que possa ser expressa a unidade da assembleia. Um segundo canto de comunhão poderia ser cantado pelo coral. Para os instrumentos, este é um canto que permite a execução de interlúdios sobre o tema da música que está sendo cantada.

Ao tratarmos desta temática, percebemos a profundidade que o canto dá à celebração. Vimos que, através do canto na Liturgia, o povo expressa sua alegria e júbilo por encontrar-se na presença de Deus junto aos irmãos. “Todas as celebrações litúrgicas de nossa Igreja têm um canto. O canto é parte integrante do modo de celebrar da Igreja. No entanto, é importante insistir nisso, os cantos devem ter relação direta com as leituras”.⁷⁹ Por isso, para uma celebração litúrgica ser bem participada, deve-se dar atenção toda e particular ao canto, que indubitavelmente é um elemento essencial de um povo em festa.

⁷⁹ VALE, F. Sérgio. . *A liturgia na catequese; aprender a celebrar celebrando*. São Paulo; Paulinas, 1993, pp. 65-66

Foram essas as contribuições do Concílio Ecumênico Vaticano II para a Igreja através dos cantos especificados em alguns momentos da celebração, mas isso não quer dizer que nos outros momentos da celebração o canto não tenha a sua devida importância.

2.4 Os Símbolos na Celebração

Os símbolos, de modo geral, dentro da celebração querem expressar algo de mais belo e puro que temos em nosso coração. Símbolo é um objeto, um gesto, um elemento, um movimento, uma expressão corporal, no qual o que vale não é aquilo que é, mas o que representa, o que exprime. Quando, por exemplo, um rapaz leva uma rosa para a sua noiva, o que importa não é o valor da rosa, mas o que ela significa: algo tão perfumado que o noivo não sabe definir e chama de amor, o mistério do amor. Rosa é amor e símbolo do amor, porque o oculta e o revela ao mesmo tempo, pela sua expressão. Assim também são os símbolos litúrgicos dentro da celebração, revelando o nosso sentimento de amor para com Deus através do seu Filho Jesus Cristo. Então podemos dizer que os símbolos são a linguagem do mistério. Mas o importante em tudo isso numa celebração é deixar os sinais falarem, dar-lhes vida, pois podem falar de Deus, de Cristo, de nós mesmos e de nossos irmãos. Mas não queremos falar apenas dessas realidades, e sim comunicarmos com elas.

2.4-1) A luz

A luz na celebração quer simbolizar a nossa vida, nossa esperança, e, ao mesmo tempo, expressar nossa alegria de estarmos juntos diante de Deus e seu Filho Jesus Cristo. A luz é tão importante que, por exemplo, “quando alguém nasce, dizemos que veio à luz ou a mãe deu à luz”.⁸⁰ Podemos afirmar, então, que a luz é indispensável, sem ela não dá para caminhar, não existe a vida. Portanto, o centro de toda celebração é a luz — Jesus. A luz é o motivo de nos encontrarmos aos

⁸⁰ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Símbolos litúrgicos*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 9

domingos no templo - Igreja para os louvores e agradecimentos da luz em nossa vida.

Por outro lado, a luz quer expressar que quem participa da celebração ativamente consciente, está cheio de graça, em constante sintonia com Deus na pessoa de Deus Cristo e, ao mesmo tempo, “repleto do Espírito Santo” (Lc 1,41). O Evangelho de São João, no prólogo, relata as características de Jesus como luz e Vida. Vejamos: “no princípio Ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem Ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilhava nas trevas, mas as trevas não O compreenderam. O verbo era a luz verdadeira que ilumina todo o homem; Ele vinha ao mundo. Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio Dele, mas o mundo não o reconheceu”.⁸¹ Assim, pois, Jesus é a luz inacessível que faz muitos se alegrarem. O próprio Jesus Cristo, no Evangelho, é chamado de “sol nascente que nos veio visitar, para iluminar os que jazem na terra, a fim de dirigir os nossos passos no caminho da paz”.⁸²

Luz quer manifestar também a libertação das trevas à luz, constituindo uma vivência humana capaz de exprimir a grande realidade do Mistério Pascal, a passagem da Morte para a vida, a passagem do pecado para a graça, do egoísmo para a generosidade, da perdição para a salvação e a liberdade. Com esses inúmeros significados de expressão, é que o símbolo da luz surge com tanta frequência na celebração. Nesse sentido, ela perde a simples finalidade de fazer com que percebamos as coisas para significar as realidades espirituais mais profundas. Vejamos por exemplo: “a vela acesa na hora do Batismo, na Primeira Eucaristia, na hora da morte, eis a vela acesa do Círio Pascal, significando o Próprio Jesus Cristo que naquela noite ilumina a Igreja e os corações dos fiéis. Observemos também a vela acesa do recém-batizado, que expressa vida nova com o Deus de Jesus Cristo em sua vida, a fé. E mais: as velas do altar, que significam a comunhão de vida com Deus, é Deus presente diante de nós e dos irmãos, consumindo-nos pelo amor. Desejamos permanecer sempre diante de Deus, a exemplo de Cristo, em sua atitude sacrificial, eis o sentido da lamparina diante do Santíssimo”.⁸³

⁸¹ Jo 1, 3-5; 9-10

⁸² Lc 1,78-79

⁸³ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Símbolos litúrgicos*. 12a ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 10

Diante do símbolo “luz”, chegamos à conclusão de que na celebração não se vai apenas observar e admirar a luz, mas é antes de tudo conhecê-la e abarca-la; e a partir de então, iluminados por essa luz que é Jesus Cristo, fortalecermo-nos para ser “sal da terra e luz do mundo”, segundo Romano Guardini: “a vela acesa não tem alma, mas deveremos dar-lhe vida, pois a vela somos nós mesmos, é a presença de Deus que se comunica em nós”.⁸⁴

Foram esses os pontos mais significativos que achamos por bem trabalhar, no sentido de compreendermos a essência da revelação do símbolo “luz” pela sua expressão na Liturgia.

2.4-2.) As pessoas

Entre os símbolos mais expressivos numa celebração estão certamente as pessoas. Elas expressam o amor de Deus entre os homens através da escuta da Palavra, mas é importante mencionar que não se trata simplesmente de uma aglomeração de amigos, e sim um povo convocado por Deus para responder à sua Palavra em atitude de fé.

Por isso mesmo, entre as pessoas sobressai alguém que representa a pessoa de Jesus Cristo, ou seja, o ministro dos Sacramentos, e de modo especial o Sacerdote Celebrante durante a Missa, que torna presente o próprio Cristo. Isso serve de incentivo e motivação para tantas outras pessoas que não tiram, de seu tempo, espaço para se encontrar com Jesus. As pessoas são imensamente importantes numa celebração. Por exemplo, para acontecer um ato cerimonial litúrgico, é necessário que haja manifestação espontânea das pessoas, pois, do contrário, nada se realiza. Nisto o Concílio Ecumênico Vaticano II toma-se perfeitamente compreensível quando declara que “é Cristo quem batiza, é Cristo quem perdoa, é Cristo quem consagra. Por isso, Jesus Cristo está presente em sua Igreja na pessoa do ministro, pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz”.⁸⁵ Ora, essa afirmação dada pelos bispos e padres conciliares é tão rica que nos lembra o evangelista Mateus em

⁸⁴ Idem

⁸⁵ Idem p. 42

seu evangelho, quando faz este pronunciamento: “pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles”.⁸⁶

Esta assembleia, povo, reunida em tomo da Palavra de Deus, simboliza na Liturgia aquele mesmo Banquete em que Jesus estava ladeado dos seus apóstolos na Ceia de Quinta-feira Santa. Outrora o personagem principal era Jesus, pão e vinho; hoje, através de sua Palavra, professamos a mesma fé que recebemos no batismo. É necessário compreender que é neste encontro em que nos reunimos na mesma fé que nos tornamos imitadores fiéis de Cristo. Por isso, “não é só o presidente da assembleia sinal e símbolo de Cristo. Devemos pensar aqui em todos os ministros, pois de alguma forma, cada qual a seu modo, servem à comunidade reunida. Tal compreensão é importante para uma maior consciência do ministério litúrgico e o modo de exercê-lo. Temos, então, o diácono, que é chamado a revelar de modo particular o Cristo “que veio não para ser servido, mas para servir”. Ele serve ao Altar, serve à Palavra de Deus e serve à comunidade cristã no serviço da caridade. Temos, depois, os leitores, os acólitos, os ministrantes ou coroinhas, os comentaristas e cantores. Daí se compreende por que todos esses ministros da assembleia se comportarão de uma forma devida; convém, no entanto, que usem vestes que condigam com a função dentro da comunidade”.⁸⁷

O importante e indispensável na assembleia é que as pessoas entendam que elas, reunidas na mesma fé e na mesma caridade, expressam a unidade no amor exigido por Cristo: “para que todos sejam um”.⁸⁸ Ele veio para congregar a todos na unidade. Daí porque a Igreja aparece, nesse sentido, como o povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. “Portanto, para quem tem fé e se reúne na fé, a assembleia evoca o povo de Deus reunido no Antigo Testamento; evoca o povo de Deus congregado pelo Sangue Redentor de Cristo. Mas não evoca apenas; ela a constitui e realiza. A Igreja é a expressão da unidade de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, pois onde reina o amor, onde reina a fraternidade, aí se encontra a

⁸⁶ Mt 18,20

⁸⁷ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Símbolos Litúrgicos*; 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 42

⁸⁸ Ef 1,10

salvação, aí está presente o próprio Deus. Por fim, a Igreja prefigura o povo de Deus reunido para sempre na glória eterna”.⁸⁹

Por isso, estejam conscientes as pessoas de que, quando elas se reúnem em assembleia para celebrar o Mistério de Cristo, não deve existir no meio delas a competição, pois todos deverão mergulhar-se no espírito da humildade, em que todos são irmãos, iguais, todos se amam e se respeitam. E a consequência de tudo isso deverá ser uma vida que corresponda com a ação ritual. A assembleia se dispersa após a ação litúrgica, mas o espírito, a união, a caridade, a igualdade lá expressos e vivenciados em Cristo, terão de se prolongar pelo dia e pela semana. Nesse sentido, sim, a assembleia será um verdadeiro símbolo da vida da comunidade cristã. Eis, portanto, a riqueza simbólica que as pessoas representam em uma assembleia litúrgica.

2.4-3) As gotas de água

Entre os símbolos litúrgicos da Celebração da Eucaristia, estão as gotas de água no vinho, o que aparentemente parece um gesto muito simples e insignificante, mas, olhando-o a fundo, perceberemos a profundidade do seu significado na Liturgia, Tal símbolo quase foi esquecido na celebração, mas, com a reforma do Ordinário da Missa, readquire seu espaço com sentido mais enriquecido.

Esse pequeno gesto, que outrora os hebreus utilizavam através do vinho misturado com água na Celebração de sua Páscoa, tomou-se para os cristãos a participação no Mistério de Cristo; isso acontece no momento em que o sacerdote, ao preparar as oferendas, deposita um pouco d'água no cálice com o vinho, A Igreja aprimorou-o em seu seio, não para imitar os hebreus, mas “consciente de que Cristo na Última Ceia deverá ter usado o vinho misturado com água, os cristãos faziam o mesmo na Celebração Eucarística.

Muito cedo os Santos Padres, sobretudo São Cipriano, começaram a dar novos significados a essa mistura de água no vinho. Reagindo contra aqueles que celebravam a Eucaristia com pão e água, diz São Cipriano que se deve colocar ao

⁸⁹ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. Símbolos litúrgicos', 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 43

menos um pouco de água no vinho. Se houver só água sem vinho, diz o santo, nós estamos sozinhos sem Jesus Cristo, o que não é possível. E se houver só vinho sem água, Cristo está sozinho sem nós. De que nos adianta isso? Com essa argumentação, São Cipriano quer dizer que, a Eucaristia “é o Sacrifício de Cristo e da Igreja, isto é, o Sacrifício do Corpo Místico de Cristo”⁹⁰

Ora, após termos apreciado a argumentação de São Cipriano, cabe-nos como cristãos conscientizarmo-nos de que aquele singelo gesto das gotas de água no vinho, apresentado pelas mãos do sacerdote durante a Missa, no momento da apresentação das oferendas, não é um gesto qualquer, mas nos lembra o compromisso que adquirimos, quando fomos batizados, de pertencer ao Pai, Filho e Espírito Santo. Se por um lado, o pão e vinho significam a vida, a existência do homem unido a Cristo, por outro temos a água em relação ao vinho. Agora o vinho significa Cristo e a água, o cristão que se oferece juntamente com Cristo. Gesto simples, mas muito significativo. Nesse instante o que importa não é o sinal em si, mas o que ele significa — o que interessa é a nossa atitude unida a Cristo.

As gotas de água no vinho querem simbolizar a nossa entrega radical a Jesus Cristo, e ao mesmo instante quer nos fazer identificar-se com Ele, fazendo-nos um com Ele. Não importa o que éramos e o que estávamos fazendo. O que interessa, sim, para Cristo é vivermos o aqui agora. Por isso mesmo, conscientes do rico sentido que está presente nas gotas de água no vinho na ocasião da preparação das oferendas, queremos nos lançar ao Altar nos braços de Jesus e assim participar com Ele de seu Banquete.

Assim, para melhor compreendermos essa temática sobre as gotas de água no vinho, terminemos esse assunto aproveitando as palavras que são ditas pelo sacerdote quando, no momento das oferendas, mistura as gotas d’água no vinho: “Pelo mistério desta água e deste vinho, possamos participar da divindade do vosso Filho, que se dignou a assumir a nossa humanidade”.⁹¹

2.4-4) A saudação da paz

⁹⁰ Idem, p, 50; cf. também BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã', Formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão*, Petrópolis: Vozes, 1996, p. 106

⁹¹ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã; Formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 107

A saudação da Paz é um símbolo dentro da Liturgia que entre os fiéis toma-se indispensável, porque não podemos agradar a Deus em Jesus Cristo, se não estivermos em harmonia com os irmãos. Por isso, saibamos que, para a Celebração Litúrgica surtir efeito em nossas vidas, precisamos reconciliar-nos primeiramente com os nossos semelhantes para sermos bem recebidos por Deus.

A saudação da Paz, tanto na Celebração da Eucaristia quanto na da Palavra, posterior à oração do Pai Nosso, expressa a reconciliação fraterna entre os irmãos, que nos prepara para entrar em comunhão plena com o nosso Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. A saudação simboliza a adesão total dos fiéis ao projeto de Deus e revela também “um gesto de união e de amor que se realizou na oração comum e há de se manifestar ainda mais profundamente na hora da comunhão: conversão a Deus e ao próximo”.⁹²

O papel principal da saudação da Paz, é de levar os fiéis a tomarem consciência de que sem estar em paz consigo mesmo não há espaço para adquirir a Paz de Jesus. Por isso, a oração em comum, e de modo particular a Eucaristia e o Pai Nosso, orienta todos para o Senhor e Pai comum, tem a capacidade de congregar, unir todos os irmãos na caridade. Nesse sentido, a saudação da Paz, toma-se a medianeira entre a oração do Pai Nosso e a Eucaristia - Comunhão. Se pela oração do Pai Nosso, ousamos chamar Deus de Pai, e ao mesmo tempo, pedimos o perdão de nossos pecados, através da oração da Paz, somos convidados e motivados a ser irmãos unidos e convictamente partilhar a Paz e o amor de Cristo entre o próximo; já a Eucaristia é a concretização do nosso amor pleno a Deus e aos irmãos, é onde os fiéis, após terem passado pelo processo de filiação divina e se tomado irmãos através do amor pelo mesmo Pai, chegaram à conclusão de que é o Deus da partilha que quer vida para todos, a ponto de nos chamar a fazer parte de seu Banquete. E uma vez comungando, alimentando-nos de seu Corpo, somos também convidados a comungar o seu projeto. Portanto, estar em paz com Deus e com os irmãos deve ser uma atitude de fé de cada cristão.

⁹² BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Símbolos litúrgicos*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 52; cf. também BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã; Formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 108

Na Celebração, não podemos confundir o momento da saudação da Paz com um momento qualquer, mas devemos nos conscientizar de que nessa hora acontece entre os fiéis o sinal de reconciliação fraterna do qual fala Nosso Senhor Jesus Cristo no Evangelho: “Se estás para fazer a tua oferta diante do Altar e lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá tua oferta diante do Altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão: só então vem fazer tua oferta”.⁹³

Concluindo esta temática, relatamos que a saudação exprime, pois, a paz que nos une no amor de Jesus Cristo, Paz com Deus e com o próximo, paz adquirida por uma atitude de oração, constituindo-se dessa forma num gesto de profundo engajamento de vida da caridade. Portanto, não há paz em nosso coração se não nos despojamos de nosso egoísmo. Onde não houver espaço para a Paz de Jesus, não há comunhão entre os irmãos.

2.4-5) A partícula de Hóstia no Cálice

Assim como as gotas de água no vinho têm seu significado na Celebração da Eucaristia, por sua vez a partícula de Hóstia colocada no Cálice antes dos ritos da Comunhão quer melhor fazer-nos mergulhar nos Mistérios de Salvação. É por isso que, ao celebrar a Eucaristia, o sacerdote coloca um pedacinho de Hóstia no Cálice, revelando a unidade de Jesus Cristo com a Igreja do mundo inteiro. O sacerdote pede essa unidade, rezando ao Pai por estas palavras: “Esta união do Corpo e Sangue de Jesus, o Cristo Senhor nosso, que vamos receber, nos sirva para a vida eterna”.⁹⁴

A Eucaristia foi e sempre será considerada a expressão da unidade do Corpo Místico de Cristo. São Paulo afirma que “uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos de um mesmo pão”.⁹⁵ O gesto de colocar dentro do cálice um pedaço do Pão Consagrado antes da comunhão quer simbolizar a unidade das duas espécies. Neste instante é que sobressai a riqueza da simbologia litúrgica que há no pão e no vinho, embora

⁹³ Mt 5, 23-24

⁹⁴ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. Símbolos litúrgicas. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 54; cf. também BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. Celebrar a vida cristã; Formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão. Petrópolis. Vozes, 1996, p. 109

⁹⁵ 1Cor 10,17

distintos, não são mortos como sangue separado do corpo, mas formam uma unidade, o Corpo glorioso de Cristo, recordam o Mistério da Ressurreição. A mistura, ou seja, a união da partícula da Hóstia com o vinho, mesmo simbolizando o Cristo vivo e vitorioso, quer nos motivar e levar a uma profunda união com o Senhor Jesus Cristo, que quer se fazer alimento e salvação para a nossa vida. E uma vez que os fiéis comunguem do Corpo glorioso de Cristo, são ainda mais fortemente convidados a se comprometer com a causa do Reino de Deus. Portanto, unir-se com Cristo é abraçar o projeto de vida em que há amor, respeito, partilha e fraternidade. Aí está o projeto de Deus “que gera a vida para todos, e vida em abundância”.⁹⁶

Por outro lado, a união das duas espécies partícula - vinho formam uma unidade, o Corpo vivo e glorioso de Jesus Cristo atuante na História da Humanidade e da Igreja, um Jesus que continua agindo com seu Espírito através de seus pastores e de todos aqueles que Nele acreditam. Portanto, é importante mencionar que, se as celebrações de nossa Igreja continuam aglomerando pessoas de várias raças e nações, é porque “a Eucaristia que celebramos, celebra não o Cristo morto, mas o Cristo morto e ressuscitado, Pão vivo descido do céu, garantia de nossa imortalidade”⁹⁷

Por isso, todos aqueles que acreditam no Cristo, o Pão vivo descido dos Céus, não só comungam a vida de Jesus na mistura das espécies, mas tornam-se também alimento para o próximo por intermédio de nossa vida em Jesus Ressuscitado.

2.4-6) O cordeiro

Entre todos os símbolos litúrgicos, está a figura do Cordeiro. Ele tem um significado de suma importância na Liturgia, tanto que, em todas as Missas, o celebrante e a assembleia cantam ou rezam: “Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós; e eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.⁹⁸ O Cordeiro, o qual cantamos ou rezamos na celebração da Eucaristia, é

⁹⁶ Jo 10,10

⁹⁷ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Símbolos litúrgicos*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 55; cf. também BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã; Formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 110

⁹⁸ Idem, p 57; idem, p. 111

alguém que tem lugar especial na Liturgia; quando dirigimos essas palavras ao Cordeiro, estamos nos dirigindo a alguém superior a nós. Esse alguém dentro da celebração é o próprio Senhor Jesus Cristo.

É bom lembrar que o símbolo do Cordeiro tem infinidade de significados. Por exemplo, se formos descrevê-lo tendo como fonte a Sagrada Escritura no Antigo Testamento, Abraão, em lugar de seu filho Isaac, que estava para ser sacrificado a Deus, oferece um cordeiro em atitude de amor e despojamento de si mesmo a Deus. Em seguida, o Cordeiro recebe outro significado, e dessa vez foi entre judeus, simbolizando sua Páscoa. A simbologia do Cordeiro é tão importante na Páscoa dos judeus, que durante a ceia do Egito eles sacrificavam um cordeiro, e com o sangue deste aspergiam as portas e as janelas, de modo que, quando viesse o anjo exterminador, os israelitas não fossem atingidos. Por isso, cada ano celebrando a Páscoa, as famílias dos hebreus comiam o Corpo Pascal em comemoração à libertação do Egito.

Se o símbolo do Cordeiro, no Antigo Testamento, simboliza a vida e a libertação de um povo, no Novo Testamento e em especial na “Santa Missa” a imagem do Cordeiro representa para nós o Messias.

São João Batista aponta para o Messias chamando-o de “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, ⁹⁹não mais aquele que liberta o povo, poupando os primogênitos e fazendo dessa forma partir um povo, mas o Cordeiro, Jesus Cristo, que liberta toda a humanidade, sem discriminação, através de sua pregação, por seu sacrifício de obediência na Cruz. Por isso São João “faz coincidir a entrega de Jesus para ser crucificado com uma hora em que eram imolados no templo os cordeiros para a festa da Páscoa”.¹⁰⁰

Já o Apocalipse é um canto de louvor ao Cordeiro imolado e vitorioso. Portanto, o que queremos dizer aqui para os fiéis que participam da Missa é que tanto o pão quanto o Cordeiro simbolizam a mesma coisa. E, uma vez crendo na força que tem esse Cordeiro em nos transformar e fazendo dele o nosso alimento

⁹⁹ Jo 1,29

¹⁰⁰ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM, *Símbolos litúrgicos*, 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 57; cf. também BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã'. Formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão*. Petrópolis: Vozes, 1996, pp. 111-112

espiritual, conseguiremos fazer com que Ele seja nosso hóspede junto à morada do Pai nos céus.

2.4-7) O templo

O templo era um lugar de muita expressividade, tanto para os judeus quanto para os pagãos. Em relação ao Santo dos santos, era um lugar pequeno e escuro, no entanto o templo não era tanto um lugar de culto, mas uma habitação divina. Mais tarde ele passa a ter outro significado, não sendo mais aquele espaço de uma divindade qualquer, mas objeto de frequente meditação dos Salmos. Ele deixa de ser um habitat de divindade para tornar-se um espaço de essencialíssima habitação de Deus no meio de seu povo, presença protetora da cidade, manifestação da glória de Deus. Portanto, “o Templo de Jerusalém é o lugar do encontro especial entre Deus e o homem, o coração da nação, o lugar por excelência da oração, das expirações mais santas de todo piedoso judeu que, como o salmista, desejava permanecer nos átrios do Senhor. Aos poucos, o Templo de Jerusalém toma-se também o centro cultural do povo judeu”.¹⁰¹

A presença de Jesus causa divisão entre o povo. Enquanto os judeus destacam o Templo enquanto construção e suas ornamentações, Jesus é bem mais profundo. Ele veio trazer uma nova maneira de ver as coisas, observando tudo não de fora para dentro, mas de dentro para fora. Jesus olha-o como o enviado de Deus através do amor e não através de leis que escravizam os homens.

Por isso Jesus afirma: “Existe alguém maior do que o templo”.¹⁰² O verdadeiro templo não consta de pedras ou materiais, mas compõe-se do Corpo de Cristo. Assim, Jesus Cristo descarta a visão de endeusamento que os judeus tinham em relação ao templo, principalmente com a manifestação do individualismo entre as pessoas. Nesse sentido, declara-se nitidamente contra os judeus, dizendo: “Destruirei este templo e em três dias o levantarei”.¹⁰³ Para Jesus, o templo precioso e verdadeiro são as pessoas, onde pode Ele fazer sua morada.

¹⁰¹BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Símbolos Litúrgicos*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 65

¹⁰² Mt 12,6

¹⁰³ Jo 2,19

O que para os judeus ficava em primeiro lugar, para Jesus ficou em último. No plano de Jesus, o verdadeiro templo é construído de pessoas, colunas vivas, não de pedras que são colunas que nada falam, sentem nem mesmo têm posição. Em Jesus Cristo se realiza a presença mais intensa de Deus no mundo. De tal forma, o divino e o humano se encontraram nele e constituem uma só pessoa. Em Cristo, pode ser erguida em cada cristão uma morada de Deus. São Paulo é bem incisivo quando questiona: "Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?".¹⁰⁴ Por isso devemos ter a consciência de que o conjunto dos cristãos e de todos os homens de boa vontade pode formar paulatinamente um templo santo do Senhor sobre o "fundamento dos Apóstolos e Profetas, sendo Jesus Cristo a Pedra angular".¹⁰⁵ Portanto, na Nova Jerusalém não haverá mais templo, "pois o seu templo é o Senhor, o Deus todo poderoso e o Cordeiro".¹⁰⁶

Por isso estejamos convictos de que, desde o nosso Batismo, tornamo-nos templos vivos de Nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio da Santíssima Trindade. A celebração, tanto da Eucaristia quanto da Palavra, é a coroação de nossa fé e de nosso compromisso com Deus, que nos fortalece por meio do seu Corpo e de sua Palavra.

2.4-8) O altar

Entre os símbolos litúrgicos de suma importância está, sem dúvida, o altar: ele para nós cristãos simboliza o centro da Igreja e ao mesmo instante o centro místico de nossa fé.

O altar é um elemento eminentemente utilizado em relação aos outros símbolos, pois do início ao fim de uma celebração nós nos aconchegamos a ele. O altar também é um lugar de sacrifício; significa o centro do mundo, o lugar de encontro com a divindade. E ainda "ele aparece como símbolo da totalidade, da pureza virginal. Por isso, era geralmente de pedra natural. Pode ainda expressar o centro de unidade".¹⁰⁷

¹⁰⁴ 1 Cor 3,16

¹⁰⁵ Ef 2,20

¹⁰⁶ Ap 21,22

¹⁰⁷ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Símbolos Litúrgicos*. 12a ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 67

Por outro lado, o altar relembra a vivência da unidade entre Jesus Cristo e seus Apóstolos, ou seja, a mesa sagrada da Ceia do Senhor, a qual está intimamente ligada ao Sacrifício da Cruz. Por isso, o sacrifício do cristão é um sacrifício espiritual de ação de graças com o Cristo, em que oferecemos o nosso coração, reconhecendo Deus como nosso criador e Senhor. Portanto, o altar “é essencialmente a mesa do sacrifício, realizado em forma de Ceia Eucarística. E, pois, o lugar em que se torna presente o Sacrifício da Cruz, sob os sinais sacramentais para que dele participemos; é igualmente a mesa do Senhor cuja participação é do povo de Deus, é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia através do sacerdote ministerial”.¹⁰⁸

O altar, para os cristãos, na Celebração da Eucaristia, deixa de representar simplesmente o lugar de sacrifício, para tornar-se símbolo do próprio Jesus Cristo. Nesse sentido, Ele se torna presente na atitude sacrificial da Cruz; aí Ele se toma presente como pão vivo descido dos céus. Por isso, como a Cruz, cada altar cristão torna-se centro do mundo, pois Cristo é a pedra rejeitada pelos construtores, mas que tornou-se a Pedra Angular. Dessa forma, fica claro que na pessoa de Jesus Cristo se constitui a totalidade, reunindo todos os povos na unidade em torno do sacrifício de reconciliação. Ele faz com que todos os homens possam recuperar a integridade original. O altar consagrado significa o altar que está presente em cada pessoa, sobre o qual está o sacrifício do amor a Deus qual chama eterna.

O altar é tão significativo na Igreja, que, se compreendêssemos isso, todas as vezes que passássemos por sua frente, feríamos a nossa reverência em atitude de amor, adoração e respeito, isso porque reverenciando o altar, não reverenciamos simplesmente um pedaço de pau ou pedra, mas estamos nos dirigindo ao próprio Jesus. “Portanto, tudo depende da maneira como nós o fazemos e do sentido que damos. Em todo caso, o altar no centro do Templo cristão evoca de uma maneira toda particular a presença de Deus”.¹⁰⁹

2.4-9) As vestes

¹⁰⁸ Idem

¹⁰⁹ Idem p.68

Quando falamos em veste, imaginamos logo de início as vestimentas dos religiosos e religiosas ou padres, mas é bom sabermos que o sentido da veste vai muito além desse uso utilitário.

Por isso, é interessante observar que o homem gosta de recobrir, velar aquilo que valoriza de modo especial. Assim também é o corpo humano. Cria-se, então, aquele jogo de esconder ou cobrir e mostrar ou descobrir, na medida em que a pessoa deseja comunicar-se ou na medida em que é necessário para comunicar-se. A partir de então “surgiram através da história as diferentes vestimentas e em determinadas funções na sociedade humana. Temos, por exemplo, a veste batismal, de Primeira Eucaristia, o vestido de noiva, a farda militar, a veste do religioso, do juiz e do sacerdote. Usamos roupas diferentes para o trabalho, o divertimento e a festa. Elas são a expressão de um estado de alma como a alegria, a festa ou o luto. Podem exprimir ainda uma função”.¹¹⁰

Mas o que queremos realmente é trabalhar a importância da veste dentro da Liturgia e os seus significados. As vestes litúrgicas, das mais humildes às mais ricas, contribuem para um clima de alegria, de elevação, de festa, dessa forma ajudando a assembleia a manifestar-se como um povo em festa pela salvação em Cristo. Por outro lado, é de suma importância observarmos que, quando tratamos de uma veste litúrgica, não devem os fiéis pensar que se estão exaltando apenas as vestes sacerdotais, mas as vestes de todos os cristãos que estão participando da celebração. Portanto, a veste na Liturgia quer expressar um ambiente de festa, torna-se um convite para revestir-se de Cristo. Nesse sentido, a veste quer ajudar a nos comunicarmos com Deus, por exemplo, tanto para o sacerdote quanto para todos os que tiverem funções especiais, o vestuário pretende ainda exprimir ou realçar sua função na celebração. “Uma coisa nos parece certa. As formas variam através dos séculos, mas o vestuário como tal será sempre um elemento valioso na expressão religiosa do homem”.¹¹¹

2.4-10) Os sinos

¹¹⁰ Idem p. 69

¹¹¹ Idem p. 71

Os sinos também se comunicam, e a comunicação que eles fazem simboliza um convite à oração. É uma piedosa tradição que vale a pena ser conservada e cultivada, quando bem compreendida. Devido à sua importância, “esta oração é também chamada *Ângelus*, porque em latim começa com a palavra *Ângelus*. ‘O anjo do Senhor anunciou a Maria’. Ou ainda as Ave-marias”.¹¹² O dobrar dos sinos lembra também aos cristãos que se está aproximando o momento de louvores e agradecimentos a Deus.

O dobrar dos sinos não é apenas uma piedosa tradição como muitos imaginam. Pelo contrário, incentiva e motiva os fiéis cristãos a se aglomerar em torno da Palavra de Deus. Assim disse Jesus: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles”.¹¹³ O dobrar dos sinos simboliza também a voz de Deus chamando os fiéis a dar glória a seu Filho Jesus Cristo. É a voz de Deus procurando espaço no oásis do coração de seu povo. É a voz de Deus alertando os seus a não passarem este momento despercebidos. O dobrar dos sinos quer reunir-nos para formarmos uma só família, um só povo, baseado na “paz, amor, fraternidade, solidariedade, comunhão fraterna e na oração” (At 2,42-47),

Os sinos não dobram apenas ao toque das Ave-marias, mas chamam os fiéis para a assembleia Eucarística, anunciam a morte de um cristão, convocam o povo para outras celebrações tais como Vésperas e Bênçãos do Santíssimo. Dobram ainda para anunciar o Dia do Senhor ou soam solenemente nas grandes festas em que o povo sai às ruas em procissões triunfais”. De uma forma ou de outra, os sinos, através de seus dobres, ensinam os fiéis a se situarem no tempo e no espaço, isto é, na Igreja. Isso foi bem incentivado e bem transparente aos olhos do Concílio Ecumênico Vaticano II, que aconselha o uso dos mesmos em todas as comunidades nos momentos de manifestações religiosas.

Após esse breve tratado referente aos sinos, percebemos sem dúvida a sua grande riqueza enquanto símbolo de convite, de encontro de irmãos, no qual as suas sóbrias caridades tornam-se símbolo da comunidade reunida, símbolo de fé, símbolo da convocação do povo de Deus para ouvir a sua Palavra e celebrar os

¹¹² Idem p 91

¹¹³ Mt 18,20

seus mistérios. Eis, portanto, o que achamos por bem sintetizar para que compreendêssemos os significados desse símbolo.

2.4-11) O fogo

O fogo na Liturgia, tem vários e belíssimos significados característicos, e estes mesmos nos fazem penetrar no mistério que estamos celebrando — Jesus Cristo morto e ressuscitado.

Se por um lado, o fogo ilumina e aquece, por outro, o mesmo fogo queima e destrói. O uso simbólico do fogo é bastante antigo. No Antigo Testamento, o fogo simbolizava a natureza e a ação de Deus, ou seja, a presença de Deus na caminhada de seu povo, o povo de Deus peregrino em busca de libertação. Era esse fogo que suscitava coragem no seu povo, de maneira que não cruzasse os braços frente às dificuldades, não se acomodasse frente às tribulações da vida. “A experiência de Deus é mistério que está além da compreensão humana. Esse mistério é apresentado aqui como o fogo que arde sem se consumir. Esse Deus misterioso é o aliado do povo oprimido, o povo de Abraão, Isaac e Jacó. Moisés deverá tomar partido ou continuar identificado com os poderosos que oprimem o povo, ou se colocar à disposição de Deus, que toma partido dos oprimidos”.¹¹⁴ Por outro lado, no Novo Testamento, o fogo aparece mais como instrumento de purificação pelo julgamento. João Batista afirma: “Virá alguém que há de batizar no Espírito Santo e no fogo” (Mt 3,11). Nesse sentido, o significado do fogo descrito por João Batista simboliza para os fiéis uma mudança radical de vida, porque já se aproxima o Reino de Deus, que vai transformar radicalmente as relações entre os homens. O fogo destruirá tudo o que há de negativo no homem: injustiça, perversidade, egoísmo, opressão, arrogância. Jesus continua dizendo de si mesmo: “Eu vim lançar fogo na terra, e como desejaria que já estivesse aceso!”.¹¹⁵ Esse “lançar fogo”, dito por Jesus, foi a missão vivida por Ele desde o Batismo até as últimas consequências na Cruz, anunciando e fazendo acontecer o Reino, e ao mesmo instante entrando em choque com as concepções dominantes de sua época. Com isso, Jesus nos quer chamar a atenção para o fato de que devemos ser fogo

¹¹⁴ Ex 3, 1-6

¹¹⁵ Lc 12,49

entre os cristãos, de maneira que as pessoas que nos cercam vejam em nós servidores autênticos de Cristo.

O fogo também nos lembra um fato histórico de imensa relevância que se deu com a comunidade dos Apóstolos em Jerusalém no dia de Pentecostes: o “Espírito Santo desceu como línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles”.¹¹⁶ O fogo simboliza, para os homens que acreditam, a presença do Pai, do Filho e do Espírito. Esse fogo “novo tirado da pedra virgem na Vigília da Páscoa simboliza Cristo que, saindo do sepulcro de pedra, vai ao encontro de sua glória. O Círio Pascal representa Cristo, princípio de salvação. Cristo é a verdadeira coluna de fogo que serve de guia para o seu povo. É na justiça de Cristo que todo homem é batizado. Nele se infunde o fogo do Espírito Santo, um fogo purificador do pecado, um fogo que dá nova vida, fogo do amor de Deus que transforma todas as coisas”.¹¹⁷ Por isso, participar da Liturgia é deixar-se envolver pelo fogo que dá vida, que nos leva a partilhar, que nos incentiva a ser solidários com o próximo. Esse fogo, que é Jesus Cristo, é o fogo que nos encoraja a partilhar o nosso tempo com as atividades pastorais da Igreja. Portanto, devemos ser sabedores de que esse fogo só fará morada em nós se deixarmos espaço para que possa entrar, pois do contrário nunca se acendera em nós.

Devido a essa imensa importância que o fogo adquire como símbolo litúrgico, é que constantemente a Igreja Católica reza: “Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor”. Como os sacrifícios dos holocaustos, nossas vidas deverão ser consumidas pelo fogo do amor de Deus, tomando-se sacrifício vivo para o louvor de sua glória”¹¹⁸.

A presença do símbolo do fogo é tão constante em nossas celebrações, que é devido a essa expressão simbólica que há a presença permanente de um “fogo sagrado” ao lado do sacrário, simbolizando a presença misteriosa e milagrosa de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia. Eis, portanto, as considerações que fizemos a respeito desse importante símbolo.

¹¹⁶ At 2,3

¹¹⁷ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Símbolos Litúrgicos*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, pp. 79-80

¹¹⁸ Idem p. 80

2.4-12) O incenso

O uso do incenso é muitíssimo anterior ao cristianismo, e significava purificação e proteção. “Em muitas religiões ele é um importante elemento do culto. Foi usado pelos cristãos a partir do século IV. Hoje é menos utilizado, mas mantém o seu sentido. É utilizado na Adoração eucarística para incensar o Santíssimo. A fumaça que sobe simboliza nossa oração que vai até Deus altíssimo”.¹¹⁹

Para a religião judaica, o incenso era símbolo da adoração e do sacrifício, e o seu aroma servia também para aplacar a cólera de Javé. De modo geral, o incenso constitui um símbolo de adoração e veneração a Deus. O sacrifício do incenso e a adoração se identificam, sendo ambos um sacrifício a Deus (cf. Sl 141,2) A fumaça do incenso que se dirige aos céus simboliza, também, a nossa disposição a Deus. Apaga o que temos de inútil. Ora, a fumaça, fazendo perecer em cada cristão aquilo que desagrada a Deus, é claro, torna os fiéis inteiramente disponíveis ao Senhor, colocando-os na inteira disposição de seu projeto, que é ver o homem e a mulher fazendo acontecer a justiça entre os seus semelhantes. O incenso é também usado para incensar tumbas e altares dos mártires.

Com o passar dos tempos, o incenso vai adquirindo novo espaço, e dessa vez dentro da própria Liturgia. Com isso, o incenso deixa de ser simplesmente símbolo, mas passa a ser o sinal de reverência do humano para com o divino, transformando-se em um gesto sacramental. Por exemplo: “a benção do incenso colocado em turíbulo; a incensação em forma de cruz quer simbolizar o Sacrifício da Cruz; e a incensação das oferendas a Deus, retirando do uso profano. Quando são incensados pessoas e objetos, quer se expressar a veneração, em última análise, dirigida ao próprio Deus. Mesmo a incensação de um cadáver ou de um túmulo terá o mesmo significado”¹²⁰, O incenso na Constituição Sacrosanctum Concilium, continua dando um brilhantíssimo sentido às celebrações, principalmente quando se trata de celebrações festivas, como Natal, Páscoa, profissões religiosas, ordenações sacerdotais etc. Por outro lado, na “Celebração Eucarística, quando ele é usado para incensar o altar, a cruz, o livro dos Evangelhos, as oferendas, o celebrante, a

¹¹⁹ JOÃOZINHO, Pe. SCJ. *Curso de liturgia*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 99

¹²⁰ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Símbolos litúrgicos*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996

assembleia e o próprio Cristo sacramentalmente presente na hora da consagração, torna mais incrementado o nosso culto”.¹²¹

Por isso, é interessante compreendermos os diversos e grandemente expressivos significados que tem o incenso, inserido na Liturgia católica, porque ele é símbolo que abrange não só apenas um sentido, mas vários ao mesmo instante. Em primeiro lugar, a veste: temos a fumaça, ou a nuvem, que sempre significou a presença de Deus entre os homens. Simboliza ainda a oração-diálogo que se eleva aos céus. E por seu turno, São Paulo “pede que os cristãos sejam o bom odor de Cristo”. Para tanto, somos ungidos pelo óleo perfumado do crisma. O uso do incenso atinge até o ouvido pelo som ritmado do turíbulo. Portanto, a linguagem do incenso, na Liturgia, atinge não apenas a inteligência, o intelecto do homem, mas o homem todo, Se não valorizarmos esses sinais que atingem os diversos sentidos do homem em sua totalidade voltado em oração para Deus, outras formas sincretistas de culto ganharão terreno em detrimento do culto cristão católico. Por isso, sejamos sabedores de que não se trata de conservar tais sinais apenas por serem tradicionais, mas de valorizar a linguagem sagrada em toda sua amplitude, contanto que seja redescoberto em seu sentido de linguagem do sagrado.

Concluimos, portanto, essa temática dizendo que os “símbolos são mediações entre o dado e a realidade, entre a realidade e a plenitude, entre a presença e a ausência, entre a existência e a mesmice, entre a imanência e a transcendência, entre o visível e o invisível, entre você e os outros, entre Deus e os homens. Os símbolos não são uma realidade vazia, mas uma realidade plena daquilo que simboliza e a que remetem por seus dinamismos analógicos. As suas eficácias personificadoras consistem na faculdade de tornarem presentes, de forma mais plena, uma realidade que já está neles de maneira mais imperfeita”.¹²²

¹²¹ Idem, p. 82

¹²² VVAA. *A Celebração na Igreja I, Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990, p.331

2.5 Os Sacramentos

Os sacramentos nos revelam as maravilhas sucessivas do evento decisivo da salvação. Eles são ações divinas decorrentes do evento pascal de Cristo, do qual tiram todo o significado específico, constituindo a repercussão em cada homem do que ocorreu na história por meio de Jesus.

Os sacramentos são os sinais visíveis que apressam e tornam presente o mistério da salvação. Esse fato se relaciona com a estrutura própria dos tempos atuais da história da salvação: a ação de Deus encontra-se agora ligada ao mistério de Cristo, da Igreja e dos sinais sacramentais. Observemos com mais precisão o mistério de salvação, quando formos expor os sete sacramentos instituídos pelo próprio Cristo, que são: Batismo, Confirmação ou Crisma, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio.

2.5-1) O Sacramento do Batismo

O Batismo é o sacramento que constitui o fundamento de toda a existência cristã. A partir deste, o batizado passa a fazer parte da comunidade cristã, a Igreja. Por isso, é importante que as catequese estejam à altura desse sacramento, para que possam transmitir sua importância aos pais e padrinhos dos batizando, pois só assim, poderão ajudá-los a crescer na fé cristã.

O sacramento do Batismo é o primeiro que a pessoa deve receber. Ele é encarregado de abrir a porta dos céus aos que recebem a fé. Com o sacramento do Batismo, morre em nós o pecado; começamos uma nova etapa de vida, renascemos para Cristo, com a vida mergulhada no mistério da Santíssima Trindade. Por isso, “o Batismo torna presente a Páscoa de Cristo, a nova vida, realizando-se a aliança de amor na fé e a inserção na comunidade eclesial”¹²³ Mesmo o Batismo sendo o sinal que faz dos cristãos participantes do mistério de Cristo, é importante, no caso do batismo de crianças, que os pais e padrinhos sejam pessoas repletas de fé nesse sacramento. Que eles sejam praticantes da fé cristã católica. Não se pede uma coisa, um alimento de que não se gosta, e assim também deve ser com relação ao Batismo: como é que as pessoas pedem esse sacramento se não acreditam que há

¹²³ BECKHÄUSER, Alberto. *Frei OFM Celebrar a vida cristã*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 33

nele a presença de Jesus Cristo morto e Ressuscitado? Por isso, é necessário que antes de pedi-lo, tenha-se uma boa preparação, isto é, ter consciência dos possíveis compromissos que deverão ser assumidos após a imersão nesse sacramento.

Podemos dizer que, entre as celebrações dos sacramentos, uma das mais importantes é a do Batismo, porque, com esse sacramento, dá-se uma nova caminhada, por isso os participantes dessa celebração deverão estar bem motivados para se introduzirem no mistério que estão celebrando. Portanto, “para os crentes, ser batizado significa reviver sacramentalmente o itinerário da Morte e Ressurreição de Cristo. Pois pelo Batismo nós fomos sepultados com Ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós tenhamos vida nova. Porque nos tornamos uma coisa só com Ele, por uma morte semelhante à sua. O batismo pertence inseparavelmente ao desenvolvimento da economia global da salvação. Não é um acontecimento isolado: ele foi prefigurado e preparado durante o Antigo Testamento, manifestando-se em Cristo Jesus e se desdobrando na Igreja à espera do juízo final”.¹²⁴ O sacramento do batismo é imensamente eficaz na caminhada daqueles que o abraçam com fé. Nele é inaugurada a vida nova, agora misteriosa, mas que se manifestará quando do retomo de Cristo e que, entretantes, deve manifestar-se em constante esforço espiritual: é o ingresso no novo povo, que não admite mais a diferença entre gregos e judeus, entre escravos e livres, porque é o povo dos filhos de Deus, concidadãos dos santos. Para São Paulo, “ser batizado significa pertencer ao corpo de Cristo que é a Igreja, com todos os direitos e deveres que isso comporta”.¹²⁵ Com isso, Paulo quer fazer com que compreendamos que “com o batismo, o ser humano passa a ser nova criatura; perece o homem velho; surge o homem novo, nascido de Cristo” (Cf. 2Cor 5,17; G1 6,15).

Mas, para vivermos bem esse sacramento, temos que fazer parte aqui na terra de um lugar especial, que é a Igreja. É nesse lugar que se concretiza a recapitulação progressiva de todos os fatos em Cristo Jesus. “Portanto, devemos compreender que o sacramento do batismo é a comunhão com o Pai, com o Filho e

¹²⁴ ROCCHETA, Carlo. *Os sacramentos da fé; Ensaios de Teologia Bíblica sobre os Sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da igreja*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 237

¹²⁵ 1Cor 12,12-27; 2Cor 5,17; G16,15

com o Espírito Santo na fé e na Igreja única”¹²⁶ e, por ser um sacramento de comunhão com Pai, Filho e Espírito Santo, requer por parte de quem contraí-lo, um empenho na construção do projeto de Deus pela diversas pastorais que existem no seio da Igreja.

O Concílio Ecumênico Vaticano II, na CSC, mostrou-nos claramente que o sacramento do batismo não é apenas para crianças, mas para adultos também, especialmente para aqueles que, iluminados pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio do mistério de Cristo e, conscientes e livres, procuram o Deus vivo e buscam o caminho da conversão, porque através do batismo Jesus Cristo quer aglomerar e “carimbar” todo o povo de Deus para formar uma só família, uma só Igreja e um só rebanho, de maneira que não se perca nenhum dos pequeninos do seu rebanho. A salvação que abraçamos no batismo não depende de raça, cor, condição financeira ou social, mas sim da vivência da caminhada com Deus. Quando se trata do batismo de adultos, espera-se que o desejo destes em pedir tão importante sacramento não seja simplesmente um euforia, uma empolgação, mas principalmente uma escolha consciente e madura, para que possam vivê-lo para sempre.

Observemos, também, alguns símbolos que utilizamos na celebração do sacramento do Batismo, que sem dúvida levarão aos fiéis a compreender melhor o significado e a importância do batismo na sua vida. A presença do óleo dos catecúmenos no peito da criança precede a imersão na água do Batismo feito pelo sacerdote, diácono ou ministro extraordinário, vindo após esta frase dita pelo celebrante: “O Cristo vos dê sua força”. Isso simboliza a pertença dos batizados a Deus, sendo também bênção, consagração, reconhecimento da parte de Deus e especial distinção diante dos homens. Simboliza ainda “a invocação do Espírito Santo para a renúncia ao mal e para a profissão de fé. É o Espírito da força, da coragem do atleta, do combate, daquele que desce ao banho”¹²⁷

A água utilizada nesse sacramento simboliza a libertação, purificação e vida no Espírito Santo. “O mesmo Espírito de Deus que pairava sobre as águas da primeira criação, fecundou e consagrou Jesus com vista à sua missão de salvação em favor de toda a humanidade. A água do Jordão é o sinal do batismo de Jesus e

¹²⁶ Ef 4,4-6

¹²⁷ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã*, 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 60

da unção do Espírito. Em si mesmo, o acontecimento é trinitário, em relação àquele que ungiu, àquele que foi ungido e à própria unção com que foi ungido: quem ungiu foi o Pai, quem foi ungido foi o Filho pelo Espírito. O batismo é santificação e missão no Espírito de Cristo” .¹²⁸

Portanto, no sinal da água, o sacramento do Batismo aparece como dom e evento trinitário em favor dos crentes. A água torna-se portadora da graça de Cristo pela virtude do Espírito Santo, que nela suscita a humanidade do Filho de Deus encarnado no seio de Maria. Por isso, no Sacramento do Batismo, a água que usamos simboliza, também a ação de Deus na história da salvação. Ela pode ser vida e morte. Assim, no batismo morremos para o pecado e somos salvos em Cristo Jesus. Compreendamos, portanto, que não é a água que tem a força de purificar o pecado e dar nova vida, mas o Espírito Santo que age através dela. Tudo aquilo que dizemos da água, atribuímos à ação do Espírito Santo na hora do batismo. Por esse motivo, no momento importante do batismo, o celebrante aproxima-se da bacia com água juntamente com os batizados, pais e padrinhos, derrama água por três vezes e diz: “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.” Mas, antes dessa transformação na vida dos batizados, eles, juntamente aos seus pais e padrinhos, são motivados e convidados “a renunciar ao Satanás com todas as suas obras, a todas as suas seduções e, ao mesmo tempo, a crer em Deus Pai todo poderoso, em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, na força do Espírito Santo, na remissão dos pecados, na ressurreição dos mortos e na vida eterna”.¹²⁹

O batizando, na imersão, recebe também o Óleo do Crisma. Essa unção que o sacerdote faz na cabeça dos batizados “quer, pois, significar que pelo Batismo nos tornamos participantes do poder messiânico de Cristo, reis e rainhas, sacerdotes e sacerdotisas, profetas e profetisas, conforme 1Pd 2,9-10. Profetas, porque passam a participar da salvação em Cristo, e daí devem anunciar aos homens por palavras e exemplo de vida. Manifestar Deus que é amor através do verdadeiro amor”.¹³⁰

¹²⁸ ROCCHETTA, Cario. Op. Cit, p 258

¹²⁹ *Sacramentário*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes 1995, pp. 23-24

¹³⁰ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. Celebrar a vida cristã, 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 60

A unção do óleo sobre a cabeça dos batizados quer significar também que nos tornamos sacerdotes a partir dele. Portanto, participamos do sacerdócio de Cristo, pois, participando do novo povo de Deus na Nova Aliança, somos um povo sacerdotal capaz de oferecer sacrifícios com Cristo, abraçar a nossa vida como Dom de Deus e oferecê-la em ação de graças ao Criador. Por fim, concluímos, que com o símbolo do Óleo do Crisma na Celebração do Batismo, tornamo-nos reis possuidores do Reino de Deus. Portanto, com Cristo vencemos a morte e o pecado, participamos da própria vida de Deus, tornamo-nos mensageiros da Boa-Nova.

Já a vela acesa, como um dos símbolos mais significativos na Celebração do Batismo, simboliza “a luz, consagração, acompanha o cristão em sua caminhada neste mundo até chegar ao reino da luz, No Batismo ela significa a fé, a nova vida em Cristo, o Cristo que somos chamados a testemunhar”.¹³¹

Pelo Batismo somos iluminados, participamos da luz que é Cristo. Não mais andamos nas trevas, pois somos filhos de Deus. Tomamo-nos um com Cristo, luz que ilumina os nossos passos. Nesse instante, os pais e padrinhos têm papel importante, porque se tornam responsáveis por fazer com que a criança possa ser sempre luz para os outros em sua vida. Esse é o sentido mais dinâmico da vela acesa. “Pelo Batismo somos convidados a ser luz do mundo. Não podemos ficar escondidos debaixo do alqueire, não podemos ser focos fechados em armários. Daí porque a nossa luz deve brilhar sobre a montanha para que os homens vejam as nossas boas obras e glorifiquem o Pai”.¹³² Portanto, receber o símbolo da vela acesa no Batismo é tornarmo-nos testemunhas autênticas da Palavra de Deus onde quer que seja, e fazer com que essa luz nunca se apague em nenhum dos filhos de Deus, mas possa tornar-se pouco a pouco um foco cada vez mais radiante de amor, com o testemunho de vida, perante os olhos de Deus e da comunidade.

Sendo esses os símbolos que achamos mais importante trabalhar, podemos concluir dizendo que o sacramento do Batismo se cumpre na fé da Igreja, pressupondo, pelo menos em voto, a fé de quem dele se aproxima. Ainda que seja eficaz por si mesmo, ele chama à adesão e à resposta de fé, de modo que os dons divinos que nos aportam sejam vividos plenamente: uma fé, a fé batismal, que

¹³¹ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Símbolos litúrgicos*. 12a ed. Petrópolis: Vozes. 1996, p. 18

¹³² Cf. Mt 6, 14-16; Lc 8, 16, 33, 36; Mc 4, 21-23; Jo 3,21

reveste de luz toda a existência humana, inserindo-a em contexto salvífico preciso de comunicação pessoal com o Deus tripessoal no âmbito da Igreja, comunidade dos salvos.

2.5-2) O Sacramento da Eucaristia

Entre os sacramentos de suma importância, está certamente o da Eucaristia, tido como “a fonte e cume da vida de cada cristão junto à Igreja” (SC 10), conforme afirma o Concílio Vaticano II. Igreja e Eucaristia são dois aspectos da mesma realidade: “a presença salvífica de Cristo no meio de nós. Por isso, nos primeiros séculos, ambos recebiam a mesma denominação: Corpo de Cristo sem a consciência. Por isso, também, o novo Código diz que, pela Eucaristia, continuamente vive e cresce a Igreja e que, por ela, é significada e se realiza a unidade do povo de Deus e se completa a construção do Corpo de Cristo.”¹³³

No Sacramento da Eucaristia, Deus reúne todos os batizados em seu Filho Jesus Cristo. Assim, como os demais sacramentos, também a Eucaristia é um símbolo que manifesta e promove a fé ou experiência da comunidade cristã. Só nele o simbolismo é eficaz: expressa e oferece a graça ou encontro de salvação. Esse sacramento serve como uma espécie de “combustível”; ele é força na caminhada de cada cristão, não em sua individualidade, mas na solidariedade. O Concílio Ecumênico Vaticano II também diz que: “a Eucaristia é o memorial de sua Morte e Ressurreição, sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal. Em Jesus Cristo nos é comunicado em alimento o Espírito repleto de graça e nos é comunicado o penhor da futura glória”.¹³⁴

Na Eucaristia, mais profundamente que nos outros sacramentos, o Concílio Vaticano II nos mostrou nitidamente que atua toda a Igreja. O sacramento da Eucaristia é a ação do próprio Jesus Cristo e da Igreja. Por isso também, não existem Eucaristias “privadas, isoladas ou ocultas”. Portanto, da mesma forma “no

¹³³ HORTAL, Jesus, SJ. *Igreja e direito; Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônica-pastoral*, São Paulo: Loyola, 1997, p. 94

¹³⁴ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã*, 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 99; cf, também *Compêndio do Vaticano II, In Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a liturgia, 20ªcd. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 279, n° 47*

banquete Eucarístico, o povo de Deus é chamado a reunir-se na participação, cada um a seu modo, segundo a diversidade de ordens e funções litúrgicas”.

Ora, daquele mesmo gesto que Jesus Cristo fez na última Ceia da Quinta-feira Santa, quando Ele aglomerou os seus apóstolos, Ele quer que façamos reminiscência, quando nos reunimos para celebrar esse sacramento. Por isso, é importante que cada batizado saiba que o “Sacramento da Eucaristia não é só causa, mas também cume da unidade da Igreja; por isso já deve existir uma unidade inicial, para que este sacramento possa chegar à sua culminância. A Eucaristia é não só presença real de Cristo, mas é principalmente comunhão no Corpo e no Sangue do Senhor Jesus Cristo. É precisamente por isso que, além do Batismo, no adulto, exigimos também a intenção, pois não se concebe como alguém poderia unir-se, contra a sua vontade, na comunhão de vida e de sacrifício com Cristo”.¹³⁵ Pois é de suma e extraordinária importância que os batizados saibam que abraçar o sacramento da Eucaristia é colocar-se à disposição do projeto de Deus, assim como Jesus fez com os seus apóstolos naquela refeição, refeição esta que não simbolizou apenas um simples almoço ou jantar, mas um convite que Jesus fez aos seus, como partilha, comunhão e amor, por isso cada cristão, ao mergulhar no sentido real do sacramento da Eucaristia, deve assumi-lo e realizá-lo em atitude de alegria, de união com Deus em Cristo e com os irmãos, na intimidade da vida divina, em que ele mesmo se dá a nós em alimento.

Em todos os sacramentos, sem dúvida, há a presença salvífica de Cristo, isso é inquestionável. Mas no Sacramento da Eucaristia está a presença de Jesus Cristo em Corpo, Sangue e Espírito, como nosso alimento na vida terrena, que nos prepara à vida futura. Por isso, exige-se que cada batizado tenha o maior carinho e amizade por esse sacramento que é transformado em Cristo. Nesse sentido, sucede um verdadeiro intercâmbio, uma permuta entre o céu e a terra, entre Deus e os homens, convidando-os à intimidade do banquete, em que Ele os faz participar de sua vida verdadeira, pois o Sacramento da Eucaristia é o convite de Deus aos homens em Cristo e entre si.

¹³⁵ HORTAL, Jesus, SJ. Op. cit, pp. 103-104

Assim, concluímos este tratado sobre o Sacramento da Eucaristia chamando a atenção dos fiéis batizados para que estejam cientes de que participar desse sacramento é viver o amor de Deus entre os homens, partilhando suas experiências na comunidade, espelhando-se na vivência e exemplo da primeira comunidade cristã. Não é possível que um cristão autêntico não participe desse sacramento, que em si já é partilha. Por isso, devemos primeiramente partilhar com os irmãos para depois partilhar com Deus e seu Filho Jesus Cristo, do qual brota a Eucaristia, que é o sacramento do agradecimento por excelência, por consistir numa oferta, numa aliança.

2.5-3) Sacramento da Crisma

O Sacramento da Crisma é o sacramento que está em relação de continuidade com o Sacramento do Batismo. Assim como o Batismo, a Crisma também pertence à categoria das grandes obras de Deus.

Se o Batismo infunde-se no mistério da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, por seu turno a Crisma tem seu fundamento no mistério da efusão do Espírito Santo no Pentecostes, que inaugurou o tempo da Igreja e a missão dos apóstolos e dos cristãos no mundo.

O Sacramento da Crisma é conhecido como o sacramento de maturação de fé dos batizados. “Ele se inscreve nessa comunidade e nesse tempo como sacramento da plenitude do Espírito, que confirma o batizado e o compromete com novas e mais responsáveis condições de dar testemunho do Evangelho para a construção da Igreja e do Reino de Deus no mundo”¹³⁶. O Sacramento da Crisma ou Confirmação constitui, pois, como que um aprofundamento da iniciação cristã realizada no batismo. Isso significa que é o Sacramento da Crisma que imprime o caráter pelo qual os batizados, continuando o caminho da iniciação cristã, são enriquecidos com o dom do Espírito Santo e vinculados mais perfeitamente à Igreja, fortalece-os mais estreitamente e os obriga a serem testemunhas de Jesus Cristo pela Palavra, ação, difusão e defesa da fé. No Sacramento da Crisma recebemos o Espírito Santo, somos convocados a levar à perfeição o que na realidade recebemos

¹³⁶ ROCCHETTA, Carlo. Op. Cit., p.266

no Sacramento do Batismo. Através dele, cada batizado concretiza a mensagem de Jesus Cristo, mensagem de unidade, de amor, de justiça e de paz, em suma, de vida, “até chegarmos à idade madura de Cristo”; por isso é ele que constitui em cada cristão a mensagem de Cristo. O crente só poderá compreender a doutrina (catequese de Cristo) por intermédio da força do Espírito Santo, na vida prática, seguindo os seus passos neste mundo, passando com Cristo deste mundo ao Pai.

Não pensem, portanto, os crentes que o Sacramento da Crisma transformamos apenas em soldados, mensageiros autênticos de Jesus Cristo em sua Igreja; nem só também como sacramento da fase (idade) adulta, do testemunho ou do apostolado, “mas o Sacramento do Espírito Santo que nos dá a força para podermos chegar à perfeição, à santidade, vivendo, em todas as circunstâncias de nossa vida, no trabalho, na saúde e nas enfermidades, nas alegrias e nas tristezas, na construção do mundo e no culto, de acordo com a vontade do Pai” .¹³⁷

O Concílio Vaticano II quer nos deixar claro que o Sacramento da Crisma ou Espírito Santo é um sacramento que perdura a vida toda, daí porque nunca chegaremos ao final do caminho da perfeição em plenitude. Por isso, todas as vezes em que nos encontrarmos em dificuldade na nossa vocação cristã, no pleno sentido da palavra, temos, por intercessão do Sacramento da Crisma, o direito de pedir e obter a força do Espírito Santo, essa aliança entre Deus, seu Filho Jesus e os homens, através do Espírito Santo dado no dia de nossa confirmação, de nosso sim.

Para celebrarmos o Sacramento da Crisma, não é suficiente apenas sermos batizados; temos que demonstrar vontade e consciência da riqueza espiritual que há nesse sacramento, e ao mesmo instante participar da comunidade, ou seja, estar engajado nas atividades pastorais da paróquia ou comunidade. É preciso acreditarmos na força transformadora que há nesse sacramento. Mas essa força transformadora só acontece a partir do momento que o cristão se deixa envolver pela força do Espírito Santo. E uma vez que o crente está revestido pela força do Espírito, poderá dar muitos frutos: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e autodomínio”.¹³⁸ Portanto, o Sacramento da Crisma, que é conhecido também como Sacramento do Espírito Santo, é o dom de

¹³⁷ BECKHÄUSER Alberto, Frei OFM. Celebrar a vida cristã. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 66

¹³⁸ Gl 5,22-25

Jesus Ressuscitado que gera a Igreja e a paz anunciadora da Boa-Nova da salvação.

Por isso, o Papa, os bispos e padres conciliares, sabedores da extraordinária importância desse sacramento, relatam que, assim como existiu uma Páscoa e um Pentecostes na vida da Igreja em geral, existiu também na vida de cada um de seus membros. A mesma importância que atribuímos ao Batismo devemos atribuir também à Crisma. Assim como a Páscoa e o Pentecostes são duas facetas da vida cristã inseridas no mistério de Cristo, “também podemos dizer que o Batismo constitui mais o aspecto estático, ontológico do ser cristão, ao passo que a Crisma expressa mais o aspecto dinâmico, evolutivo da vida cristã”.¹³⁹ Ou seja, uma coisa é ser batizado, tornando simplesmente cristão, levado pelos pais e padrinhos à Igreja, quando criança; outra coisa é viver esse Batismo, chegar à plenitude de santidade, evoluindo sempre mais a fé cristã, tomando sempre novo impulso, crescendo constantemente na vida iniciada pelo Batismo.

Ao concluirmos este relato sobre o Sacramento da Crisma, queremos especificar que o ministério exclusivo da Crisma é do Bispo, a não ser que ele delegue um sacerdote para a celebração. Isso quer dizer que o Sacramento da Confirmação está intimamente ligado à primeira efusão do Espírito Santo no dia do Pentecostes. Portanto, assim “como os apóstolos, os bispos continuam a exercer a função de transmitir o Espírito Santo àqueles que creram e foram batizados”.¹⁴⁰ Por isso, estejam conscientes pais, padrinhos e crismandos que, para alguém ser admitido à Crisma, é necessário que seja batizado e atuante na comunidade, que tenha o uso da razão (consciência desse compromisso), esteja em estado de graça, convenientemente instruído na religião e possa renovar as promessas de Batismo. Aí sim, o crismando, tendo cumprido esses critérios, está apto a pedir este sacramento e assumi-lo com a graça de Deus. Com isso, “o Bispo e os presbíteros que concelebram a Confirmação impõem as mãos sobre os confirmandos, dizendo o Bispo sozinho a seguinte oração: ‘Deus Todo Poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que pela água e pelo espírito, fizestes renascer estes vossos servos, libertando-os do pecado, enviai-lhes o Espírito Santo Paráclito; dai-lhes, Senhor, o

¹³⁹ BECKHÄUSER Alberto, Frei OFM. Celebrar a vida cristã. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 66

¹⁴⁰ Idem p.68

espírito de sabedoria e inteligência, o espírito de conselho e fortaleza, o espírito de ciência e piedade e enchei-os do espírito do vosso temor'. Depois o bispo unge com óleo do Crisma a fronte do crismando, dizendo a fórmula da Confirmação 'receba, por este sinal, o dom do Espírito Santo"¹⁴¹.

A partir desse momento, a pessoa que recebeu o Sacramento da Crisma não é apenas um cristão qualquer, mas passa, sem dúvida alguma, a fazer parte da família dos sacerdotes, reis e profetas do Antigo Testamento e — por que não? — da família de Deus em Jesus Cristo, o ungido do Pai pelo Espírito Santo por excelência. Daí que vem a denominação de cristão, que é todo aquele que participa da unção do Espírito Santo. E, uma vez abraçando esse sacramento com vivacidade, todos os que o receberam se transformarão em Apóstolos do Novo Milênio, haja vista a messe ser grande e os operários serem poucos.

2.5-4) O Sacramento do Matrimônio

Todos os sacramentos da fé têm suas raízes no Mistério Pascal de Cristo e no dom do Espírito para a santificação de uma situação humana e vocacional particular, e entre estes certamente está o "Sacramento do Matrimônio, que diz respeito ao amor entre o homem e a mulher, que é levado à condição de sinal e transfiguração pelo amor de Deus revelado em Jesus Cristo e na Igreja"¹⁴². Assim pois, compreendemos que não é apenas a pessoa humana individual que participa da novidade de vida trazida por Cristo, mas que também o casal humano, com todas as suas faculdades intelectivas, afetivas e físicas, é convidado a fazer parte do mistério do Reino de Deus, tomando-se dele também construtor.

O matrimônio existe desde que existem o homem e a mulher, mas só há um matrimônio feliz, eficaz, se os contraentes desse sacramento colocarem na vida familiar a presença de Deus através de seu Filho Jesus Cristo. Por isso, para unirem-se em matrimônio, "Deus criou à imagem e semelhança dele o homem e a mulher" (Gn 1,27-28). São semelhantes a Deus na inteligência, na vontade e na capacidade de amar, expressam a unidade na pluralidade. Assim como em Deus existe a unidade na pluralidade das pessoas, assim, o Matrimônio é sinal, é

¹⁴¹ Id., p. 72

¹⁴² ROCCHETTA, Carlo. Op. Cit., p.413

impressão do amor que existe no próprio Deus uno e trino. Amando-se, unindo-se, eles deviam assemelhar-se a Deus que é um, mas ao mesmo tempo três pessoas. Desse amor, que é vida, devia surgir uma nova vida. Pelo Matrimônio o homem era, portanto, chamado a ser semelhante a Deus no amor e na capacidade de criar”.¹⁴³

O Sacramento do Matrimônio coloca-se sob a égide do anúncio de Deus, o significado pleno e concreto dessa realidade só pode ser percebida por aqueles que escutam na fé o que o próprio Deus transmitiu ao homem e a mulher sobre o Sacramento do Matrimônio. Este tem como centro o amor mútuo entre homem e mulher — mútua entrega de pessoas. Trata-se de um amor eminentemente humano, porque parte de uma pessoa e se dirige a outra; mediante o afeto da vontade, envolve o bem de toda a pessoa, e por isso é capaz de enobrecer as expressões do corpo e da alma como elementos e sinais específicos da amizade conjugal e de enriquecê-los com uma especial dignidade.

Esse sacramento, quando bem vivido, toma-se uma dádiva de Deus entre o homem e a mulher. Acontece, porém, que tanto o homem quanto a mulher perderam o equilíbrio, a harmonia no amor, pelo pecado. Jesus Cristo, no entanto, veio reunir os homens no amor. Salvou-nos unindo-se ao homem pelo amor, dando-se totalmente a ele. Entre outras coisas, veio também restaurar o equilíbrio, a harmonia do amor entre o homem e a mulher. O que há de grandioso é que Cristo valorizou o que há de belo e bom no homem que servisse para exprimir o que Deus fez por nós, no caso, a instituição do Matrimônio. Segundo o Concílio Vaticano II, “o Matrimônio é a íntima comunhão de vida de amor conjugal; pelo pacto conjugal o homem e a mulher já não são dois, mas uma só pessoa, uma só carne”.¹⁴⁴

Por isso a união entre os dois, homem e mulher, além de ser algo natural, belo e bom, torna-se em Cristo uma celebração, uma memória, uma festa de recordação do amor de Cristo aos homens e, ao mesmo instante, um meio de perfeição, de santificação. Eis, então, o Sacramento do Matrimônio como sinal, comemoração. Sacramento do amor de Cristo entre o homem e a mulher na encarnação e na redenção. Eis porque pode ser e de fato é um dos sacramentos

¹⁴³ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã; Formação litúrgica para agentes de pastoral, equipes de liturgia e grupos de reflexão*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 179

¹⁴⁴ ESPEJA, Jesus, coleção Introdução e Conceitos – Sacramentos. Petrópolis: vozes, 1992, p. 126

cristãos que nos leva a glorificar a Deus a caminho da santificação. Ao falar desta união, São Paulo relata que é um grande mistério, portanto “sejamos submissos uns aos outros no temor de Jesus Cristo. Mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor (...) Maridos, amem suas mulheres, como Jesus Cristo amou a Igreja e se entregou por ela”.¹⁴⁵

O mistério pascal de Cristo mergulha também no Sacramento do Matrimônio, por isso o Matrimônio entre dois batizados é dom de alto teor, que os introduz a participar no mistério da aliança que une Cristo com a Igreja e a Igreja com Cristo. Portanto, é evento de graça e salvação que transforma profundamente a realidade natural do Matrimônio, tornando-a sinal da caridade de Jesus Cristo, redentor do homem e do mundo. Aliás, todo o trecho da Epístola de São Paulo aos Efésios, que mencionamos no parágrafo acima, implica essa correspondência em nível profundo — Cristo x Igreja, homem x mulher — e revela a nova força santificante que o amor entre os esposos cristãos recebe em virtude do fato de que Cristo amou a Igreja e se entregou por Ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra. Isso serve de exemplo e motivação para o marido em relação à mulher e vice-versa.

Nesse sentido, o Matrimônio santo, realizado no amor, é sinal e testemunho do amor recíproco entre Cristo e a Igreja. “Antes de mais nada, para os próprios cônjuges, que podem encontrar o Senhor em seu amor mútuo; depois para os filhos, que, no amor mútuo de seus genitores, vivem a primeira experiência do amor e da relação entre Cristo e a Igreja; enfim, para todos os crentes e não crentes, que, por meio de seu encontro com essa família, entram em contato com o amor cristão, sinal e reabilitação do amor de Cristo. E esse permanece também na vida futura”.¹⁴⁶

Daí porque o Sacramento do Matrimônio faz uma referência singular a Jesus Cristo e a comunidade cristã, cuja norma e critério decisivo são a gratuidade e a misericórdia. Por isso, o Matrimônio cristão deve fomentar a perpétua fidelidade, como é perpétua a entrega de Deus em Jesus Cristo e na Igreja. Mas essa entrega, essa fidelidade perpétua no Matrimônio, só se realiza com a proteção de Deus através do respeito, diálogo, partilha, fidelidade, troca de experiência de ambas as

¹⁴⁵ Ef 5 21-33

¹⁴⁶ ROCCHETTA, Carlo. Op. Cit., p.425

partes, tanto do homem quanto da mulher, porque o amor de Deus impera sobre todos os conflitos ideológicos que poderão vir a acontecer.

É importante percebermos que o Sacramento do Matrimônio não é só ponto de chegada, celebração de um amor já existente, mas é também projeto de comunidade onde se possa refletir e concretizar a qualidade comunitária da Igreja. Entretanto, essa verdade acarreta exigências práticas. Hoje, por exemplo, “muitos noivos se casam na Igreja sendo desconhecedores dela, ou têm simplesmente uma vaga ideia equivocada sobre os seus preceitos, normas e limites. Por outro lado, muitas vezes as paróquias, lugar de referência que se tem para conhecer o que é Igreja, parecem mais organizações burocráticas para dar sacramentos do que comunidades vivas de fé operante e celebrada”.¹⁴⁷

Para esse assunto tornar-se mais compreensível, vamos expor alguns símbolos que se utilizam durante a bênção do Sacramento do Matrimônio, como a veste branca, que significa a vida nova em Cristo. A noiva casa revestida de Cristo, por isso a veste quer ajudar a comunicar-nos com Deus; o véu quer expressar a modéstia, bem como a pertença total ao esposo; a coroa ou grinalda simboliza a virgindade conquistada e a vitória do verdadeiro amor; o banquete é, no fundo, uma expressão da palma, da vitória, do triunfo, da alegria e recompensa do amor conjugal. Por fim temos, também, o gesto de dar um ao outro a mão direita durante a Cerimônia matrimonial, expressando “que já não são dois, mas um só em Cristo para todos os efeitos. Daí o termo *cônjuge*, que significa ligar, unir. Dar-se as mãos é estender o braço na hora da fraqueza e da queda, para levantar-se e acolher. É ser um para o outro o braço estendido de Cristo em que Pedro se agarra, para juntos caminharem sobre as águas revoltas do mar da vida. Depois vem o símbolo das alianças, que lembra sempre a fidelidade conjugal. Por isso, a aliança em seu simbolismo torna presente o *cônjuge* sempre em toda parte. Constitui a presença do companheiro em outra forma, na forma do símbolo da Aliança. Lança-o a cada momento no jogo do amor fiel em nome da Santíssima Trindade, não só na Liturgia, mas na vida; não só na presença física, mas também na ausência”.¹⁴⁸

¹⁴⁷ ESPEJA, Jesus, Op. Cit., pp. 128-129

¹⁴⁸ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã*, 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, pp. 185- 186; cf. o mesmo autor. *Símbolos litúrgicos*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p, 74

Foram essas as considerações que achamos mais necessárias a serem tratadas a respeito do Sacramento do Matrimônio. Acreditamos, portanto, que com a ajuda dos símbolos existentes na bênção do Matrimônio, tornou-se clara a importância deste na vida dos contraentes. Portanto, que os casais cristãos continuem sendo um sinal privilegiado, chamado a expressar o amor perenemente fiel de Cristo à sua Igreja e da Igreja a Cristo Jesus, à espera da realização das núpcias escatológicas evocadas no Apocalipse. Por isso, concluiremos o relato sobre o Sacramento do Matrimônio, dizendo que não é possível a realização feliz desse sacramento, se os cônjuges não se desfizerem de seu egoísmo, e contarem com a intercessão da Santíssima Trindade em suas vidas.

2.5-5) O Sacramento da Ordem

Como já falávamos anteriormente sobre os sacramentos em geral, todos eles têm uma dimensão comunitária, pois são sacramentos da Igreja. No entanto, “naqueles que estudamos até agora, a dimensão de santificação pessoal ocupa um lugar prevalectante: a graça significada dá ou aumenta diretamente a vida em Cristo, dos fiéis, desse modo, contribui também, é verdade, para o crescimento de todo o corpo. Mas esse segundo aspecto se consegue entender, nos sacramentos em questão, mediante o primeiro”.¹⁴⁹

O Sacramento da Ordem é a ação em que o Pai de Jesus Cristo, mediante nova efusão do Espírito Santo, configura um batizado ao seu Filho unigênito feito homem, sumo e eterno Sacerdote, consagrando-o ao ministério do anúncio, da santificação e da animação do Espírito Santo, para a construção do povo da nova e eterna aliança no mundo. Entretanto, esse mistério é designado primeiramente aos bispos, que são os sucessores dos doze apóstolos, e posteriormente aos presbíteros e diáconos, aos auxiliares e colaboradores da Ordem Episcopal, mediante a sua vocação específica. No entanto, quando falamos em Sacramento da Ordem, em geral, faz-se logo de início alusão àquele homem que preside a Eucaristia, abençoa o Matrimônio, administra os demais sacramentos. Mas essa visão torna-se muito limitada aos olhos de Deus, porque todo sacerdócio se inspira

¹⁴⁹ HORTAL, Jesus, SJ. Op. Cit., p. 187

no sacerdócio de Cristo. Jesus Cristo realizou por completo a reconciliação com todas as realidades, que é a total união com Deus, com o próximo e com a natureza criada, revelando-se como pessoa totalmente integrada em sua vocação de comunhão de vida e de amor com Deus nosso Criador e Pai,

O ministério que decorre do Sacramento da Ordem define-se, portanto, em relação a Jesus Cristo e à Igreja. Em relação a Jesus Cristo, qualifica-se como participação vicária no único e eterno sacerdócio de Cristo, do qual constitui o prolongamento e a presença no tempo e no espaço. Em relação à Igreja, como expansão de sua sacramentalidade global a serviço do sacerdócio comum dos fiéis e pela construção de Reino de Deus. Por isso, convém ressaltar que “ser sacerdote é realmente orientar todas as coisas ao seu fim último que é Deus. Na palavra sacerdócio identificam-se dois elementos importantes: sacro ou sagrado e dote ou dom. Sacerdócio seria, então, dom sagrado, dom que vem de Deus e para Deus. Todo homem na ordem da criação é por vocação um dom sagrado, um sacerdócio, porque é filho de Deus, chamado a participar de sua vida e do seu amor. Ele é sacerdote na medida em que reconhece sua condição de criatura agraciada com o dom da vida, como rei da criação, servindo a Deus, como irmão do próximo e filho de Deus. Além disso, sacerdote é aquele que concilia, que une os homens com Deus e entre si, aquele que realiza a mediação de comunhão entre Deus e os homens em vista da unidade e do amor”.¹⁵⁰

O Sacramento da Ordem é o sacerdócio-ministério de todos os cristãos que aceitam o desafio de trabalhar em prol da construção do Reino de Deus. O Concílio Vaticano II nitidamente enfatizou que “Cristo Senhor, pontífice, ascendeu dentre os homens, fez do novo povo um reino de sacerdote para Deus e seu Pai. Os leigos são consagrados para formar um povo régio e uma nação santa, para oferecer sacrifícios espirituais mediante toda atividade e testemunho de Jesus Cristo por toda parte”.¹⁵¹ O trabalho da construção do Reino de Deus une todos os cristãos, por isso tanto o sacerdócio régio quanto o ministerial estão a serviço da salvação de almas para Deus em Jesus Cristo. Isso deixa inteligível que o sacerdócio comum dos fiéis

¹⁵⁰ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. *Celebrar a vida cristã*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, pp. 126- 169-170

¹⁵¹ ROCCHETTA, Carlo. Op. Cit, pp. 383-384; cf. também Compêndio do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 50 In Constituição dogmática *Lumen Gentium* nº. 10

batizados e o sacerdócio ministerial ou hierárquico ordenam-se um ao outro, embora se diferenciem na essência e não apenas em grau, visto que ambos participam, de acordo com o seu ministério, de um único sacerdócio de Cristo que é o Batismo.

Na verdade, há diferenças, tanto em relação à essência quanto ao grau, mas essas diferenças se complementam na medida em que as pessoas, à luz da fé, descobrem que tanto o sacerdócio real como o ministerial são oriundos do mesmo Pai em Jesus Cristo a serviço do Reino. Para ficar mais compreensível, façamos a distinção entre a função do sacerdócio real e do sacerdócio hierárquico. “Do sacerdócio real todos os batizados participam concorrendo a oblação da Eucaristia e o exercício na recepção dos sacramentos, na oração e ação de graças, no testemunho de uma vida santa, na abnegação e na caridade ativa”,¹⁵² “enquanto o sacerdócio ministerial ou hierárquico, pelo poder sagrado de que goza, forma e rege o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico na pessoa de Cristo e o oferece a Deus em nome de todo o povo”¹⁵³.

Tendo exemplificado o que venha a ser sacerdócio real, sacerdócio ministerial e suas respectivas funções, percebemos que o povo santo de Deus também participa do múnus profético de Jesus Cristo, pela difusão de seu testemunho vivo, sobretudo através de uma vida de fé e caridade, e pelo oferecimento a Deus do sacrifício de louvor, fruto de lábios que confessam o seu nome (Hb 13,15). Por isso, o conjunto dos fiéis, ungido que é pela unção do Espírito Santo, não pode enganar-se no ato de fé. Portanto, não é apenas através dos sacramentos e ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz o povo de Deus e o orna de virtudes, mas, partilhando seus dons a cada um conforme lhe compraz (1Cor 12,11), distribui entre os fiéis de qualquer classe graças especiais.

Mesmo sabendo que o amor de Deus manifestado em seu Filho Jesus Cristo é ilimitado, ou seja, é para todos os fiéis, concluímos que “a ordenação é uma celebração que interessa a toda a Igreja, a todos os fiéis, pois Cristo quis santificar-nos para dar glória a Deus através dos ministros ordenados. Os diáconos, os presbíteros e os bispos serão para os fiéis sinais da presença de Cristo, que não

¹⁵² *Compêndio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 50; cf. também *Constituição dogmática Lumen Gentium* n.º 10

¹⁵³ *Idem*, p. 50 n.º 10

veio para ser servido, mas para servir. Quando eles exercem seu ministério, representam o Cristo servindo: o bispo em toda a sua plenitude, os presbíteros como colaboradores do bispo, os diáconos no aspecto de serviço do altar e da caridade dentro da comunidade eclesial. Seu ministério se torna meio de santificação e glorificação para os ministros, e o povo de Deus participa de certa maneira do Sacramento da Ordem, pois os ministros se apresentam a ele como sinais da presença de Cristo-sacerdote, continuando a sua obra no meio da Igreja”.¹⁵⁴

O Sacramento da Ordem, em relação ao sacerdócio ministerial, fundamenta-se na comunidade dos apóstolos e dos discípulos. Por isso, “entre os muitos discípulos, escolheu alguns a quem conferiu uma missão especial; a de continuarem neste mundo sua obra de salvação a serviço dos homens na tríplice linha de pregar o Evangelho, sendo profetas; de guiar, conduzindo o povo de Deus até a terra prometida; e a de promover e presidir o culto, para que assim os homens, conhecendo melhor a Deus através da Boa Nova do Evangelho, pudessem andar no caminho da salvação, antegozando já das realidades eternas na vida de caridade e na celebração dos mistérios da vida. A estes que receberam esta missão especial de Jesus a serviço de todos os homens, chamamos de sacerdotes ministeriais. São hoje os bispos, os presbíteros e diáconos”.¹⁵⁵

Foram essas as principais questões que achamos por bem trabalhar acerca do Sacramento da Ordem.

2.5-6) A unção dos enfermos

O Sacramento da Unção dos Enfermos constitui novo evento salvífico operado por Jesus Cristo na Igreja, nesse caso em benefício dos batizados em perigo de morte. Nesse evento também continuam os gestos da salvação realizada por Cristo nos enfermos de sua época — gestos de libertação, perdão, cura e redenção — e desdobra-se no tempo da Igreja o mistério pascal da graça e da salvação.

Esse sacramento apresenta-se como um dos sinais da vinda do Senhor Jesus Cristo, o Messias, e da redenção que Ele trará consigo ao mundo (Is 35,5-6; 61,1;

¹⁵⁴ BECKHÄUSER, Alberto, Frei OFM. Celebrar a vida cristã. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 178

¹⁵⁵ Idem, pp. 170-171

65,19). Pode ser chamado de Sacramento de Libertação, porque devolve às pessoas enfermas a liberdade, não somente a respeito das doenças físicas, mas também em referência à cura espiritual, libertando a mente e o coração dessas pessoas de todo o egoísmo e desespero. “É nesse contexto que se insere a instituição deste sacramento. Desde o início da missão, Jesus dá aos apóstolos o poder de expulsar demônios e curar os enfermos com a unção do óleo (Mc 6,12-13). Embora ainda não se trate aqui do Sacramento dos Enfermos, temos, todavia, evento que o prepara e prefigura.

No momento de sua ascensão ao céu, Jesus assegura aos apóstolos a unidade ‘mediante a imposição das mãos’.¹⁵⁶ No primeiro momento, esse poder assumiu caráter miraculoso, como aparece várias vezes nos relatos dos Atos dos Apóstolos, a fim de afirmar a veracidade da mensagem apostólica e construir a comunidade em seus primórdios. Mas, ordinariamente, ele se expressa de modo menos espetacular, embora em clima de viva fé no poder de Deus e de grande participação eclesial. Como se depreende da Epístola de Tiago, o Menor (Tg 5,14-15), desde a época apostólica existia um rito composto de unção e de prece de fé feitas pelos chefes de comunidade sobre os fiéis doentes. Esse rito era considerado salvífico para os doentes e portador da virtude de obter o perdão dos pecados: “Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, ungiendo-o com o óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o porá de pé; e se estiver cometido pecados, lhe serão perdoados”¹⁵⁷

Nesse sentido se observa o extraordinário valor de tal sacramento. Com o santo Sacramento dos Enfermos, a Igreja Católica apostólica continua concretamente a obra misericordiosa de Cristo, o verdadeiro médico do corpo e do espírito dos crentes. O significado desse sacramento insere-se na sequência das maravilhas da salvação do Antigo e do Novo Testamento: trata-se de um ato sacramental que desdobra no enfermo a eficácia redentora unigênita do mistério pascal de Jesus Cristo e o santifica. Por isso, a exemplo de outros sacramentos, a

¹⁵⁶ Mc 16,17-18

¹⁵⁷ ROCCHETTA, Carlo, Op. Cit., pp. 366-367: Cf. também BECKHAUSER, Alberto, Frei OFM, Celebrar a vida cristã, 6ª ed. Petrópolis: Vozes 1996, p. 161; ESPEJA, Jesus, Op. Cit., pp. 113-114

unção sacramental integra a ação maravilhosa de salvação operada por Cristo na Igreja em favor dos batizados. Portanto, com a unção sacramental, é o próprio Jesus Cristo que hoje, por intermédio do ministro, consagra o doente e o leva à participação do mistério de sua Páscoa. Tudo isso sucede por meio de graça específica. Daí que quem recebe esse sacramento acolhe também conformidade particular ao Cristo crucificado e ressuscitado para a glória do Pai. Toda essa conformação é efeito fundamental do Sacramento da Unção dos Enfermos.

Por um aspecto, é importante salientar que esse sacramento é o sacramento dos crentes, ou seja, somente os batizados podem participar dele. Segundo o Concílio Ecumênico Vaticano II, “a bênção do óleo dos enfermos na Liturgia da unção sacramental do batismo é exclusiva do batizado. Aliás, enquanto nos casos urgentes de batismo pode-se usar água não benta, a bênção do óleo é essencial para o Sacramento da Unção dos Enfermos, pois é constituída dele. Normalmente, o óleo é o que foi bento pelo bispo durante a missa crismai de Quinta-feira Santa, Somente na falta desse óleo e em casos urgentes é que a bênção do óleo pode ser feita pelos presbíteros, ministros especiais do Sacramento da Unção”.¹⁵⁸

Após receber o Sacramento da Unção dos Enfermos, o cristão recebe ajuda para sua conversão e salvação, sente-se aliado, confortado e fortalecido pela confiança em Deus e obtém novas forças contra as tentações do maligno e contra a ansiedade da morte. A unção, ainda, prolifera nos doentes o gesto de salvação realizado por Jesus Cristo em sua vida, Esse sacramento constitui uma ação atual de Cristo e de sua misericórdia por meio de uma realidade sensível que é o óleo transformado em sinal eficaz de graça e de salvação na Igreja, em favor dos doentes. Por isso, é de suma importância que o ministro da unção aproveite esse tempo precioso, não apenas para ungir a fronte e as mãos dos enfermos, mas também para catequizar e evangelizar a família e os vizinhos deles sobre a riqueza e a força desse sacramento de Jesus Cristo conferido na Igreja.

2.5-7) O Sacramento da Penitência

¹⁵⁸ ROCCHETTA, Carlo, Op. Cit., 1991, p. 375

O Sacramento da Penitência ou Reconciliação alista-se no quadro dessa didática entre o mistério do mal e o mistério da infinita misericórdia de Deus. Nele, os fiéis são convidados a manifestar e confessar os seus pecados ao ministro legítimo, (o presbítero), arrependidos e com o propósito de se corrigirem, alcançando de Deus, mediante a absolvição dada pelo mesmo ministro, o perdão dos pecados cometidos após o batismo, e ao mesmo instante a reconciliação com a Igreja à qual ofenderam pelo pecado.

Esse sacramento deve ser celebrado e inserido no ministério da reconciliação dentro da história da salvação. Portanto, “celebrar esse sacramento, significa manifestar e tomar viva sua própria participação no dinamismo da história e de suas maravilhas de salvação: maravilhas de libertação e santificação, maravilhas de criação e aliança, maravilhas de missão e juízo escatológico. Por essa razão, uma vez mais, não se pode compreender o que Deus realiza de tão grande para o homem nesse sacramento se não o vinculamos a tudo o que Deus fez de grande para o homem no Antigo Testamento, de que, ao lado dos outros eventos sacramentais, a penitência sacramental é a condição e o desdobramento no tempo e na Liturgia da Igreja”.¹⁵⁹

Por isso, celebrar o Sacramento da Penitência, Confissão ou Reconciliação, é tomar uma atitude e dizer: já cansamos de transgredir o projeto de Deus que é a lei do amor. E nos contrapor ao pecado, que é uma ação errada, porque vai contra o próprio projeto do amor de Deus para com o homem, representando, portanto, ação do homem contra si mesmo; e também porque o pecado tem o caráter hereditário no homem: Eis que eu nasci na iniquidade, minha mãe concebeu-me já no pecado” (Sl 51,6); devido, também, ao fato de o pecado ser uma ruptura da aliança estabelecida por Deus com os homens, e ao mesmo instante devido ao fato de o pecado ser uma interrupção da solidariedade social e cósmica. “A ruptura da relação do homem com Deus traz consigo a interrupção das relações do homem com os outros e com o mundo” (Gn 3,12-24), Feitas essas observações sobre as várias etapas de pecado, percebemos que, para participar sinceramente desse Sacramento, é necessário que os batizados estejam conscientemente arrependidos de suas fraquezas e

¹⁵⁹ Idem, p. 334

reconciliados consigo mesmo e com o Deus da Paz e do Amor, Aí sim, alegres e confiantes, podemos dirigir-nos à celebração do Sacramento da Penitência, em que se evoca um Deus repleto de misericórdia, já manifestada na História de Salvação ao realizar maravilhas em favor de um povo escolhido e revelar sua misericórdia para com os homens através de seu Filho Jesus Cristo.

O Sacramento da Penitência é revelado como Sacramento de purificação, porque, por meio dele, Deus manifestou seu Filho Jesus Cristo, para que o servisse como fonte de salvação; daí porque não podemos conhecer o Pai a não ser através do Filho e vice-versa. Por isso, Jesus Cristo não anuncia somente que o Pai do Céu é pai de misericórdia e perdão: “a sua própria existência é a manifestação viva e concreta da misericórdia divina, que está presente nele na história” (Rm 11,30-32). A Boa Nova da vinda de Jesus Cristo é a oferta do perdão dirigida a todos, sem qualquer discriminação. Portanto, desde o início de sua missão, Jesus escolhe o publicano Levi, justamente para salientar que “não veio chamar os justos, mas os pecadores” (Mc 2,13-17). Mas isto deve ficar claro: não é pelo fato de que Jesus veio libertar os pecadores de seus pecados, que o homem e a mulher abusem da bondade de Deus em Jesus Cristo. É de suma importância também descobrirmos que o Sacramento da Penitência é, antes de mais nada, um encontro — encontro com o Cristo Redentor, que, ontem como hoje, continua a proclamar: “Filhos, os teus pecados estão perdoados” (Mc 2,5); “Teus pecados estão perdoados, tua fé te salvou, vai em paz” (Lc 7,48-50); “nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais” (Jo 8,11); “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23,43). Esse encontro ocorre mediante o mistério da Igreja, e não pode ser de outra forma. É Cristo quem opera a remissão dos pecados: “Eu te absolvo dos teus pecados”. Nunca será demais repetir que, naquele momento, o sacerdote age in persona Christi (na pessoa de Cristo), como quando preside a Eucaristia, e é Cristo que introduz o homem na participação dos frutos da redenção pascal. “O Sacramento da Penitência nos insere no ministério pascal e é especificamente encontro com Cristo, que cura, ressuscita e santifica. Com efeito, o Sacramento afere toda a sua eficácia na Morte e Ressurreição de Cristo”.¹⁶⁰

¹⁶⁰ Idem, pp. 351-352

Assim, para entendermos bem esse Sacramento, é importante que o exame de consciência brote de uma proclamação da Palavra de Deus, ou de uma leitura, ou melhor, do confronto de nossa vida com o amor de Deus manifestado sobretudo nas Sagradas Escrituras. Daí que a Penitência não é meio de perfeição para todos os cristãos, mas o que mais chama-nos a atenção para a valorização desse sacramento é que Nosso Senhor Jesus Cristo deu prioridade em sua missão ao que há de mais negativo, de mais fraco e miserável no homem, para que este glorificasse a Deus e se transformasse mais e mais à sua imagem, não para abraçarem o pecado como projeto, mas para que, mesmo no pecado, encontremos motivo para colocar-nos em relação cultural com Deus, celebrando com alegria e paz suas maravilhas, porque sua bondade é eterna. Devido à espiritualidade imensamente rica nesse Sacramento, denominamo-lo o Sacramento de salvação celebrado pela Igreja. “A Igreja é o verdadeiro Sacramento de Cristo, para comunicar aos homens a vida nova. Por isso, os sacramentos da Igreja concretizam esta realidade sacramental para as diversas situações de vida.

3. A liturgia hoje

3.1 - A Pastoral Litúrgica

Neste último capítulo, mostraremos de forma concisa e inteligível como está sendo celebrada a Liturgia em nossa atualidade, nos seus pontos positivos e negativos. Ressaltando esses fatores, fica fácil percebermos se a Igreja, Povo de Deus, consegue ou não acolher e viver a proposta lançada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

Assim como a Teologia e a Espiritualidade Litúrgicas, a Pastoral Litúrgica tem o papel primordial de levar os cristãos a terem participação ativa e frutuosa na celebração litúrgica. Agora deve ficar compreensível que, para a Liturgia dar bons frutos, é preciso que se tenha uma equipe de pastoral bem eficiente em dinamismo e que esteja sempre se renovando através das pesquisas em subsídios litúrgicos atuais, mesmo porque sabemos também que “a Pastoral Litúrgica não esgota toda a ação da Igreja, mas promove-a no desencadear dos serviços pastorais que na Liturgia são o ápice de toda a atividade eclesial”.¹⁶¹

Mas para a Pastoral Litúrgica atingir seus objetivos, é preciso que dentro dela haja pessoas disponíveis ao trabalho de evangelização, abastecidas pelo Espírito de Jesus, o verdadeiro e autêntico missionário; desse modo, teremos uma Liturgia verdadeira, transformadora e renovadora. Outra coisa de fundamental importância para a Liturgia adquirir o rosto e a ação autêntica de Cristo é a criação de equipes de Pastoral Litúrgica a nível nacional (CNBB), regional, diocesano e paroquial. Esta equipe não deve ser formada apenas pela CNBB, padres, religiosos e religiosas, mas que os membros sejam pessoas da própria comunidade, que tenha diálogo, que trabalhem em conjunto e em parceria “com o pároco para planejar, nos respectivos campos de ação, a Pastoral Litúrgica, o que será mais eficiente se continuamente pesquisar a situação real dos que celebram, aprofundar sempre mais o conteúdo teológico, formar agentes e organizar suas ações”.¹⁶² Agora, deve ficar evidente que não é o fato de o pároco estar na frente como “cabeça” dessa pastoral,

¹⁶¹ *Animação da vida litúrgica*. Documentos da CNBB n° 43, São Paulo: Paulinas, 1991, p. 65

¹⁶² Idem, p. 65

que ela caminhará bem, ou do contrário, que o pároco deixe tudo nas mãos dos leigos, mas deve-se ter sempre em mente que esse caminho deve ser percorrido por todos juntos, pároco e agentes leigos, cada qual fazendo a parte que lhe cabe.

A Pastoral Litúrgica trará mais benefícios à Liturgia a partir do momento em que sua equipe perceber o espírito da missionariedade de Jesus nos Evangelhos, ou seja, quando descobrir que o papel principal da equipe é “dinamizar um processo de formação de todos os participantes da Liturgia, visando, de um lado, que a Celebração seja sempre mais expressiva e, de outro lado, o enriquecimento espiritual de todo o povo”.¹⁶³ Essa equipe, portanto, deve em primeiro lugar preocupar-se em se formar bíblica e teologicamente bem e trocar experiências entre os próprios membros para somente depois buscar formar novos membros para somarem forças que venham contribuir com a Igreja Povo de Deus, principalmente em momento de abastecimento espiritual de todo cristão. Acreditamos realmente que, a nível da inspiração almejada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, há dioceses que deixam muito a desejar a respeito da Liturgia. A participação por parte dos fiéis é muito fraca, ao mesmo instante que limitada. Quando revelamos essa questão do empobrecimento da participação do povo na Liturgia, não estamos afirmando que as dioceses e paróquias sejam as eventuais culpadas, mas os principais culpados em primeira instância são os bispos, os padres, religiosos (as) e Equipes de Pastoral. A deficiência com relação à participação vem de cima, e não da base. O povo não está habituado a participar. Ainda hoje o espírito da renovação não foi assumido com tal.

Por isso, ao observamos essa falha que outrora existia em nossa Igreja, é que o Concílio Vaticano II abriu-nos novos horizontes com relação à participação na Liturgia, e que agora, aos poucos, essa enfermidade tenta ser sanada. Percebemos, entretanto, que tal deficiência tem cura, e essa cura está nas mãos da própria Igreja enquanto hierárquica. Daí porque é urgente e “fundamental que os seminaristas se familiarizem com o espírito litúrgico e se preparem bem para presidir as celebrações; para isso importa que os diversos aspectos de formação no seminário encontrem expressão privilegiada nas celebrações litúrgicas, além de observar a carga horária mínima e conteúdo programático estabelecido. Assim, a vivência da Liturgia

¹⁶³ Id., p. 66

acompanha todas as etapas da vida do formando. É importante que, desde o início do seminário, tenha uma participação consciente e ativa na Liturgia e aprenda gradativamente a celebrar a Liturgia das Horas. O Ano Litúrgico deve orientar a espiritualidade comunitária do seminarista”.¹⁶⁴ Os futuros presbíteros, pegando gosto pela Liturgia, como padres serão os verdadeiros pastores da Messe do Senhor. Só assim poderão ser formadas novas lideranças autênticas no campo da Liturgia.

Mesmo os seminaristas tendo abraçado o campo da Liturgia em sua formação, eles como presbíteros não podem deixar de fazer sempre uma reciclagem, para a “exercerem na compreensão e animação, já que para a maioria do nosso povo a celebração da Liturgia é a única evangelização de que participam ao longo de vida. E não se esqueça que a Liturgia mal celebrada tem causado frequentemente o afastamento de fiéis. Os presbíteros valorizam a celebração da Liturgia das Horas como parte de seu mistério”.¹⁶⁵ Por outro lado, é preciso que o trabalho de conscientização litúrgica não fique sob encargo somente da hierarquia da Igreja, mas que todos os homens e mulheres possam assumir funções impregnadas no espírito litúrgico, que tenham a plena consciência dos mistérios que celebram dentro da capacidade de executar tarefas, longe da competição, tudo para o Senhor Jesus. Aí sim, vale a pena participar da celebração da Liturgia. Mas tudo isso depende muito do conteúdo litúrgico e teológico que o padre e equipe de pastoral Litúrgica possuem. Se a Equipe de Pastoral Litúrgica possuir conteúdos elementares básicos, sem dúvida a celebração se tornará mais autêntica, suscitando uma relação de Fé e Vida, para transformar a humanidade toda em oração, isso independentemente da realidade tanto urbana quanto rural, que vivem dominadas pelos meios de comunicação social. É indispensável informarmo-nos dessa antropologia que dá grande contribuição à formação litúrgica. Portanto, a Equipe de Pastoral Litúrgica é aquela que, de modo sólido, se preocupa com a vida litúrgica da comunidade local, que celebra não somente a Eucaristia, mas também a Palavra e os sacramentos. Inicialmente, essa equipe deve reunir pessoas que tenham dons e capacidades, ou que já assumiram e querem reassumir tais funções.

¹⁶⁴ Documentos da CNBB nº 86 e Estudos da CNBB, p. 51 n.º 39-40

¹⁶⁵ Idem, pp. 66-67; cf. também SC 14 e 18

Foram esses os desafios que achamos por bem mencionar com relação à Pastoral Litúrgica hoje, e concluiremos fazendo uma observação: “Se uma Equipe de Pastoral se encontra doente, esta doença será transmitida à Celebração Litúrgica conseqüentemente”.

3.2 - Os Ministérios e Funções

A impressão que temos muitas vezes é de que nem o ministro ordenado nem o laicato estão convictos sobre o seu espaço dentro da Liturgia. Há momentos em que, em certas paróquias, dioceses e regionais o presbítero centraliza demais as funções nas quais o comentarista, o cantor, ou o dirigente poderiam atuar melhor, enquanto noutros lugares há leigos que querem fazer as vezes do padre. Parece haver um total emaranhado em seus ministérios e funções, em que ambos estão equivocados, mas aos poucos essas questões estão sendo trabalhadas e clarificadas, graças ao surgimento de vários subsídios que estão sendo publicados pela CNBB. Quer queira, quer não, esses subsídios estão contribuindo bastante quanto ao esclarecimento dos papéis ministeriais da Igreja clerical e laical no campo litúrgico de hoje. Há dioceses e paróquias que estão promovendo encontros para estudar essa questão do ministério ordenado e o ministério leigo dentro da Liturgia da Igreja.

O indispensável a refletirmos hoje é que a Igreja que temos como Povo de Deus está dando novo rosto às celebrações, tanto à da Eucaristia quanto à da Palavra. A Igreja quanto hierarquia, motivada pelo espírito do Concílio Vaticano II, percebeu, embora ainda de maneira lenta, que “na assembleia reunida para a Missa ou Celebração da Palavra, cada um tem o direito e o dever de contribuir com sua participação, de modo diferente segundo a diversidade de função e de ofício. Por isso todos, ministros ou fiéis, no desempenho de suas funções devem se esforçar o máximo para atuar só naquilo que lhes compete, de tal modo que, pela própria organização da celebração, a Igreja possa aparecer tal como é constituída em suas mais diversas funções ministeriais”.¹⁶⁶ Isso manifesta uma Igreja em fase

¹⁶⁶ *Missal Romano*, São Paulo/Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1992, p. 47; cf. também *Concílio Vaticano II; Constituição sobre a liturgia*, SC nº 14,26; linha 4. Dimensão litúrgica da CNBB; por um novo impulso à vida litúrgica, São Paulo: Paulinas, 1988, p. 30 nº 59; Orientação para a celebração, Documento da CNBB n.º 52, São

amadurecimento, quando começa a entender que os leigos também têm algo a oferecer à Igreja, não só do ponto de vista litúrgico-religioso, mas também na linha social-política. Nesse sentido é importante o diálogo, a unidade na diversidade, sem invasão de ministérios, tudo para o crescimento da Igreja. Para constatarmos essa afirmação, é suficiente irmos à Igreja, onde o representante de Cristo, “o presbítero, na comunidade dos fiéis tem o poder sagrado da Ordem para oferecer o Sacrifício em nome de Cristo, também está à frente da assembleia reunida, preside a oração, anuncia a Mensagem da Salvação, associa a si o povo no oferecimento do Sacrifício a Deus Pai pelo Cristo no Espírito Santo, dá aos irmãos o Pão da Vida Eterna e participa com eles do mesmo alimento. Portanto, quando celebra a Eucaristia, ele deve servir a Deus e ao seu povo com dignidade e humildade, pelo seu modo de agir e proferir as palavras divinas; sugerir aos fiéis uma presença viva do Cristo Ressuscitado”.¹⁶⁷

O presbítero, embora não assumindo cargo político, por sua vez, deve ser alguém instruído sobre a questão política, para orientar os fiéis, de maneira que estes, assumindo os cargos políticos, possam governar com consciência limpa, e ao mesmo tempo com responsabilidade para com o bem de todos. A exemplo de Jesus, o verdadeiro político, o padre deve mostrar aos fiéis que querem abraçar o mundo da política, que a verdadeira política é aquela baseada no amor, na justiça e na partilha.

Na hierarquia, há também pessoas que recebem o ministério do diaconato. Essa pessoa é alguém que não é presbítero, mas também não faz parte do laicato. O diácono está inserido na Igreja clerical, e desde a antiguidade até hoje tem funções que lhes são adequadas na celebração da Eucaristia, por exemplo: “anunciar o Evangelho, pregar às vezes a Palavra de Deus, recitar para os fiéis as intenções da oração universal, servir o sacerdote, distribuir a comunhão aos fiéis

Paulo. Paulinas, 1994 n.º 21; Instrução geral sobre o Missal Romano; Reunidos em nome de Cristo. 2ª ed. Paulinas, São Paulo, 1986, p. 47 n.º 58

¹⁶⁷ *Missal Romano*, São Paulo/Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1992, pp. 47-48 n.º 6; Cf. também *Concilio Vaticano II*; Decreto *Presbiterorum Ordinis*; Sobre o mistério e a vida dos presbíteros, p. 440 n.º 2; Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a igreja; pp. 73-74 n.º 28. Linha 4 – Dimensão litúrgica da CNBB; Por um novo impulso à vida litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 31 n.º 63-64; Instrução geral sobre o Missal Romano; reunidos em nome de Cristo, São Paulo: Paulinas, 1986, pp. 47-48 n.º 60

sobretudo sob a espécie de vinho, e por sua vez indicar a toda a assembleia os gestos e posições do corpo que deve adotar”.¹⁶⁸

São fatores aparentemente simples e quase insignificantes, mas, se estes não forem explicados, normalmente complica para os leigos compreenderem estes requisitos dentro da Missa. Daí a importância do diálogo e esclarecimento entre presbítero, diácono e fiéis na Liturgia, todos participando cada um a seu modo, de acordo com o grau e ministério que todos recebem da Igreja,

“A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos...” (Lc 10,2) Na Igreja, e em especial na Liturgia, há inúmeras funções às quais vezes até faltam pessoas que as assumam. Pode acontecer que às vezes as pessoas não trabalham, devido não terem o esclarecimento sobre a importância da função que receberam no batismo, de seu sacerdócio régio dado pelo próprio Cristo, por intermédio da Igreja, o Sacramento vivo que ele deixou nas mãos dos Apóstolos, Por isso, é importante que o Povo de Deus saiba que na Igreja de Jesus não pode haver discriminação. Todos em sua ausência participam do sacerdócio. Por exemplo: “Na celebração da Missa, os fiéis constituem o povo santo, o povo adquirido e o sacerdócio régio, para dar graças a Deus e oferecer o Sacrifício Perfeito, não apenas pelas mãos do sacerdote, mas também junto com ele aprender a oferecer-se a si próprio. Esforcem-se, pois para poder manifestar isto através de um profundo censo religioso e da caridade para com os irmãos que participam da mesma celebração”.¹⁶⁹

A participação consciente dos fiéis dá um esplendor extraordinário à celebração, por isso evitemos qualquer tipo de competição ministerial para que não haja individualismo ou divisão, ponderando sempre que todos temos um único Pai Senhor nos céus e, por esse motivo, somos irmãos. Os fiéis, quando solicitados para algum serviço peculiar na celebração, não se recusem a servir com alegria e disponibilidade ao Povo de Deus, mas que vivam plenamente o seu sacerdócio real em Jesus Cristo na Igreja.

¹⁶⁸ Missal Romano. São Paulo. Petrópolis: Paulinas. Vozes. 1992, p. 48; Instrução geral sobre o Missal Romano; Reunidos em nome de Cristo, São Paulo: Paulinas, 1986, p. 48 n.º 61

¹⁶⁹ Idem, p. 48; Cf. também *Concilio Vaticano II Constituição Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia n.º 48; SC dos Ritos, Instrução *Eucharisticum Misterium*, de 25 de maio de 1967 n.º. 12; AAS 59 (1967) pp. 548-549; linha 4, *Dimensão litúrgica da CNBB*; Por um novo impulso à vida litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1988 pp. 29-30 n.º. 58. *Instrução geral sobre o Missal Romano*; Reunidos em nome de Cristo. 2ª ed. São Paulo. Paulinas, 1986 p. 48 n.º 62

Hoje não podemos também negar que os leigos estejam assumindo papéis importantes na celebração. “Entre os fiéis, o grupo dos cantores ou coral, exerce uma função litúrgica própria. Cabe-lhes executar devidamente as partes que lhes são próprias, conforme os diversos gêneros de cantos, e promover a ativa participação dos fiéis no canto; o que se diz do grupo dos cantores, vale também, com as devidas ressalvas, para os outros músicos, sobretudo para o organista”.¹⁷⁰ Convém ressaltar, com relação aos grupos de cantores, que as músicas sacras cantadas por eles possam suscitar uma participação ativa por parte do povo, de maneira que os cantos não se resumam àquele pequeno grupo que faz sua melodia isoladamente do povo.

Ainda com relação aos ministérios, desta vez levemos em consideração quanto aos particulares termos, entre os fiéis, “o acólito, que é instruído para servir o altar e auxiliar o sacerdote e o diácono. Compete-lhe principalmente preparar o altar e os vasos sagrados, bem como distribuir aos fiéis a Eucaristia, da qual é ministro extraordinário; o leitor, que é instruído para proferir as leituras da Sagrada Escritura, exceto o Evangelho. Pode igualmente propor as intenções para a oração dos fiéis e, faltando o salmista, pode recitar o salmo dentre as leituras. O leitor possui na Celebração Eucarística, uma função própria, que ele mesmo deve desempenhar, ainda que estejam presentes ministros de ordem superior. Os outros ministros exercem funções no presbitério ou fora dele, No presbitério: os que são designados como ministros extraordinários para administrar a comunhão, bem como os que levam o missal, a cruz, os castiçais, o pão, o vinho, a água e o turíbulo. Fora do presbitério: o comentarista, que dirige aos fiéis explicações e exaltações visitando introduzi-los na celebração e dispô-los a entender melhor. Convém que as exortações do comentarista sejam cuidadosamente preparadas, sóbrias e claras”.¹⁷¹

Falando sobre os ministérios exteriores ao presbitério, há também, em certas comunidades, regiões em que ficam três ou quatro pessoas nas portas da Igreja que

¹⁷⁰ *Missal Romano*; São Paulo/Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1992, p. 48 n.º 63; cf. também SC dos ritos e instrução *Musicam Sacram*, de 5 de março de 1967 n.º 19: AAS 59 (1967) p. 306. *Instrução geral sobre Missal Romano*; Reunidos em nome de Cristo. 2ª ed. São Paulo: Paulinas 1986, p. 48 n.º 63

¹⁷¹ *Missal Romano*; São Paulo/Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1992 Pp. 40-49 n.o 65,66,68; cf. também S. Congresso dos Sacramentos, Instr. Immensal Caritatis, de 29 de janeiro de 1973 n.º. 1: AAS 65 (1973) pp.265-266. *Instrução geral sobre O Missal Romano*; Reunidos em nome de Cristo. 2ª ed. São Paulo Paulinas, 1986, PP. 48-49 n.º. 65,66,68

acolhem os fiéis e os levam aos seus lugares e organizam procissões, desejando boas-vindas à casa do Pai.

Ao analisarmos as funções ministeriais, não queremos dizer que, em relação à Liturgia anterior ao Concílio Vaticano II, tanto a Igreja ministerial quanto a Igreja laical, não teriam tido um avanço. Cremos que tiveram sim. A questão é que, embora a Igreja tenha dado passos importantes com referência às funções e ministérios na Liturgia, o Concílio pôde contribuir ainda mais para que o Povo de Deus desenvolva melhor seu potencial de filhos de Deus. É nesse sentido que surgem os desafios: como a Igreja hierárquica está preparando formando catequistas e lideranças hoje para mostrar aos fiéis valor e compromisso que cada batizado adquire no sacramento do Batismo? Acreditamos que a deficiência não está somente no povo leigo, mas também na Igreja ministerial, em suas lideranças e na aula de formação pela ausência de esclarecimentos, o que, sem dúvida, contribui para acomodação do povo, tornando-o alheio às suas funções e ministérios na Liturgia da Igreja e no mundo. Mas não esqueçamos que, em toda celebração da Eucaristia, o Bispo é o titular, em seguida vindo os presbíteros e seus auxiliares, os representantes de Cristo na Igreja. Com eles que somos fortalecidos no Espírito para podermos pôr outros no caminho da Terra Prometida.

3.3 A Palavra de Deus

A Palavra de Deus é celebrada hoje, no Brasil, por setenta por cento (70%) das reuniões comunitárias. É essa Palavra que alimenta a fé de todo o povo, a caminhada dos cristãos neste mundo tão dilacerado pelas injustiças, oriundas do egoísmo que penetra no coração dos homens. Mesmo com a ausência dos padres, a Igreja de Jesus Cristo, representada pelos cristãos nas comunidades, nunca desistiu de ser luz. O povo se reúne sempre em torno da Palavra e alimenta a sua fé no Deus vivo e presente. As comunidades continuam dando graças a Deus através de sua Palavra concretizada em seu Filho Jesus Cristo, o amigo fiel.

Graças ao Concílio Ecumênico Vaticano II, através da Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, hoje as comunidades têm em mãos a Palavra de Deus para celebrar, à luz da fé, a vida e a realidade de cada comunidade. "O Mistério da Salvação, que a Palavra de Deus não cessa de recordar

e prolongar, alcança seu mais pleno significado na ação litúrgica. Assim, a Palavra é sempre viva pelo poder do Espírito Santo, e manifesta o amor ativo do Pai. A Palavra nunca deixa de ser eficaz. Ela contribui na realização manifestação da Aliança que Deus firmou com seu Povo".¹⁷²

Sabendo desse amor infinito que Deus expressa aos homens através de sua Palavra, as comunidades celebram o ministério de Cristo em sua vida. Depois dos sacramentos, a celebração da Palavra é a forma mais importante de celebrar, mas exige dos comunitários uma meditação teológica mais profunda e uma maior atenção pastoral. Por outro lado, mesmo a Palavra de Deus sendo eficaz, como citamos anteriormente, é importante que a equipe de Liturgia conheça bem os cantos, leituras e motive a assembleia ao encontro com Deus e os irmãos, porque, no anúncio da Palavra, Jesus Cristo continua falando a seu povo, como profeta e sacerdote. Os fiéis, escutando a palavra, compreendem que as maravilhas ali enunciadas abrangem, atingem a plenitude do Mistério Pascal. A exemplo das comunidades primitivas, os irmãos reunidos para a escuta da Palavra na celebração, fazem a experiência na presença viva de Jesus Ressuscitado, podendo, portanto, através também da celebração da Palavra de Deus, realizar a reminiscência do Mistério Pascal de Cristo. Para que essa Palavra de Deus realmente produza fruto nos corações através daquilo que escutam, deve requerer a ação do Espírito na inspiração divina para se converter em fundamento, em norma e ajuda para toda a vida.

"A atuação do Espírito Santo não só preside, mas acompanha e segue toda a ação litúrgica, e sugere ainda ao coração de cada um tudo aquilo que na proclamação da Palavra foi dito para toda a comunidade dos fiéis e, ao mesmo tempo, que consolida a unidade de todos, fomenta também a diversidade de carismas e a multiplicidade de atuações".¹⁷³

O Pai, em Jesus Cristo, demonstrou o seu grande amor aos fiéis, à Igreja Povo de Deus convocada para o culto que cresce e se constrói ao escutar e vivenciar a Palavra de Deus. Os milagres e prodígios, que de muitas maneiras Deus

¹⁷² *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*, Documento da CNBB n°. 52, São Paulo: Paulinas, 1994, p. 9; cf. também Hb 4, 12

¹⁷³ *Orientações para a celebração da palavra de Deus*; Documento da Cnbb nº 52, São Paulo: Paulinas, 1994, pp. 11-12; cf. também Jo 16,15; 14,26

realizou na História da Salvação, fazem-se presentes novamente nos sinais da celebração litúrgica, de um modo misterioso, mas real. Portanto, sempre que a comunidade, a Igreja, na celebração litúrgica, anuncia e proclama a Palavra, reconhece-se a si mesmo como o povo da Nova Aliança, embora esse Povo de Deus hoje por muitas vezes se equipare àquele povo da antiga aliança, pelo cansaço e dúvidas, mas isso tudo momentaneamente. Quando está desvanecendo, aparecem membros da comunidade motivando as pessoas causadas pelos obstáculos do dia a dia e fazendo-as começar de novo, participando da família de Deus que acontece na Celebração da Palavra.

Não duvidamos de que a Liturgia é a ação de Jesus Cristo, ou seja, de que ela tenha a sua força transformadora. Cremos indubitavelmente nesse poder de Deus. O que observamos, no entanto, é que em certas regiões ou comunidades a Celebração da Palavra não tem dinamismo, começando pelos coordenadores, dirigentes, comentaristas, cantores e leitores. Às vezes, ninguém sabe quem é quem, um querendo ocupar o lugar do outro. O que notamos no momento é que, liturgicamente, uma grande quantidade de comunidades está alheia aos Tempos Litúrgicos (Advento, Natal, Quaresma e Páscoa), ao Tempo Comum e a outras solenidades. Celebram por celebrar, cantam por cantar, ou seja, os cantos tomam-se repetitivos e muitas vezes não dizem nada, tanto a respeito das leituras quanto da realidade. Essa crítica que estamos fazendo não é apenas aos cantos fora do contexto litúrgico, mas com relação aos improvisos dos dirigentes e da Equipe de Liturgia no momento da Celebração. Há comunidades que, prestes a começar a Celebração, estão procurando quem seja o comentarista, leitores e os cantos que vão ser captados. Isso deixa uma má impressão nas pessoas que possam estar participando pela primeira vez da celebração ali. Certas celebrações deixam os fiéis visitantes desmotivados, e daí pode acontecer que nunca mais voltem, devido se sentirem mal acolhidos e até decepcionados com a fé.

O Concílio Ecumênico Vaticano II deu a sua contribuição, em 1963, quando aconteceu a inovação litúrgica pelo Movimento Litúrgico, introduzindo outras funções que puderam ser exercidas pelos leigos, sobretudo nas chamadas “Missas Comunitárias”. Leigos faziam as leituras com linguagem à altura do povo enquanto o padre fazia a leitura em Latim; leigos animavam o canto popular, leigos traziam as

oferendas até o altar, leigos acolhiam os irmãos na porta da Igreja”.¹⁷⁴ Ora, o Concílio Vaticano II, consciente da grande colaboração que os leigos viriam dar à Igreja, não pensou duas vezes nem duvidou em reforçar os fundamentos teológicos: o sacerdócio é de todo o povo batizado e a diversificação dos ministérios litúrgicos como expressão da Igreja Corpo de Cristo, em que cada membro pudesse ter sua tarefa específica em função do bem comum. Mas para funcionar concretamente, urge a exigência de uma preparada Equipe Litúrgica diocesana ou paroquial, que tenha vínculo tanto com a celebração na comunidade urbana como na rural, uma equipe que deve se preocupar com a preparação para a execução daquelas funções citadas anteriormente e que aqui reforçamos: “o acolhimento, as leituras, as preces dos fiéis e o canto, a serviço do altar”. Isso vale não só para as missas, mas para todas as celebrações litúrgicas. Essa equipe tem como compromisso central sugerir o espírito da renovação litúrgica conciliar, que se dá na participação plena do todo o povo na Liturgia. Essa equipe também é chamada por muitas vezes a assumir junto ao padre tudo o que diz respeito ao campo litúrgico, por exemplo a organização, formação e animação dos integrantes.

Não duvidamos, é claro, do potencial que os leigos têm, mas se existe uma equipe que os forme com integridade, sem dúvida teremos também a nossa Igreja com leigos mais preparados e mais comprometidos com o fazer perfeito de todas as celebrações litúrgicas. Falando da necessidade dessas equipes, é interessante ressaltar que elas devem descentralizar a formação de nível paroquial ou diocesano para todas as comunidades rurais, pois é lá que está a sede maior do aprendizado, a maior dificuldade em celebrar ou mesmo de se deslocar para as cidades em busca de formação. Frente a esses desafios, as equipes de liturgia têm como função formar novas equipes de liturgia para o novo milênio, de maneira que todas as comunidades tenham uma equipe bem-preparada para a visita de seu pároco, podendo participar intensamente das Celebrações Litúrgicas que acontecem na comunidade.

É indispensável que essas equipes saibam que jamais poderão tornar-se depósito de palavras, mas devem devolvê-las ao povo, para tomá-lo participante

¹⁷⁴ BUYST, Ione. Equipe de liturgia I. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 13

ativo da celebração e não mais um assistente mudo e passivo. Por isso, é de fundamental importância o entrosamento entre a pastoral Litúrgica e as demais pastorais diocesanas, paroquiais ou da comunidade, para que juntos possam estudar e aprofundar os problemas que levam ao enfraquecimento das celebrações e juntos possam também dar uma resposta com métodos renovados e líderes mais qualificados.

Esperamos que todos os questionamentos explicitados neste último capítulo sejam entendidos como um incentivo a um aprimoramento da Sagrada Liturgia. Não nos resta dúvida de que a Liturgia atual, em comparação com a do Concílio Tridentino até às vésperas do Concílio Ecumênico Vaticano II, atingiu melhor participação por parte dos fiéis. Acreditamos indubitavelmente nisso. O que na verdade queremos é que, apesar de terem atingido já um número agradável de fiéis, as celebrações litúrgicas possam abranger ainda mais a participação. Se falarmos que as celebrações estão cem por cento (100%), correríamos o risco de as equipes se acomodarem, aquietando-se com o nível de envolvimento de fiéis que se tem. Mas não podemos deixar de louvar pela organização litúrgica de alguns lugares.

Podemos resistir questionando que a Liturgia está muito esquecida, uma vez que precisa ser cuidada com muito carinho para de fato ser a vida dos participantes da celebração. Há probabilidade de a Igreja estudar os casos e procurar uma maneira que possa ajudar melhor nesse sentido para uma atração maior dos fiéis frente às celebrações, e a Igreja tem pessoas com capacidade para isso. O que na verdade falta é incentivo, investimento e boa vontade.

Conclusão

A Liturgia foi e continua sendo “Uma ação sagrada pela qual, através dos ritos sensíveis, se exerce, no Espírito Santo, o múnus sacerdotal de Cristo. A Igreja, pela sua ação litúrgica, promove a santificação do homem e a glorificação de Deus”. Mas para o cristão mergulhar no mistério de Cristo por intermédio da Liturgia, é necessário, antes de tudo, que ele se esvazie de si mesmo, de seu egoísmo e de seus pecados, e a partir daí possa tomar água da fonte que gera a vida nova e permanece para sempre.

É a Liturgia que encoraja e anima os fiéis que dela participam com fé viva e eficaz. Foi com esse espírito de humildade, verdade, caridade que com muita consciência, os padres conciliares na Constituição Sacrosanctum Concilium foram contra os estudiosos — teólogos e deram uma atenção especial à Liturgia, não a tratando simplesmente como objeto de estudo.

Não temos dúvida de que a coragem, inteligência e sensibilidade dos papas João XXIII e Paulo VI e a disponibilidade de outros bispos e padres trouxeram novidades à Igreja referentes à Liturgia. Para aquele momento foi um espanto; diríamos que seria benéfico que se criasse outro concílio, caso houvesse possibilidade, pois isso daria novo ardor ao campo litúrgico.

Com isso, não queremos que a nossa Igreja não tenha melhorado com referência às celebrações litúrgicas; o nosso questionamento e a impressão que temos é que há Igrejas e capelas particulares em que muitas vezes as celebrações são vazias praticamente. Ora, se as Igrejas estão nessa situação, é porque falta algo que prenda a atenção dos fiéis. É nesse sentido que estamos fazendo as nossas críticas.

É claro que não estamos fazendo críticas ao Concílio Vaticano II, e sim às lideranças católicas que não desenvolveram e não estão desenvolvendo os seus ministérios e funções dentro da Igreja na Liturgia. Esse gesto não participativo por parte de alguns cristãos faz entender que eles estejam insatisfeitos ou não compreenderam as motivações e inovações do Concílio Vaticano II.

Por outro lado, em certas Igrejas locais ou regionais, há lideranças católicas que, através de suas celebrações, demonstram-se insatisfeitas com a proposta

inovadora do Concílio Vaticano II, partindo do ponto de vista centralizados das celebrações litúrgicas, segundo o qual o padre ou o dirigente leigo faz tudo. Com esse comportamento, essas lideranças deixam transparecer uma certa insegurança a respeito dos seus ministérios e funções, e ainda que não estão cientes de seus espaços na Liturgia. Agora deve ficar compreendido que esses acontecimentos não surgem em todas as Igrejas, e sim em uma minoria.

A proposta conciliar sobre a Liturgia apareceu num tempo oportuno, ou seja, nem período adequado. O que falta na verdade de nossa parte é o compromisso solidário que nos faça partilhar os dons uns com os outros, isto é, buscar o enriquecimento mútuo. Falamos muito sobre solidariedade e, no entanto, pouco a praticamos. Não basta só queremos ser solidários com os outros. O desafio permanente nos exige exercer nossa solidariedade através de uma atuação sempre mais competente, contínua e consequente, na formação e preparação de nossas celebrações litúrgicas, para uma melhor qualidade dessas mesmas celebrações.

Os sonhos e realizações propostos pelo Vaticano II com relação à Liturgia devem ser mais valorizados e incentivados por todos nós que estamos empenhados numa causa. a construção do Reino de Deus. E, sendo que a Liturgia está caminhando, acreditamos que por intermédio dela muitas vidas serão salvas. Portanto, é de nossa incumbência conscientizar e libertar os fiéis que buscam na celebração Litúrgica forças para a vivência de sua fé e vida, baseada no amor e na fraternidade exigida por Jesus Cristo a cada um dos seus seguidores e imitadores.

Bibliografia

1. DICIONÁRIO DE LITURGIA. Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1992;
2. BECKHAUSER, Frei Alberto, O.F.M. Celebrar a Vida Cristã, 6ª edição, Ed. Vozes. Petrópolis Rio de Janeiro — RJ. 1996;
3. ROICCHETA, Carlos. Os Sacramentos da Fé. Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1991;
4. CAMPOS, P.N. a Igreja do Povo de Deus e a Liturgia. Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1996;
5. ORIENTAÇÃO PARA A CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS. Documentos da CNBB Nº 52, Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1994;
6. KLOPPENBURG, Frei Boaventura O.F.M, VIER, Frei Frederico O.F.M. Compêndio Vaticano II. Constituição — Decretos — Declarações. Ed. Vozes, Petrópolis Rio de Janeiro — RJ, 1989;
7. ANIMAÇÃO DA VIDA LITÚRGICA NO BRASIL, Documentos da CNBB Nº43, Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1985,
8. PUEBLA. Conclusões da BI Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 9ª edição, Ed. Paulinas, São — SP. 1979;
9. MEDELLIN. II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, Conclusões de Medellin, 6ª edição, Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1987;
10. SANTO DOMINGO — IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, Ed. Loyola, São Paulo — SP. 1993;
11. VVAA, Anamnesis 1. A Liturgia — Momento Histórico da Salvação, Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1987;
12. BUYST, Ione. Como estudar Liturgia — Princípios de Ciência Litúrgica, Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1990;
13. DEISS, Lucien. A Ceia do Senhor — Eucaristia dos Cristãos, Ed. Paulinas, São Paulo - SP. 1977;
14. VALLE, Pe. Sérgio F. SJC. A Liturgia da Catequese — Aprender a Celebrar Celebrando, Cd. Paulinas, São Paulo — SP. 1993;
15. VIDA PASTORAL — A EUCARISTIA NO BOJO DA INJUSTIÇA ESTRUTURAL, Ano XXVI nº123 — julho/ agosto de 1985;16

16. REVISTA PASTORAL — A ARTE DE CELEBRAR, Ano XXI N'99 — Março/Abril de 1980;
17. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. A Liturgia Romana e a Inculturação. IV Instrução para uma correta aplicação da Constituição Conciliar sobre Liturgia. Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1994;
18. BORÓSIO, Dionísio ou VVAA — A Celebração na Igreja, Liturgia e Sacramentologia Fundamental, Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1990;
19. MARTIMORT, MG. - A Eucaristia. A Igreja em Oração Vol. 2, Ed. Vozes, Petrópolis Rio de Janeiro - RJ. 1989;
20. JÃOZINHO, Pe. SCI — Curso de Liturgia, Ed. Loyola, São Paulo - SP. 1995;
21. VV.AA, Anamnesis 6 — Os Sacramentos e as Bênçãos. Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1993;
22. VV.AA — História do Concílio Vaticano II, Vol. I, O Catolicismo rumo à nova era, O Anúncio e a Preparação do Vaticano II, Ed. Vozes, Petrópolis Rio de Janeiro - RJ. 1996;
23. BORTOLINI, Pe. JOSÉ - Os Sacramentos em sua vida, Ed. Paulinas, São Paulo - SP. 1985;
24. PAULO VI, Somme Pontefice A Sagrada Eucaristia - Encíclica *Mysterium Fidei*. Documentos Pontifícios. Ed. Vozes, São Paulo - SP. 1965;
25. Constituição Sobre a Sagrada Liturgia promulgada na Sessão Pública do Concílio Vaticano II. E Motu próprio "Sacram Liturgiam". Ed. Paulinas, São Paulo - SP. 1963;
26. HARING, Bernardo — Redentorista, Vaticano II. O Concílio dos Irmãos. Editorial Perpétuo Socorro. Rio de Janeiro - RJ. 1975;
27. BECKHAUSER, Frei Alberto — OFM, Missal Romano — 4ª edição, Ed. Paulus, São Paulo - SP. 1992;
28. BECKHAUSER, Frei Alberto. Símbolos Litúrgicos, 12ª edição, Ed. Vozes, São Paulo - SP. 1996;
29. PIO XII, Somme Pontefice L'Osservatore Romano N°48, 29 de novembro de 1957;
30. PAULO VI, Somme Pontefice — Instrução sobre o Culto Eucarístico. Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1967;

31. CAMPOS, P.N. A Eucaristia no Concílio Vaticano 11. Ed. Paulinas, São Paulo - SP. 1993;
32. A Bíblia de Jerusalém. Ed. Paulinas, São Paulo — SP. 1980;
33. A Bíblia Sagrada — Edição Pastoral, Edições Paulinas, São Paulo — SP. 1990.